Nº 67 — Cr$ 100,00 — SETEMBRO DE 1981

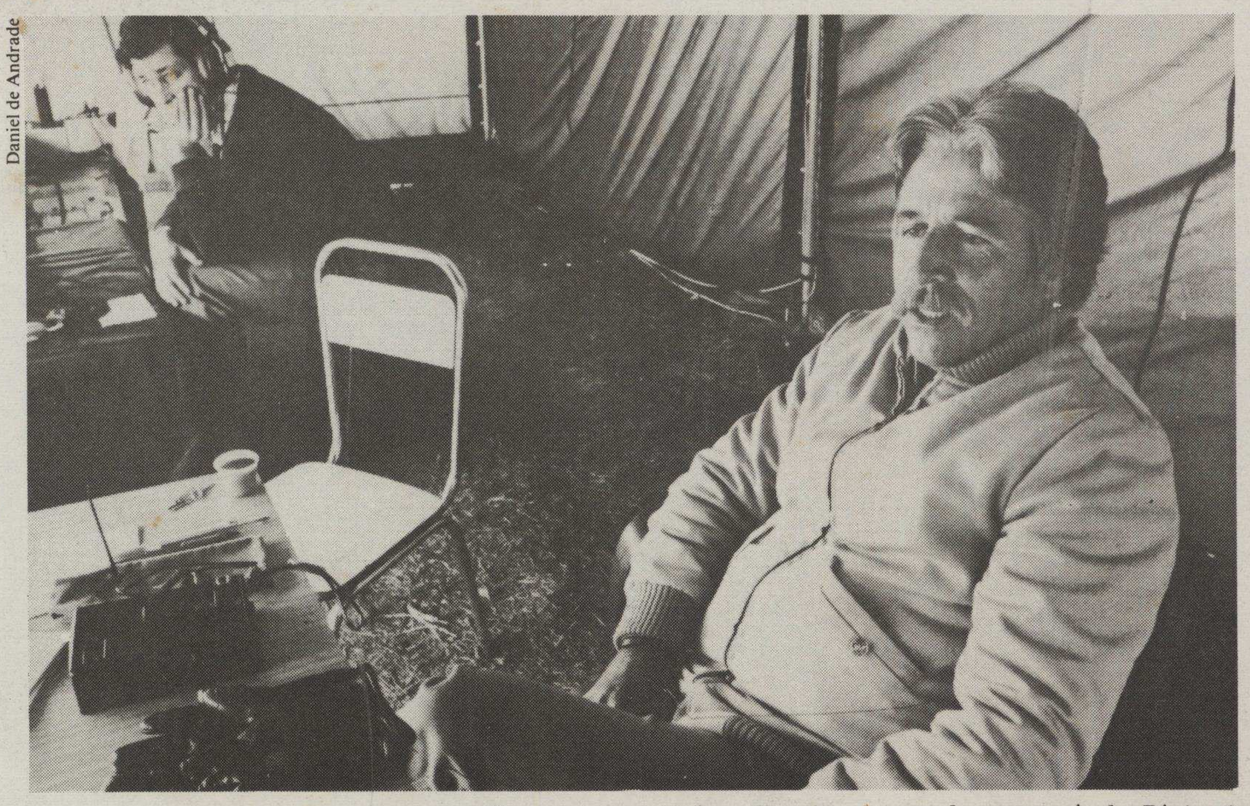
cooJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

PUIG

O peronismo — num capítulo do seu livro "Pubis Angelical". Págs.18 e 19

Ronda Alta: foi lá que Curió perdeu o bom humor



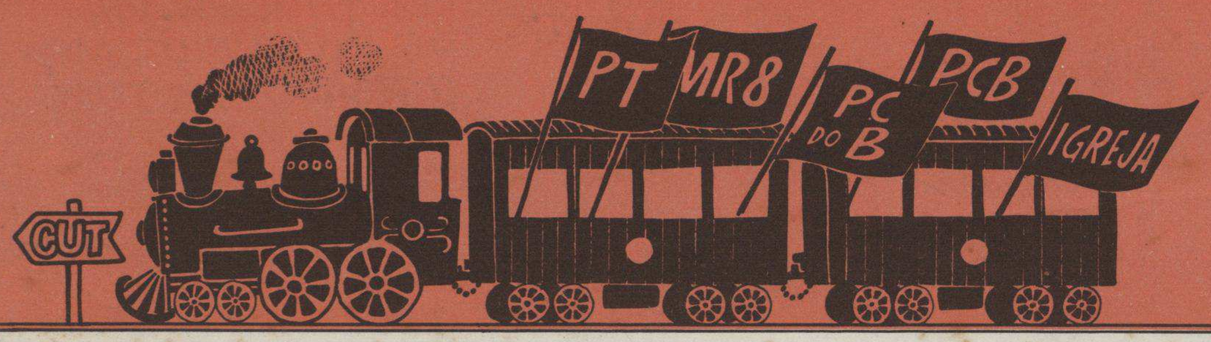
Daniel de Andrade

No acampamento dos colonos sem-terra: dores na vesícula. Página 8

Luiz Eduardo Achutti

EXCLUSIVO: Macanudo Taurino puxou fumo!

Entrevista-ficção com o personagem do humorista Santiago. Págs. 14 e 15



CONCLAT

A luta dos partidos para chegar ao comando sindical

Páginas 12e 13

Quem tem medo de DELFIM?

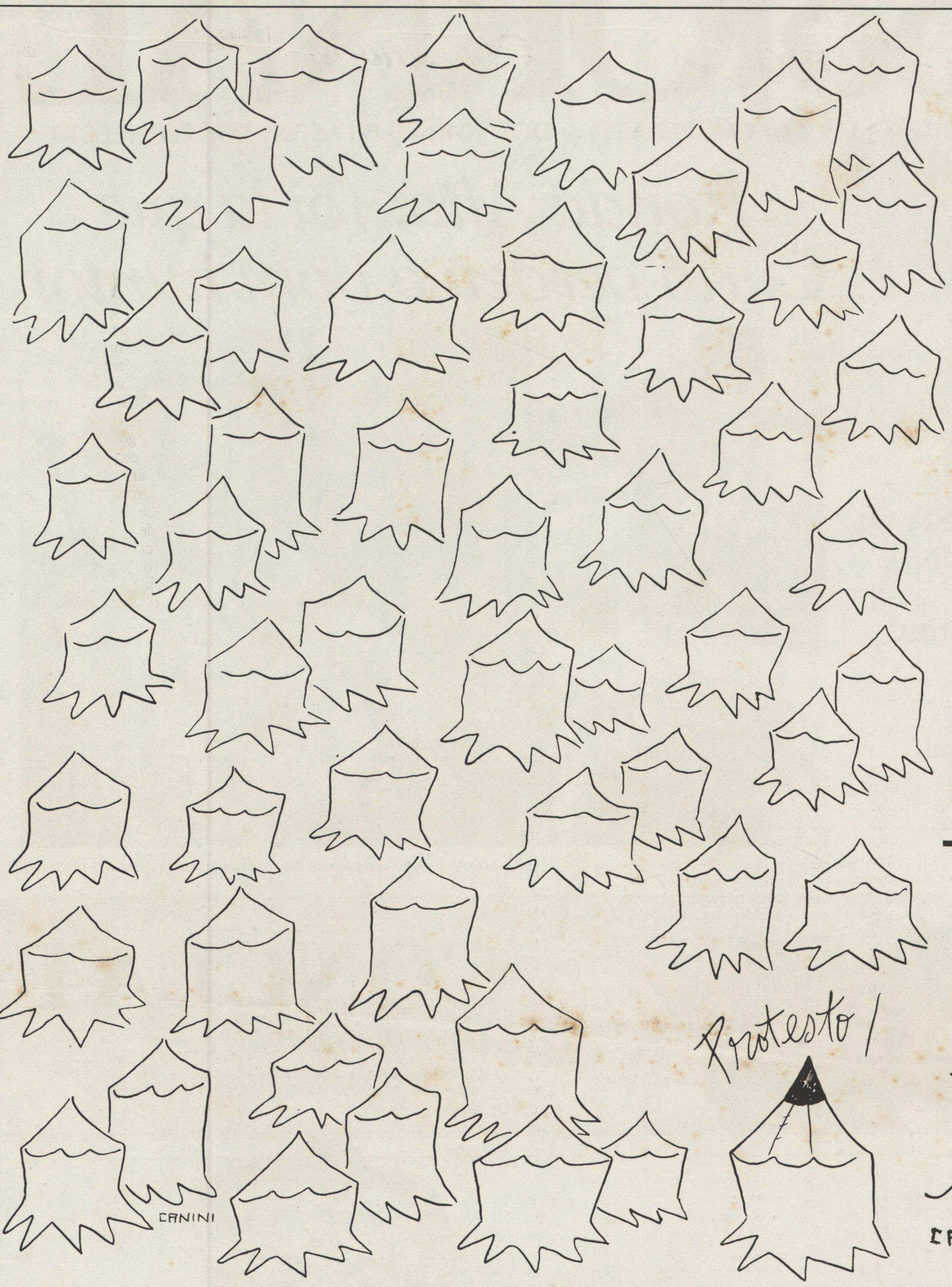
Os debates terminavam com um cala-boca *do Superministro. Até que Celso Furtado mostrasse os furos do Delfim*

Página Central

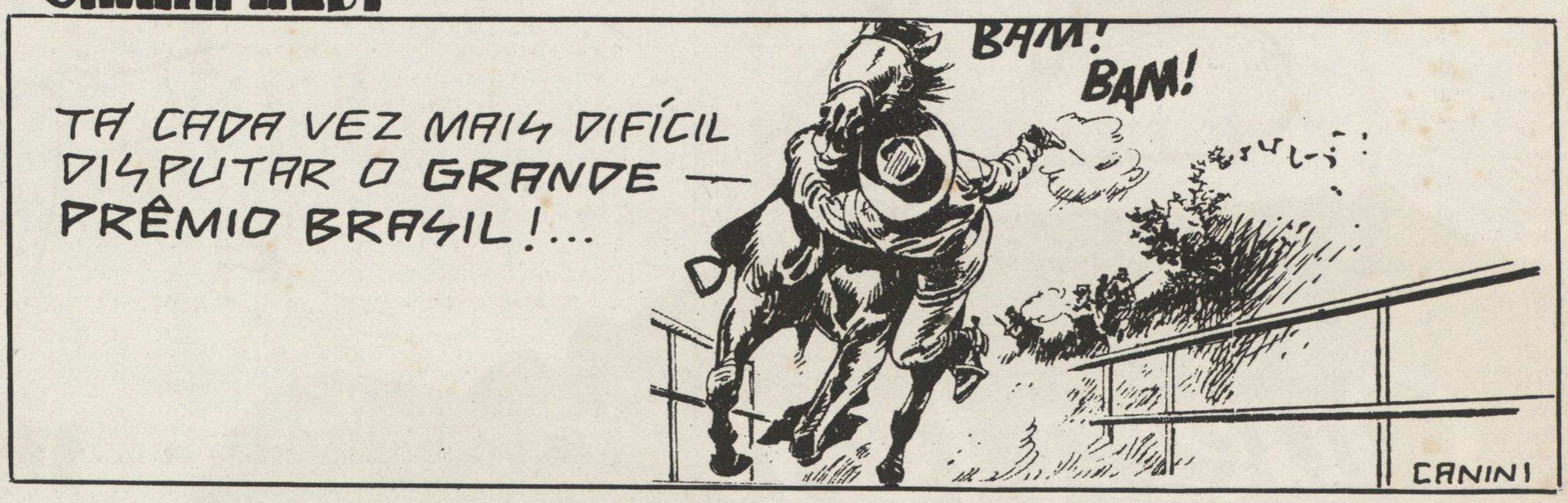
Triste Montevidéu **Galeano**

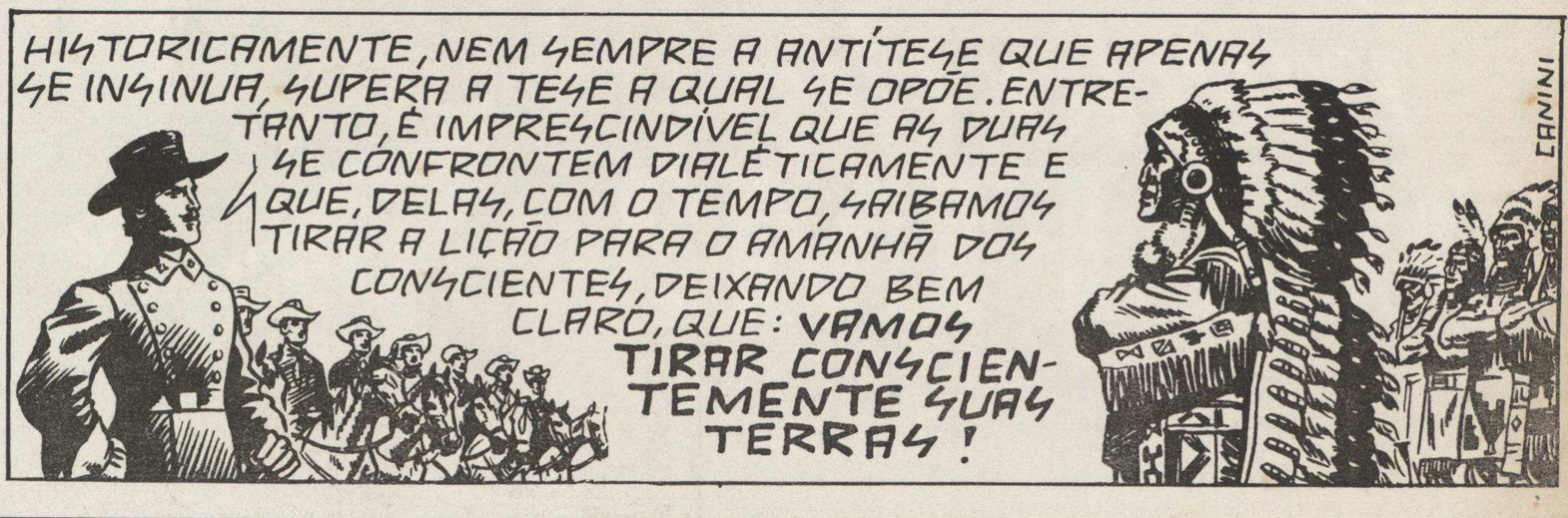
página 11

canini



CANINI WEST





BANCOS

Sulbrasileiro troca de dono ou reforma?

Fraco desempenho e fissuras estruturais ameaçam o bloco controlador do Banco Sulbrasileiro e 48% do capital em ações com direito a voto estão disponíveis no mercado, o que pode influir no comando do grupo.

O Montepio da Família Militar, uma empresa previdenciária privada organizada sobre a estrutura de uma antiga cooperativa de crédito de professores do Colégio Militar de Porto Alegre, ainda não teve seu novo plano de pecúlio aprovado pela Superintendência de Seguro Previdenciário (SUSEP). Paralelamente, beneficiários de planos antigos recorrem à Justiça para exigir o "soldo de coronel" originalmente prometido e obtêm um êxito relativo, algo longe do salário de um oficial das Forças Armadas, mas ainda assim cerca de 10 vezes superior ao que o montepio se propunha a pagar.

O problema mais sério, entretanto, dessa entidade previdenciária, diz respeito ao que seu ex-presidente, Daniel Monteiro, classificava de "financial supporte", o grupo financeiro Sulbrasileiro,, o "coisa nossa". Toda companhia previdenciária, explicava ele, atravessa duas fases distintas: "Na primeira, acumula grande número de associados e forma uma poupança que deve aplicar criteriosamente. Na segunda, cerca de 10 anos depois, quando o bolo cresce num ritmo regular, deve administrar seus recursos para cumprir seus compromissos com os mutuários". No momento, porém, a arrecadação está prejudicada e todo seu capital, canalizado para o grupo Sulbrasileiro, não apresenta uma rentabilidade adequada.

E o que é pior, o MFM endividado começa a enfrentar pressões sobre o controle acionário do Banco Sulbrasileiro originadas dentro de sua própria estrutura. Na verdade, o que ocorre é que o "coisa nossa" nunca chegou a ser inteiramente do montepio, que só conseguiu somar 52% de seu capital votante apelando para vários artifícios de composição legal. Ao adquirir o Banco da Província, por exemplo, comprou apenas a maioria da Suma, *holding* que detém cerca de 11% do capital votante do Sulbrasileiro. Da cadeira de presidente deste banco, graças a isso, é possível controlar a Suma, o Instituto dos funcionários do antigo Sulbanco, que também foi absorvido e ficou com algo em torno de 12% do capital controlador, a caixa de pecúlio do Banco Nacional do Comércio, com 6% e a Companhia de Seguros Sulbrasileiro, também com ações nominais. O montepio, com 23% das ações com direito a voto, indicava o presidente.

No ano passado, porém, desdobrou o capital do banco formando uma nova *holding*, a Sulbrasileiro Participações Ltda., entregando 20% dessa nova empresa de participações para um grupo de empresários liderados por José Antônio Carchedi, que já detém 20% do Banco de Investimentos Sulbrasileiro. Na medida que foi aberto caminho para esse sócio civil no banco comercial, ficaram evidentes, também, os desentendimentos com outro sócio, o empresário Arnaldo Gueller, detentor de 40% do capital em cada uma das duas empresas de crédito imobiliário do grupo. Gueller confirma negociações para rompimento da sociedade, pretendendo ficar com o controle total da empresa de crédito imobiliário de São Paulo e entregando a de Porto Alegre para o grupo Sulbrasileiro.

MAU DESEMPENHO

Nessa altura, as negociações dentro do banco comercial afloraram, inclusive com um diretor anunciando a breve indicação de Carchedi para sua vice-presidência. A hipótese de que acabe assumindo o controle não pode ser descartada, contudo. Um plano nesse sentido, prevendo um substancial aumento de capital com chamada para subscrição, possibilitando a troca de comando do grupo financeiro, chegou a ser apresentado à diretoria do MFM, anos atrás, mas foi rejeitado. Teme-se agora esteja em execução, pois existem estudos para o Banco Comercial Sul Brasil, controlador das demais empresas financeiras, duplicar seu atual capital social, no momento de Cr$ 3 bilhões.

Com Cr$ 32 bilhões de depósitos totais e Cr$ 39 bilhões de empréstimos, no final do primeiro semestre deste ano, a rentabilidade do Sulbrasileiro está longe de acompanhar, contudo, a performance de seus concorrentes do setor. Neste período, enquanto o Banco do Brasil teve uma rentabilidade patrimonial de 31,6%, o Bradesco 23,6%, o Safra 35,5% e o Real 29,7%, o Sulbrasileiro apresentou apenas 6,8%. Sua rentabilidade por depósitos foi de tão somente 1,6%, inferior ao Banco do Brasil com seus 23,5%, Bradesco com 8,5, Nordeste do Brasil com 18,2 ou Safra com 8,6. Esse resultado decorre, segundo assessor da diretoria, da falta de entrosamento das diversas empresas do grupo. Para que passe a operar como um conglomerado, porém, torna-se indispensável solucionar sua intrincada constituição acionária. As negociações estão em andamento e o grande temor, nos meios financeiros gaúchos, é de que o grupo acabe sendo absorvido por empresários de fora do Estado. Tem muita gente de olho no "coisa nossa".

Delmar Marques

REMÉDIOS

Condenado pela bula

Lomotil é um antidiarréico bastante conhecido do público consumidor brasileiro. Seu preço é acessível: Cr$ 59,22 em gotas. Seu uso é generalizado, indiscriminadamente, entre crianças e adultos. Mas trata-se de um medicamento condenado, na maioria dos usos a que se propõe, pela Organização Mundial da Saúde desde 1976 (1).

Esta não é a primeira vez que remédios condenados, total ou parcialmente, pelos mais abalizados órgãos de pesquisa do mundo, como a Associação Médica Britânica ou o Jornal da Associação Americana de Medicina, continuam a ser vendidos no Brasil muito tempo após a publicação de pesquisas condenando o seu uso. Temos exemplos como Optalidom, Mexafórmio (com Cloquinol, produto químico mundialmente condenado), Entero-Viofórmio, Commel e outros, vendidos no Brasil e em países do Terceiro Mundo mesmo após condenações na Europa e Estados Unidos.

O problema não é de difícil solução, muito pelo contrário. As pesquisas da Organização Mundial da Saúde ou de qualquer outro órgão de pesquisa são mundialmente conhecidas. O que falta é a coragem para punir os responsáveis. No caso da G.D. Searle, fabricante do Lomotil, proibir a comercialização do produto.

Vejam até onde vai o abuso na comercialização. Tenho em mãos uma bula de Lomotil. A bula, aliás, inexiste em países como a Inglaterra, onde o remédio só pode ser comprado na farmácia com prescrição médica e na dosagem indicada pelo médico. Se ele indicou um tratamento num total de 20 comprimidos, a farmácia venderá ao cliente 20 comprimidos. Nenhum a mais. Mas a bula do Lomotil diz:

"... inibindo prontamente a hipermotilidade intestinal, poupa a perda de água e eletrólitos, bem como das vitaminas e sais minerais, *evitando a desidratação* que ocorre comumente nos processos diarréicos em nosso meio".

Lomotil não é um tratamento para desidratação como a bula nos quer fazer pensar. Na verdade ele é um dos nove remédios não recomendados pela Organização Mundial da Saúde no tratamento e prevenção da desidratação em casos de diarréia (1). A insinuação da bula para o uso de Lomotil na desidratação em casos de diarréia, tendo em vista o estudo da OMS é, no mínimo, mal intencionada.

DUPLO SENTIDO

Mas existem coisas piores nesta mesma bula. Na parte referente a precauções, ela diz o seguinte: "Não recomendamos o uso de difenoxilato em crianças até 3 meses de idade". O difenoxilato é o principal produto químico do Lomotil. A linguagem é, portanto, propositadamente dúbia. Para o leigo que lê a bula deveria estar escrito: não recomendamos Lomotil para crianças até 3 meses de idade.

Na Inglaterra, o mesmo fabricante recomenda que o mesmo remédio não seja dado para crianças com *menos* de 1 ano. Está, então, provado aquilo que em Direito chama-se *dolo* e que o *Aurélio* define como "vontade conscientemente dirigida a fim de obter um resultado criminoso". Nos Estados Unidos, Lomotil é contraindicado para crianças com menos de 2 anos.

Na bula também há uma tabela indicando a dosagem que a criança deve tomar. O critério da tabela não é a idade da criança, mas o seu peso. Assim, a bula sugere como posologia (dose mínima) que uma criança de três quilos, provavelmente um recém-nascido e, portanto, com menos de três meses, tome 9 gotas de Lomotil cada seis horas. Já em 1977 o Jornal da Associação Britânica de Medicina publicava um artigo que dizia, entre outras coisas, que "a ingestão de Lomotil é causa de séria intoxicação (*poisoning*) em crianças pequenas, principalmente aquelas com menos de cinco anos de idade". E acrescenta: "É sempre difícil determinar a dose em pacientes intoxicados, mas parece que crianças pequenas podem apresentar sintomas desenvolvidos de intoxicação depois de ter tomado entre um e cinco comprimidos" (2). O mesmo estudo diz que "existe uma margem muito estreita entre aquilo que seria a dose terapêutica e a dose tóxica".

"Não se relatou, até o momento, nenhuma contraindicação para seu uso", diz a bula de Lomotil. Mais uma vez fica provado o dolo do agente. Como aceitar que a Searle ignore as conclusões da OMS, que num relatório de 1976 afirma que entre os medicamentos que não devem ser usados no tratamento da diarréia está a Neomicina. Lomotil com Neomicina (um antibiótico) é vendido também no Brasil. "A Neomicina não só pode causar problemas renais, mas também pode piorar a diarréia, a perda nutricional e prejudicar a terapia de reidratação" (3).

Segundo a bula de Lomotil, os "efeitos secundários são relativamente raros". Uma inverdade. "Os poucos que foram relatados são: irritação intestinal, sedação, enjôo, dermatose e insônia". Mais inverdades. Os mesmos estudos acima mencionados concluem que uma intoxicação causada por Lomotil em crianças inclui depressão respiratória, coma e mesmo a morte. A própria bula de Lomotil poderia levar o seu fabricante, a Searle, a uma condenação por um tribunal nacional ou internacional.

Jacob Wolfson Fº

(1) Organização Mundial da Saúde: Tratamento e Prevenção da Desidratação em Doenças Diarréicas. Genebra 1976.
(2) Publicado inicialmente em Pediatrigs (janeiro 1980, págs. 157/158).
(3) Universidade Johns Hopkins: Terapia para Reidratação Oral para Crianças com Diarréia (em Population Report, novembro/dezembro de 1980, pág. 54)
Informação: Social Audt, Londres.

RETORNANDO

Estado de choque

Depois de sete anos, cinco dos quais em Moçambique, retorno definitivamente (definitivamente?) às nossas margens plácidas. A impressão que se tem, chegado de onde se chega, assim no de repente é mesmo pra desnortear. Dois mundos. Um deles tão pobrezinho, em sangrentas penas na sua humilde marcha rumo ao socialismo. Este nosso tão grandiloquente, é a palavra que me ocorre, também marcha, é claro, apenas não sei para onde. Difícil controlar, difícil por onde começar.

Vou começar pelo papel higiênico, a sério, foi o primeiro choque.

Acontece que quando saí de Moçambique estava justamente rareando o papel higiênico. Primeira necessidade para nós, é evidente, que ainda temos dificuldade em usar o jornal ou o sabugo de milho como usavam antes da *revolução* os nossos camponeses de pouca terra. Entrei num supermercado. Alice no País das Maravilhas! Papel de todos os tipos e marcas, papel para todos os gostos. Papel para bebê, para crianças em idade escolar, para debutantes, para senhoras e senhores e até para empregadas domésticas! Um luxo de lavar os olhos. Dizer que lá, quando aparece na loja do povo ou da cooperativa e agente logo açambarca (vestígios, mentalidade que os anos não apagaram), é um feio, áspero, pardo e sem nem se saber a procedência porque sem invólucro.

Embarco de imediato noutro contraste, este porém da informação. Tempos depois da visita ao supermercado, no jornal matutino de meu sogro, assinatura secular, ancestral, lia em título de primeira página: "Itália sofre com o menino no poço".

O que seria isso, meu Deus?! Pensei logo nas brigadas vermelhas, filho de milionário comprometido que não pagou o resgate... Não, retaliação de qualquer organismo neo-fascista, vítima do Riocentro lá deles que foi parar num poço... Pois não era nada disso. Um menino comum que caiu lá na distante Itália e vinha fazendo fungar as nossas donas de casa, arrepiar a família diante do colorido das tevês.

É óbvio que ninguém quis explorar o terror da infeliz criança, a lenta agonia, o sofrimento dos pais, mas certamente a velha norma jornalística sobre a proximidade no espaço já era, devo estar desatualizado, pois também não noticiaram sem grande sensacionalismo a morte igualmente lenta pela subnutrição de crianças aqui bem pertinho no acampamento de Ronda Alta?

E já nem é preciso falar de crianças em Caxias do Sul que comeram quijo podre da lata de lixo. Falo antes da preocupação do repórter da tevê de saber *como* elas encontraram o queijo, *como* era o queixo, *como* estava enrolado o quijo, *como* ingeriram o queijo. Muitos "comos" mas nenhum "porquê". "Porquês" abundantes e variáveis, interrogativos e casuais, fui encontrar logo no programa a seguir: "Por que as mulheres compram mais?".

Porque o marido proibe, porque as amigas não têm, porque... Alguém já deve estar perguntando a troco de que tudo isso e terá sua razão. Desculpem, estou justamente puxando brasa para um outro tipo de informação que senta lá nas margens nada plácidas do Índico. Tão modesta, feia, inexperiente, pouco informativa, mas sempre que possível formativa, educativa, em total desabono do sensacionalismo.

Apenas um exemplo para terminar. Após a nacionalização dos prédios de aluguel, o povo das palhoças veio em massa ocupar os apartamentos dos colonialistas que se mandavam também em massa. Com a falta da noção de altura passou então a ser fato comum as crianças se despencarem do alto dos edifícios. A imprensa noticiava, sem fotos, sem alarde, mas o corpo da notícia era transformado em orientação aos pais. É isso aí.

Alfredo Nery Paiva

Emoldurar um quadro é complementá-lo.

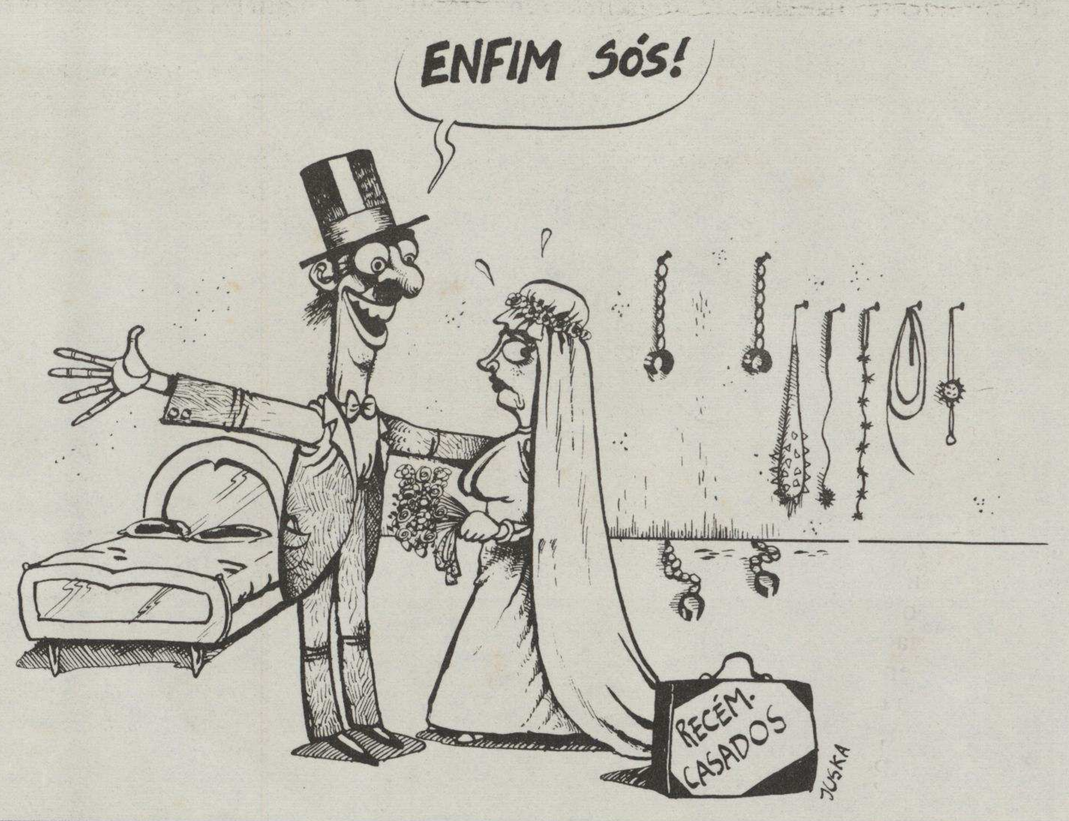
DELPHUS®

ARTE EM MOLDURAS

Cristóvão Colombo, 1.103 — Fone: 22-3232 — Porto Alegre — RS

juska

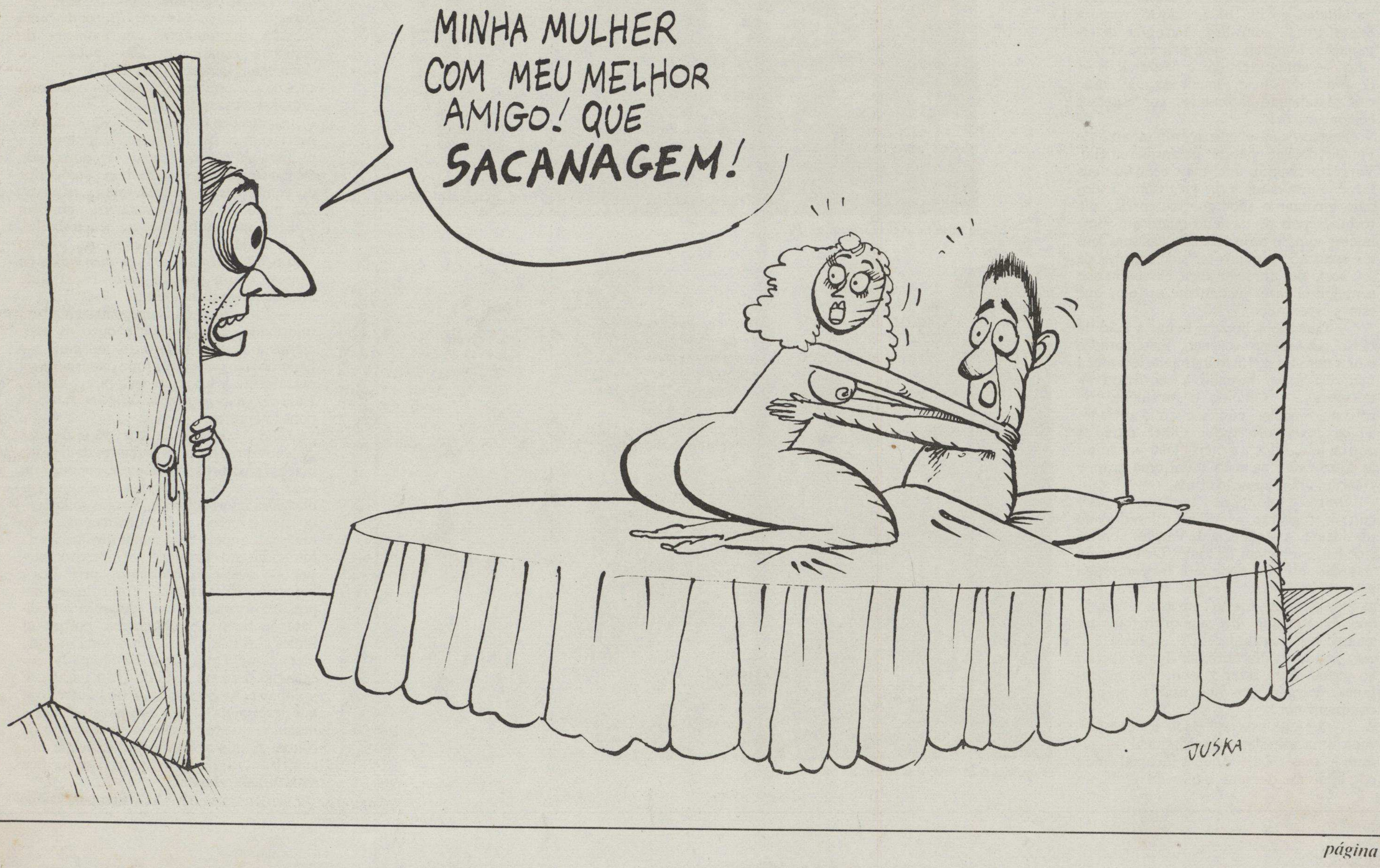
MOTEL
SERÁ QUE VAI TER ELEIÇÕES EM 82?
OLHA, COM POLÍTICA EU NÃO ME METO!

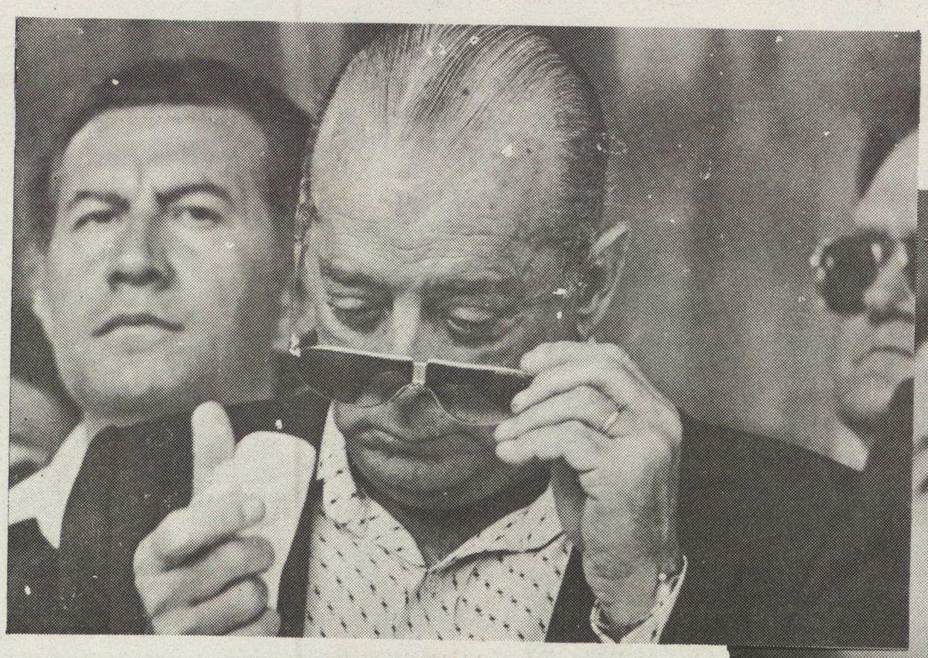

ENFIM SÓS!
RECÉM-CASADOS
JUSKA

BENZINHO, ME EMPRESTA TRES MILHÕES?
EMPRESTO.
PUXA! COMO VOCÊ É BOM NA CAMA!
JUSKA

A ALMA DELA ESTÁ FEIA, MAS O CORPO...
JUSKA

NÃO SERVIMOS SÓ BEBIDA, SENHOR. TEM QUE COMER.
NÃO BRINCA...


MINHA MULHER COM MEU MELHOR AMIGO! QUE SACANAGEM!
JUSKA



Fotos de Antonio Vargas

Após duas horas de expectativa, Figueiredo finalmente tira os óculos —e Vargas consegue mostrar ao país, pela primeira vez, como ficou o rosto do Presidente após a operação plástica

Profissional: no lugar certo, exato momento

Baru Derquin

Vargas: marcação cerrada sobre Figueiredo

Foram quase duas horas de intensa expectativa e de atenção redobrada. Mas, profissional aplicado, com oito anos de experiência e vencedor de vários prêmios nacionais e internacionais, o fotógrafo Antônio Vargas, de 37 anos, da sucursal do *Estado de S. Paulo* em Porto Alegre, saiu da cidade, no dia 14 de agosto, rumo a Santa Rosa, com uma ferrenha determinação: fotografar, pela primeira vez, os olhos — ainda inchados e desparelhos — do presidente João Figueiredo, até então cuidadosamente escondidos por espessos óculos escuros.

Postado quase dois metros abaixo de Figueiredo, ao pé do palanque oficial, Vargas pressentiu que, mais cedo ou mais tarde, o presidente teria que tirar os óculos para enxugar o suor que lhe corria pelo rosto. Depois de ter feito quase um filme inteiro com "o povo refletido nas suas lentes escuras", e quase ter sido expulso de seu posto por um segurança, ele sentiu que conseguiria fazer justamente as fotos que estava esperando:

— Quando o homem botou a mão no bolso para pegar o lenço, meu coração bateu mais forte. Imediatamente levantei a máquina e saí fazendo a seqüência — relembra. — Quando o presidente recolocou os óculos, eu já me sentia aliviado. Tinha registrado tudo. Olhei para os outros fotógrafos e gritei: "Deu pra mim; as fotos estão na mão". Foi uma grande emoção, uma sensação ótima.

Outros fotógrafos também conseguiram registrar os olhos dilatados do presidente. A seqüência de Vargas, porém, é de longe a melhor de todas. Deu capa do *Estadão* no dia seguinte e foi comprada pela revista *Veja*. Vargas, é claro, não ganhou nem um tostão com esta venda, já que, há um ano, lhe sugeriram que assinasse um contrato com a *Agência Estado,* ao invés de continuar ligado apenas ao jornal. Para fazer a seqüência, no entanto, Vargas teve que usar o próprio equipamento:

— Sei que esta até pode ser considerada uma atitude antiprofissional — admite — mas acontece que a sucursal ainda não pôde me dar um *motor-drive*. E, no dedo, seria muito difícil registrar algum provável deslize do presidente.

Foi "no dedo", porém, que Vargas conseguiu fazer as melhores fotos de sua bem sucedida carreira jornalística. Sem motor, registrou seqüências memoráveis, como *Pátria,* durante uma passeata estudantil em agosto de 78, onde uma menina empunhando um bandeira do Brasil é espancada pelos policiais, e *Violência,* feita num Gre-Nal de 1977, no mesmo dia em que ele também conseguiu registrar a agressão ao juiz Luis Torres.

Alguns dos melhores trabalhos de Vargas fazem parte da exposição itinerante e do livro *Hecho en Latino América,* onde ele é o único, entre os melhores fotógrafos do continente, a ganhar quatro páginas. Em julho de 79, a revista *Íris* também dedicou muitas páginas ao seu trabalho. Mais tarde, Vargas recebeu um prêmio Nikon, fotografando a fuga dos índios de Nonoai e um prêmio Esso, registrando uma demonstração militar.

— Procuro andar sempre bastante bem informado. Leio jornais e ouço os noticiários o tempo inteiro — assegura. — Quando saio para fazer uma matéria, já sei exatamente a foto que devo fazer. Esta é, cada vez mais, a posição de todos os nossos bons fotógrafos.

Com a certeza de que os fotógrafos gaúchos estão entre os melhores do Brasil e que os brasileiros, por sua vez, conquistam cada vez mais espaço nas melhores publicações internacionais, Vargas só lamenta que o preço dos equipamentos e do material, impeça uma maior divulgação da fotografia no Brasil: — O terrível monopólio que a Kodak impõe, prejudica a todos nós. Hoje em dia é praticamente impossível formar-se um fotógrafo autodidata no Brasil. Simplesmente porque os filmes e as máquinas custam uma quantia exorbitante. Uma Nikon F3 equipada, por exemplo, está em mais de Cr$ 1 milhão. E a importação é complicadíssima. Tanto é, que levei mais de um ano para receber a máquina que havia ganho no concurso da Nikon. É que a Cacex simplesmente não autorizava a importação. E assim, fica mais difícil trabalhar.

Eduardo Bueno

A violência do Grenal de 1977

A fuga dos índios, em Nonoai: prêmio Nikon

MÚSICA

Valeu a pena, Jerônimo!

Purpurina, música vencedora do festival *MPB-81,* é resultado da curiosa aliança entre um gaúcho de Bagé, Jerônimo Jardim, e uma carioca "da gema", Lucinha Lins. Ela ganhou, com todos os méritos, o prêmio de melhor intérprete. Mas cariocas, em grandes festivais de música, não constituem nenhuma novidade. Novidade é um gaúcho, praticamente desconhecido no resto do Brasil (só não é totalmente porque no disco e show *Saudade do Brasil* Elis Regina gravou sua música *Moda de Sangue*), de repente transformar-se em personagem de primeira cena, vencendo um festival assistido por milhões de pessoas através da televisão. O dado concreto para o estabelecimento da carreira nacional de Jerônimo Jardim está lançado.

Quando, ano passado, Jerônimo decidiu abandonar seu rendoso emprego de publicitário para tentar a sorte no Centro do País (com a cara, a coragem e mais de 100 músicas na mala), inclusive deixando em Porto Alegre na expectativa, mulher e filhos, estava dando o segundo passo maior na direção de seu ideal, a música. O primeiro foi quando ele abandonou sua Bagé natal, no fim dos anos 60, renegando uma carreira de advogado para enfrentar Porto Alegre na direção do mesmo ideal. Mas aqui ele também não conseguiu viver de música, e as várias tentativas mantiveram a contradição entre o trabalho para sobreviver, e a vocação. Porto Alegre, embora a antropofagia provinciana, os shows bem montados para teatros quase vazios e a angústia subseqüente afligindo a alma do artista, não foi um trampolim de todo frustrante. Aqui, Jerônimo passou a ser conhecido pelo Rio Grande do Sul. Compôs enredos para escolas de samba, criou com Ivaldo Roque (seu parceiro durante muito tempo) o grupo *Pentagrama,* do qual há um disco lançado. Participou de várias *Califórnia da Canção Nativa,* destacando-se em três delas com as músicas *Coto de Vela* (com Ivaldo), *Seis da Manhã* (com Zezinho Athanázio) e, como cantor defendendo *Sementes de Pedra* (de Geraldo Flach e Kenelmo Alves). Venceu com as duas últimas, a linha de Projeção Folclórica da *Califórnia.* (*Juarez Fonseca*)

BARÃO, CASTELO...

O dinheiro é uma fábula

Estavam o Bolso do Miserável, a Carteira do Remediado e o Cofre do Opulento numa boa (isto é, o Bolso não estava pagando imposto de área desocupada, a Carteira não estava sendo pungada e o Cofre não estava aberto ao fisco) quando, muito frajolas, passaram por eles as novas notas da moeda brasileira.

Cada um fez o possível pra chamar a atenção das ricas coisinhas:

O Bolso tentou desembolsar alguma frase de importância, mas bolso furado não tem importância nenhuma.

A Carteira abriu-se toda, exibindo suas partes íntimas, tentando erotizar o encontro. Mas as notas perceberam que o seu íntimo não tinha valor .

O Cofre, abarrotado de segundas intenções pecuniárias, deu uma quande quantia de assobios, no que agradou em cheio.

As notas, estalando de emoção, chegaram mais, mostrando suas bem maquiadas efígies ao Cofre. Ele se aproximou, contou seus segredos, escancarando seu coração para elas. Imediatamente elas entraram e se aninharam no peito do Cofre, que ficou mais estufado ainda.

O Bolso, esfarrapado, saiu dali quieto, de cabeça baixa, pensando em como dar uma faturada firme numa moedinha perdida num fio de calçada.

A Carteira, que sonhava em se rechear com as novatas à solta, fechou-se. E como seus encantos não haviam dado no couro, sumiu.

Quanto às novas notas, estão por aí, gastando sua juventude em troca de bens adquiridos. Só que não perdem por esperar.

Serão curradas pelo Dólar, pela Inflação e pelo Custo de Vida, que adoram comer virgens em operações financeiras. (**Fraga**)

CINEMA

A vez do enfoque operário

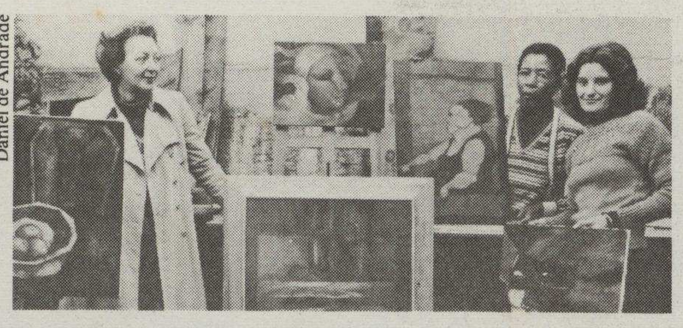
Não é só no sindicalismo e na política que a classe trabalhadora brasileira está definindo seus rumos — também na cultura. Depois de uma experiência filmada com trabalhadores da região do ABC, em São Paulo — documentário ainda não concluído por falta de recursos —, Leon Hirszman voltou-se para um velho texto do dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri, datado do final dos anos 50.

Revisto e atualizado, esse texto se transformou no filme *Eles Não Usam Black-Tie,* que recebeu no último dia 11 de setembro o prêmio especial do júri, o prêmio da crítica internacional e uma menção do Departamento Católico de Cinema, no Festival de Veneza. O júri católico destacou, muito especialmente, "o valor cívico e a originalidade na abordagem de um tema político" — mais ou menos os mesmos motivos que levaram outro filme de Hirszman, *São Bernardo,* de 1973, a receber a Margarida de Ouro dos bispos brasileiros.

Eles Não Usam Black-Tie não é somente um filme sobre a classe trabalhadora no Brasil, hoje. Também é um filme de artistas que se propõem iguais aos trabalhadores e que, inclusive, se organizaram na forma de uma cooperativa para tornar o projeto viável. O texto original mostrava conflitos desenrolados numa época de ufanismo da indústria automobilística. Em 1981, a época é outra, o enfoque tambémo é outro. Mas o conflito básico é o mesmo: a dialética entre o velho e o novo, entre a dinâmica do processo social e o imobilismo de algumas concepções (de vida e política) embasadas no passado.

Esse é o segundo filme brasileiro sobre trabalhadores premiado em festivais de cinema, em 1981. O primeiro foi *O Homem Que Virou Suco,* de João Batista de Andrade, que recebeu o grande prêmio do festival de Moscou. E não se deve esquecer que o mais famoso dos festivais, Cannes, tambémo premiou em 81 um filme sobre a classe trabalhadora — no caso *O Homem de Ferro,* do polonês Andrzej Wajda. Não são fatos isolados. Revelam o compromisso das vanguardas intelectuais com os movimentos de massa, mas também que o sistema não está disposto a desperdiçar as possibilidades desse rico filão, já anunciado pelo êxito de público e crítica de *Norma Rae* -Por sinal, prêmio de melhor atriz para Sally Field em Cannes, 1979. (*L.C.M.*)

Seis pintoras gaúchas expõem



Daniel de Andrade

Em comum, elas só têm o fato de serem mulheres e alunas do professor Fernando Baril, um dos mais destacados de Porto Alegre. Cada uma segue seu próprio caminho, com técnicas próprias, desde o abstrato até o figurativo. Alonyr Ávila, Ângela Peñazola, Elisabéte Bina Monteiro, Jurema Galvani, Ligia Brizolara e Odalea Casagrande Pulla reuniram seus trabalhos numa exposição única, que fica de 10 de setembro a 7 de outubro na Galeria Excatexpo, em Porto Alegre. É a primeira experiência delas, em termos de exposição. Os quadros, oito de cada uma, custam entre Cr$ 8 mil e Cr$ 15 mil.

Vamos meter o braço juntos.

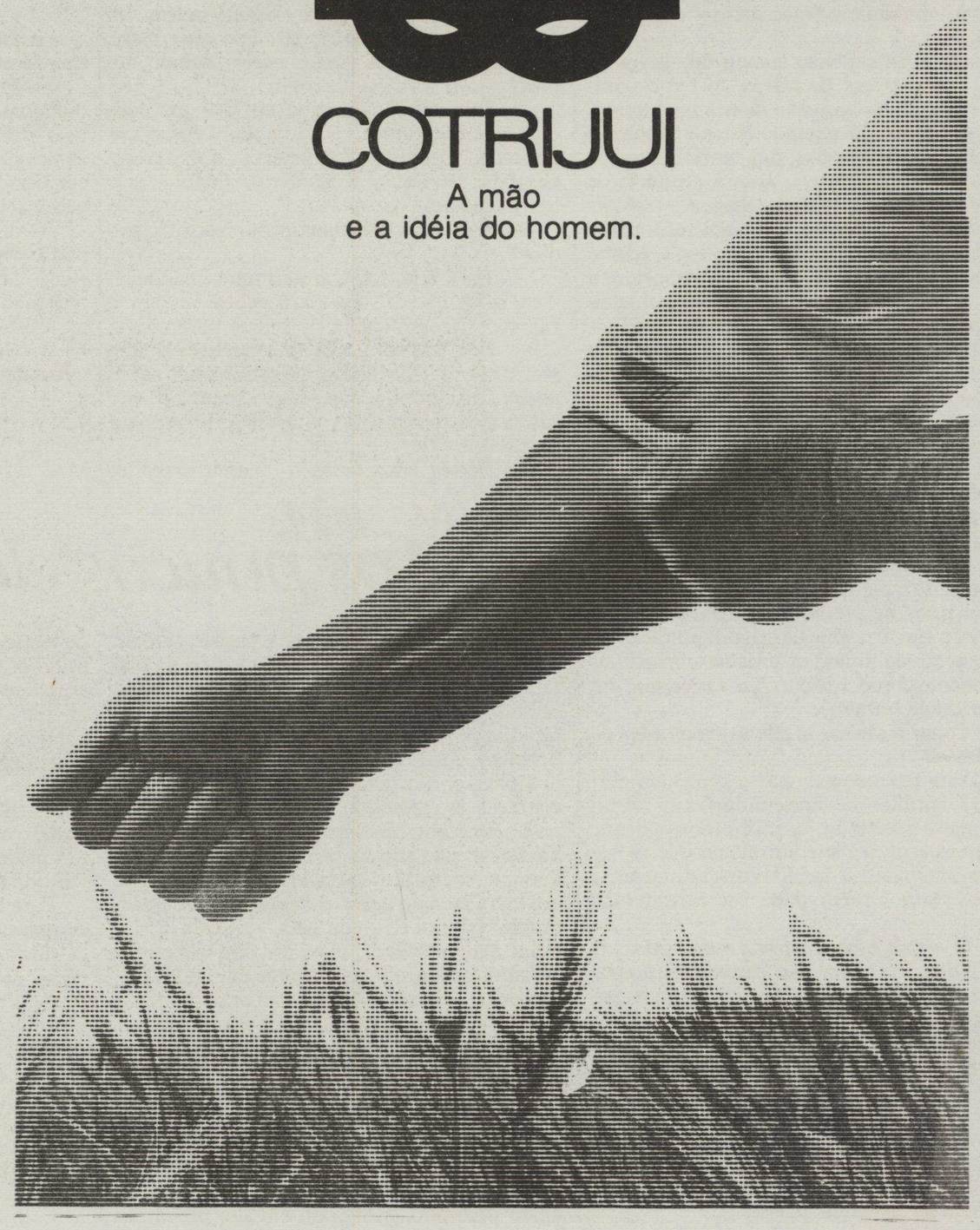
A força do cooperativismo depende da união de todos em torno de um ideal comum. A Cotrijuí vem trabalhando pelo cooperativismo desde 1957, desenvolvendo, com sucesso, vários projetos que contam com a plena adesão dos seus associados.

Por exemplo, o programa de incentivo à diversificação de culturas, o caminho mais certo para uma agricultura racional e produtiva. Solos não exauridos e mais alimentos à mesa reverterão em benefícios para todos.

Meta o braço que a hora é esta. Tem muita gente com você, unida no mesmo esforço comum.

COTRIJUI

A mão
e a idéia do homem.



Fotos Daniel de Andrade

Coronel Curió na Encruzilhada Natalino, cenário que não conseguiu desfazer

"Respeito a posição dos colonos..."

A primeira derrota do coronel Curió

Rafael Guimarães

Pela primeira vez, desde que começou a tratar de problemas de terras, na década de 50, as táticas do coronel Sebastião Rodrigues de Moura não surtiram os efeitos esperados (ver box). Mineiro de São João do Paraíso, ex-revisor do jornal *A Folha,* de Ribeirão Preto, São Paulo, Moura é uma espécie de andarilho militar, em cujo itinerário figuram todas as regiões de conflitos de terras, de norte a sul do país. É conhecido pelo apelido de Curió(*), que recebeu quando cursava a Escola Preparatória de Cadetes, em Fortaleza por seu desempenho nos improvisados ringues de boxe do quartel, aos sábados. Ganhava Cr$ 100,00 por luta, enquanto o soldo mensal era de Cr$ 115,00.

Sua primeira missão como soldado foi intervir nas disputas de terras do oeste paranaense, durante o governo de Moisés Lupion. Nesta época, como segundo tenente, apoiou o marechal Odillo Dennys, que tentava impedir a posse de João Goulart, após a renúncia de Jânio Quadros. Em 64, ele chegou a presidir um IPM sobre supostas atividades subversivas em Belo Horizonte, onde servia logo após o movimento de 31 de março. Promovido a major, participou da operação e desmantelou a guerrilha do Araguaia, organizada pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B), em 1972. Sob o pseudônimo de Marco Antonio Luchini, circulou por todas as regiões de tensões sociais no campo, em missões do Centro de Informações do Exército, SNI e Conselho de Segurança Nacional. Sua identidade real só foi revelada no ano passado, quando coordenou a exploração de ouro no garimpo de Serra Pelada, que lhe rendeu uma promoção a tenente coronel. Membro da maçonaria, 46 anos, casado e pai de cinco filhos, Curió passa a maior parte de seu tempo longe da família, que mora em Brasília. A seguir publicamos um resumo de duas entrevistas concedidas pelo tenente coronel Moura ao *Coojornal* em Encruzilhada Natalino:

— Como o senhor avalia os resultados de sua missão?

— Vim para equacionar o problema destas 530 famílias de agricultores sem terra. Acho que o resultado foi satisfatório, porque os colonos estavam irredutíveis no início. Até que o número de 137 famílias que aceitaram ir para o Mato Grosso pode ser considerado bom.

— O senhor esperava tanta resistência?

— Olha, foi uma das empreitadas mais difíceis que enfrentei. Respeito muito a posição dos colonos em não querer sair do Rio Grande do Sul, afinal eles têm suas tradições e, além disso, o projeto Terra Nova teve muitos problemas. Muitos que lá estiveram acabaram vendendo suas terras e voltando. Mas o pessoal precisa entender que não existem terras no Rio Grande.

— Em sua opinião qual a causa de tantos problemas de terras no Brasil?

— É a antiga lei da oferta e da procura. O Brasil é um país de dimensões continentais e existe um movimento constante e desordenado de correntes migratórias. Há locais em que existe abundância de terras. Outros, não.

— O que o senhor pensa da reforma agrária?

— Eu sou contra o latifúndio improdutivo. Recentemente critiquei o projeto da Volkswagen na Amazônia. Mas não posso falar sobre reforma agrária porque foge à minha seara. É assunto administrativo. Só posso dizer que o Governo está fazendo o possível para resolver os problemas.

— Foi divulgado que existem outros 58 conflitos de terras no Brasil. Isso quer dizer que existem outros tantos curiós agindo no país?

— Isso quer dizer que eu já estive nos outros locais antes. Só este ano estive no garimpo Cumaré, na reserva dos índios Caiapós, no Baixo Araguaia e, é claro, em Serra Pelada.

— Qual seu relacionamento com os índios?

— Para mim existem dois tipos de índios. Tem o Juruna, de gravador, óculos rayban e caneta esferográfica, e os índios autênticos. Com estes últimos, meu relacionamento é o melhor possível. Muita gente estranhou que eu apoiei uma tribo indígena que matou 20 invasores de terras. Mas está certo: invadiram suas terras e eles reagiram.

— Nesses anos todos o senhor acredita que elaborou um *know-how* para tratar este tipo de problema?

— Eu tenho é experiência. Sempre trabalhei assim. Gosto de lidar com o povo. Sou pelo diálogo. Tanto assim que recebi dois títulos de cidadania, um em Marabá e outros em Conceição do Araguaia. É um trabalho necessário que eu cumpro com satisfação.

— A propósito de Araguaia, qual foi sua participação no combate à guerrilha?

— Só informações. Participei de toda a operação, mas não atuei diretamente na repressão. Sou de paz.

— Existem diferenças entre os conflitos de terras na Amazônia e no Rio Grande do Sul?

— No norte é mais violento. Aqui o pessoal é tranqüilo, enfrenta as dificuldades com calma. Isso é muito do espírito do gaúcho. Mais responsável. Esses dias, um colono me pediu dinheiro emprestado e, uma semana depois veio devolver. Eu disse que não precisava, mas ele insistiu.

— Qual sua distração em Encruzilhada Natalino?

— Minha distração era ficar ouvindo problemas o dia inteiro. Fora disso, leio muito.

— Que tipo de leitura?

— Leio de tudo. Pouca ficção. Mais livros teóricos e documentos. Questões de terras. Por exemplo: esse tal de marxismo eu conheço de trás para frente e de frente para trás.

— Recentemente a revista *Veja* anunciou sua candiatura para governar o futuro território de Tocantins. É verdade?

— O Curió é um passarinho pequeno, com as asas curtas. Não foi feito para grandes vôos.

"... Afinal, eles têm suas tradições".

Aos poucos ele perdeu o bom humor

Foi uma parada indigesta para o coronel Curió. O mês que ele passou entre as 530 famílias de agricultores sem terra acampados na beira de uma estrada, no norte do Rio Grande do Sul, trouxe de volta as incômodas dores na vesícula, operada em dezembro do ano passado por causa das seis malárias que contraiu em peregrinações pelo interior do país, como enviado especial do Governo para abafar tensões sociais no campo. Nos últimos dias em Encruzilhada Natalino — confluência das estradas que ligam os municípios de Passo Fundo Sarandi e Ronda Alta —, Curió já não tinha mais paciência para distribuir doces às crianças nem para gastar horas tentando convencer os colonos a levantarem acampamento em troca de terras no Mato Grosso. Passou a discutir com os visitantes e emitir enérgicos ultimatos.

A missão que lhe fora confiada pelo Conselho de Segurança Nacional ficou pela metade. Apenas 137 famílias aceitaram a proposta do Governo. As demais, amparadas por organismos cristãos e com o Estatuto da Terra decorado, insistiram em sua pretensão de conseguir terras dentro do Rio Grande do Sul. Por duas vezes Curió adiou sua partida na esperança de que os colonos cedessem. Afinal, no dia 31 de agosto, ele leu um longo comunicado, acusando setores da Igreja de "arquitetos do caos", recolheu o pavilhão nacional e partiu de Natalino, levando tudo o que trouxera: um caminhão-armazém da Cobal com 25 tipos de gêneros alimentícios, um posto médico e quase 70 funcionários da Polícia Federal, Polícia Rodoviária e Incra.

Para dobrar os colonos, Curió lançou mão de todas as suas táticas, comprovadas em mais de duas décadas. Inicialmente, colocou barreiras policias nas três estradas de acesso ao acampamento. Depois garantiu alimentação e assistência médica aos colonos e passou a chamá-los um a um para longas conversas.

— Em quatro dias ele desmontou a organização que os colonos levaram meio ano para montar — diz o padre Arnildo Fritzen, 38 anos, pároco de Ronda Alta que, ao final, foi acusado por Curió de ter insuflado os colonos contra as propostas do Governo.

Com o tempo, porém, Curió deu-se conta de que a missão era mais dura do que pensara a princípio. Tentou desmobilizar a comissão representativa, uma espécie de direção dos colonos, ameaçando um dos líderes com a Lei de Segurança Nacional e outro, de expulsá-lo do acampamento por ser marido de uma professora primária, cujos vencimentos mal chegavam a Cr$ 15.000,00.

Afinal, quando as crianças pediam terra em vez dos doces e os adultos divertiam-se captando pelo rádio as mensagens que trocava com o Palácio do Planalto, através de um potente radiotransmissor, Curió entregou os pontos. Fez as malas no Hotel Continental, em Sarandi, onde dormiu durante o mês de agosto, e deixou a maioria dos colonos na mesma situação em que os encontrou: esperando terras.

(*) Curió — Ave da ordem dos passeriformes, de 15 cm, preto ou castanho pardacento, cujo canto é muito apreciado (Enciclopédia Delta Larousse). O Curió é um pássaro brigador, muito comum no nordeste brasileiro.

Isolado e esquecido, Timor Leste resiste com guerrilha à furiosa invasão indonésia

Uma guerra solitária

Mil guerrilheiros descem de montanhas de 3 mil metros para fazer emboscadas nas estradas, ou ataques rápidos contra as posições de um exército 30 ou 40 vezes maior. São histórias contadas por um homem pequeno, magro, com o rosto marcado demais para seus 31 anos. Seus olhos endurecem quando diz que seu país tinha um milhão de habitantes e que 300 mil talvez já estejam mortos.

Mari Alkatiri é Ministro de Relações Externas do Timor-Leste, ilha de 10 mil quilômetros quadrados, entre a Austrália e a Indonésia. O Timor foi invadido pelos indonésios em dezembro de 1975, uma semana depois de ter se tornado independente de Portugal. Mari Alkatiri saiu do país três dias antes dos invasores tomarem Dili, a capital de 30 mil habitantes. Foi incluído num grupo que deveria se manter fora do cerco indonésio para divulgar a luta de resistência.

A Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente — Fretilin — que combatera o colonialismo português desde 1970 e que assumira o poder, sabia que depois da invasão consumada seria praticamente impossível sair da ilha. O governo conservador australiano apóia o regime militar indonésio, não permite que representantes da Fretilin passem pelo seu território. E entre o Timor e o resto do mundo estão o Índico e o Pacífico.

Mari Alkatiri dirige a representação da Fretilin em Moçambique. Daqui vai de um país a outro falando da luta dos mauberes, o povo do Timor. Em junho esteve em Lisboa, na sessão do Tribunal Permanente dos Povos que analisou a situação do seu país e o reconheceu como Estado independente e soberano. No final deverá passar duas semanas no Brasil, a caminho da assembléia geral da ONU.

— O Brasil vota a nosso favor nas Nações Unidas — diz o ministro Mari Alkatiri. — Acreditamos que possa dar um apoio político mais claro à luta do nosso povo pela independência.

A colonização portuguesa no Timor começou em 1511. Quando os colonizadores se retiraram, em 1975, deixaram o país com 90% de analfabetismo, 20 quilômetros de estradas asfaltadas, 40% de mortalidade infantil e uma renda per capita anual de 40 dólares. A segunda desgraça do Timor foi a sua posição geográfica estratégica e a ambição do regime Indonésio. Os submarinos nucleares norte-americanos passam a 20 quilômetros de Dili para ir de um oceano ao outro. A invasão da ilha começou 12 horas depois do ex-presidente norte-americano Gerald Ford ter visitado a Indonésia.

— Os indonésios pretendiam anexar o Timor numa guerra de seis dias — recorda Mari Alkatiri. — A guerra dura seis anos e eles já admitem que tiveram 25 mil baixas. — Nesse tempo todo não recebemos nenhuma bala do exterior. Temos lutado com as armas que o exército português deixou e com as que capturamos do inimigo.

Num único ano de guerra, 1978, morreram 150 mil mauberes — segundo cálculos da Fretilin. Hoje 320 mil pessoas vivem em campos de concentração indonésios.

— Os mauberes estão acostumados a viver no cume das montanhas produzindo a sua subsistência. Nos campos de concentração eles morrem de fome. Até março tinham apoio da Cruz Vermelha Internacional. Os indonésios preparavam uma nova ofensiva contra a Fretilin e suspenderam a atuação da Cruz Vermelha.

Foto Moira Forja

Mari Alkatiri, da Fretilin, denunciando os "métodos Vietnã"

A ofensiva começou em abril, com 30 mil soldados. Apesar de haver pequenas zonas onde os indonésios não conseguem entrar, a Fretilin mantém áreas libertadas.

— Não teríamos armas para manter a aviação inimiga afastada — justifica o ministro.

FALTA MUNIÇÃO

Nos primeiros anos a Fretilin usou algumas armas semi-pesadas portuguesas e anunciou que abateu três aviões e oito helicópteros. Ainda tem as armas mas a munição acabou. Agora os guerrilheiros preferem estar sempre em movimento para não oferecer alvos fáceis aos aviões.

— Nos últimos dez meses a guerrilha evoluiu — afirma o ministro. — Já somos capazes de combinar as pequenas emboscadas que fazemos nas estradas com ofensivas contra posições chaves do inimigo. Chegamos a atacar a capital, com 200 homens. Com isso a população se reanimou e muitos jovens que estão na zona controlada pelos invasores têm vindo pro nosso lado. Alguns tinham sido obrigados a entrar no exército indonésio e trazem as armas consigo.

No ataque à capital os guerrilheiros destruíram o centro de televisão a cores instalada pelos indonésios para propaganda. Levaram para as montanhas uma carga preciosa: equipamento que permitiu fazer voltar ao ar a Rádio Maubere, da Fretilin, que fora capturada pelos indonésios há dois anos.

— A rádio é uma peça importante na nossa luta — explica Mari Alkatiri. — Ela começou a funcionar em agosto de 1975, com um emissor retirado de um quartel português e montado numa aldeia a 45 quilômetros da capital. Dias depois foi transferida para Dili e com a invasão as emissões ficaram interrompidas por dois meses. A rádio recomeçou com um aparelho abandonado pela Cruz Vermelha e com outros três que levamos para o país nas semanas que antecederam a invasão. Até dezembro de 1978 fizemos programas diários de três horas, transferindo o equipamento de aldeia em aldeia para não ser localizado. Então um traidor entregou a rádio aos indonésios.

IGUAL AO VIETNÃ

Com a perda da rádio a Fretilin perdeu o contato com grande parte da população de seu país. Ficou sem comunicações com a Austrália, onde emigrantes mauberes e progressistas australianos têm um comitê de apoio à luta do Timor. A comunicação com a Austrália ainda não foi restabelecida mas toda a população da ilha já tem uma hora diária de informação sobre a guerra, através da Rádio Maubere.

— A tática dos indonésios no Timor é a mesma dos norte-americanos no Vietnã — denuncia Mari Alkatiri. — Usam só tropas heli-transportadas e há conselheiros militares norte-americanos entre eles desde 1978.

Junto com as ofensivas militares os indonésios prepararam um programa para substituir os 300 mil mauberes mortos por javaneses que trariam de outras ilhas sob seu controle.

— A primeira tentativa fracassou — assegura Mari Alkatiri. — Era preciso dar terras para esta gente e há muitos mauberes nas pequenas áreas que os indonésios controlam com segurança. Houve confrontos entre os javaneses e a população local. Os javaneses preferiram se retirar mas o programa de repovoação continua e os indonésios certamente intensificarão seus esforços militares contra nós.

Há dois anos Mari Alkatiri dizia que a Fretilin estava preparada para uma guerra prolongada. Falava que a vitória dos mauberes teria de acontecer junto como fim do regime de Suharto. Agora ele divulga notícias como a da morte de 200 para-quedistas que foram lançados numa zona guerrilheira do centro-sul do Timor. E aponta os primeiros sintomas da queda de uma ditadura que exterminou um milhão de indonésios para se firmar no poder.

— Nas ilha de Sumatra e Nova Guiné Ocidental se intensificaram as guerrilhas separatistas anti-Indonésia. Em Borneu cresceu a guerrilha liderada desde 1965 pelo Partido Comunista Indonésio.

Licínio Azevedo, de Moçambique

O brique das idéias gostosas.
Móveis. Louças. Cerâmicas. Palhas. Livros.
Luminárias e aquelas coisinhas pra presente.
tempos modernos
AV. INDEPENDÊNCIA. 925 FONE: (0512) 25.4453
MÓDULO

Lucas, reitor: o primeiro baile

Nas bases do novo regime há esperança, mas igual dose de ceticismo. Enquanto em Paris o governo cumpre seu programa, no interior é tateando que se busca a nova ordem

Metraux, sindicalista; centros de lazer

Bernard, prefeito: avançar lentamente.

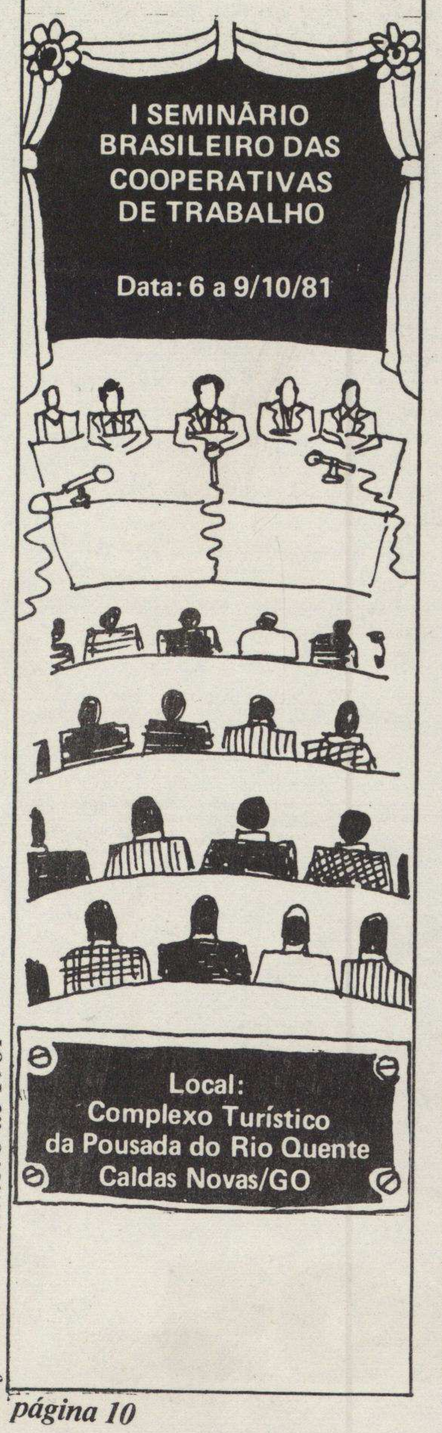
O socialismo francês, ainda feito de dúvidas

Marilena Marasca, de Lyon

Conseguirão os socialistas transformar realmente a sociedade francesa, conforme prometeram antes das eleições! O que é que está acontecendo nos bastidores da França Socialista?

Na base da esquerda, que assumiu o poder em maio passado, há os que acreditam que a mutação já se fez e que a vitória nas últimas eleições é um reflexo dela. Outros, pessimistas, acham que dificilmente se chegará a uma mudança radical, por causa da falta de capacidade de recuperação rápida de uma imensa parte da sociedade habituada à inércia. Há os que possuem listas de reivindicações e estão cheios de esperanças de vê-las concretizadas. Outros, temem que o povo vai simplesmente ficar observando, esperando. Os mais céticos, uma grande parte da ala mais à esquerda do Partido Socialista, não acreditam nada no programa do governo e tampouco numa transformação da sociedade francesa.

E o que é que se fez até agora? "Apenas gestos simbólicos", diz um economista, explicando a dificuldade de vançar mais rapidamente. Depois das férias de verão, que terminam em setembro, uma mobilização maior está prevista, pois haverá o congresso do partido. Supõe-se que o desinteresse das pessoas pelo que acontecia em torno delas será substituído por numerosas associações, onde se poderá discutir tudo e todos serão envolvidos.

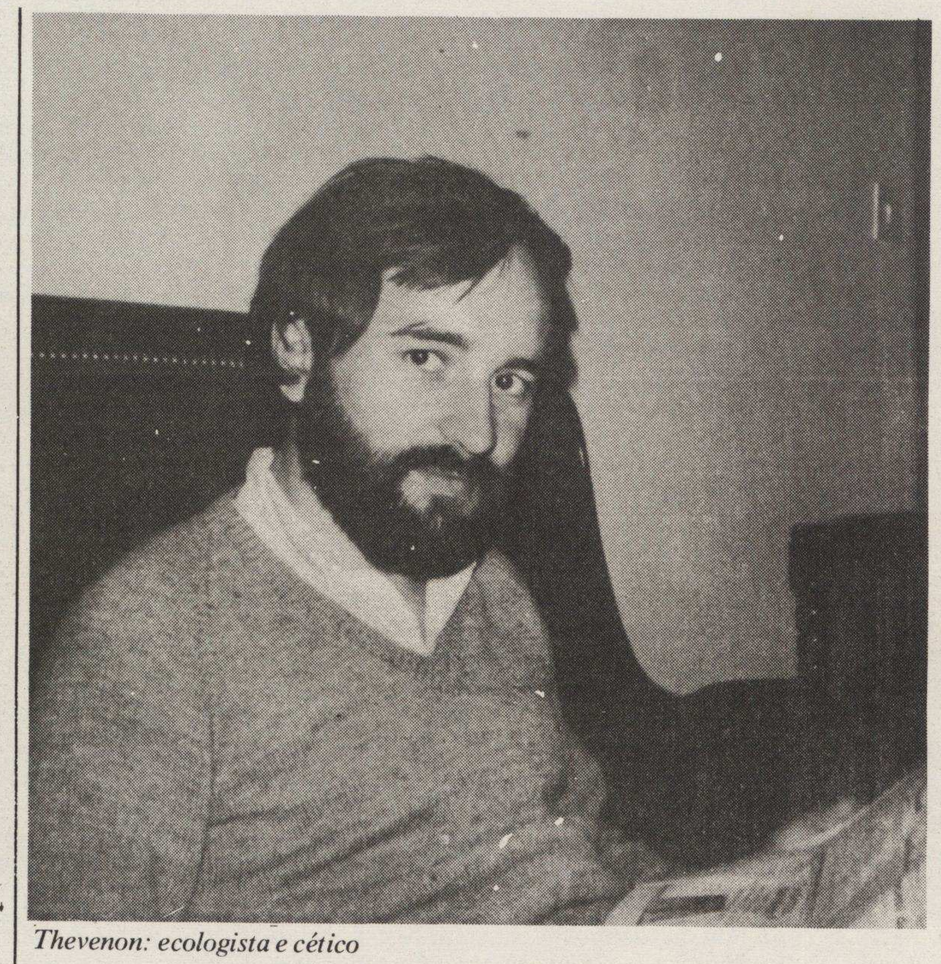


HAVERÁ RESISTÊNCIA

O economista Jacques Bertherat, diretor do Observatório Econômico de Lyon (uma espécie de centro de dados e estatísticas econômicas) membro do gabinete do Primeiro Ministro, simpatizante da ala mais radical do partido, considera que o momento é de experimentação e de combate. Responsável pela circulação das informações econômicas no interior do País ele está, na realidade, sem saber por onde começar. "Se de um lado as idéias do governo ainda não foram bem precisadas, por outro lado, nós temos um contexto administrativo que representa uma imensa força inerte. É muito difícil mudar tudo isso e eu temo que o pessoal vai resistir a sair dos esquemas velhos".

No Observatório, ele já lançou o debate, aproveitando a vitória imediatamente. E explica: o governo de Giscard D'Estaing pretendia transformar aquele centro de dados numa empresa privada, que passaria a fazer negócios, isto é, vender as informações econômicas. "Sonho de tecnocrata", diz Bertherat, que além de ser doutor em Ciências Econômicas, tem uma formação literária e humanista. Ele pretende que o Observatório deixe de ser apenas emissor de informações e passe também a receber maior informação da população. "Assim, nós permitiremos que as pessoas intervenham na vida política", diz. Sua experiência como membro ativo da Igreja Católica e participante de reuniões de bairro, leva-o a propor a criação de associações como meio do povo conquistar sua autonomia. "As pessoas devem reaprender a serem independentes, a resolverem elas mesmas seus problemas e não ficar numa atitude de espera".

Com um passado de militante na União Nacional dos Estudantes, na Juventude Estudantil Católica (JEC), na luta contra a guerra da Argélia, Bertherat, 45 anos, pai de três filhos, teme hoje, sobretudo, "o egoísmo das pessoas". Católico praticante que dedica tempo a discussões teológicas, ele crê que o único meio de fazer a sociedade se mexer é o sistema cooperativo. "Criar cooperativas, instaurar debates, é o ideal para se começar a viver como socialista", afirma Bertherat.



Thevenon: ecologista e cético

REVITALIZAR O ENSINO

A sociedade francesa sofreu profundas mutações nos últimos dez anos e a vitória da esquerda foi uma expressão. Não se pode ainda falar em país socialista porque se continua vivendo num sistema capitalista e a mudança foi mais social que política. Esta, em síntese, é a visão atual do sociólogo Philippe Lucas, 40 anos, professor, pesquisador, autor de vários livros, e presidente (reitor, no Brasil) da Universidade Lyon II, de Lyon, militante do partido socialista. Esta análise, no entanto, não o impede de comemorar a vitória e fazer novos projetos. Ele conta: "Agora a Universidade tem vida nova. Reuni os colegas e o pessoal administrativo e começamos a discutir o que vamos mudar aqui. A primeira decisão foi fazer um grande baile, coisa que nunca aconteceu na Universidade".

Muita coisa, segundo Lucas, mudará com a esquerda no poder. Os professores deverão assumir a autonomia da Universidade. "Antes não havia nenhum respeito pelas idéias dos assistentes e dos professores. Agora, poderemos redistribuir responsabilidades e revitalisar o ensino", explica. Eles terão poderes de decisão e deverão favorecer a abertura de debates à população. O número de vagas será aumentado. O Ministro da Educação do governo D'Estaing havia reduzido o número de vagas justamente num período de demanda crescente. Principalmente para cursar Psicologia e Ciências da Educação houve duplicação de pedidos nos últimos dois anos.

A constatação do reitor Lucas é de que nos últimos dez anos os franceses se fecharam em si mesmos. A recessão econômica, a impossibilidade de se realizar numa dimensão social, a descrença no governo, levaram os franceses a se concentrarem mais sobre a família, a profissão, a casa. E, para o sociólogo, esta busca individual de felicidade continha, também, uma atitude de crítica. "A vitória da esquerda representa um desejo de mudar esse modelo de vida". Convencido da grande capacidade de recuperação do povo francês, Lucas acredita que, rapidamente, as pessoas aprenderão de novo a se mexer, a discutir.

ESPERANÇA E PESSIMISMO

A grande esperança do mecânico Christian Mettraux, 58 anos, eleito deputado suplente pelo Partido Socialista, é que o governo consiga reduzir as desigualdades socias. Representante sindical durante 20 anos, ele considera o aumento dos salários tarefa urgente "para se chegar realmente a ser um país socialista". Mas de 40% dos trabalhadores franceses, diz Metraux, não ganham o suficiente para acompanhar o custo de vida. Uma de suas lutas sindicais, contra a automatização industrial que dispensa operários, levou-o a ser demitido no ano passado. Recorreu ao Tribunal do Trabalho, mas só agora, com o novo Ministério, foi julgado, absolvido e reintegrado ao trabalho. E o que pode fazer um deputado suplente? Mettraux, morador de uma zona de operários e portuários nos arredores de Lyon, a segunda cidade da França, pretende, pelo menos, fazer com que novo governo reurbanize seu bairro, criando centros de lazer e postos de saúde. Nada de fato, revolucionário.

Já Roland Bernard, 36 anos, prefeito de Oullins (20 mil habitantes) 400 quilômetros ao sul de Paris, eleito deputado, acredita que a França "está vivendo o melhor período de sua história". Economista, Bernard pensa que o mais urgente agora é nacionalizar as empresas multinacionais. Elas seriam as principais culpadas, julga, pelo fato de a França, entre os países industrializados, ser a sociedade com as maiores desigualdades econômicas. A atitude mais sábia a ser tomada daqui para a frente, diz Bernard, é evitar algo parecido ao paternalismo. "As pessoas devem saber que não queremos apenas substituir um sistema por outro, queremos que elas sejam autônomas". Mas adverte: "Devemos avançar lentamente, os franceses não gostam de ser forçados".

Mas nada de muito importante está por acontecer na opinião de Dominique Thevenon, 30 anos, formado em Ciências Políticas, professor secundário e militante da ala mais radical do Partido Socialista. "As propostas do novo governo são apenas reformistas", diz com ceticismo. Ecologista ativo e batalhador do desarmamento, como toda a multidão de ecologistas franceses, Thevenon sabe que a França se reflete em todo mundo. E, nesse sentido, é partidário de Ghandi: é melhor esquecer o Terceiro Mundo, só assim ele poderá se desenvolver, afirma. "Eles querem ativar a indústria nacional (diz, se referindo ao programa socialista), mas não há mais mercado interno, então se voltarão para o exterior para explorar do mesmo modo capitalista, um pouco mais à maneira da esquerda, é claro". A França, supõe, poderá ser mais generosa, mas não revolucionária. E conclui: "Um exemplo chocante de que os países industrializados nada acrescentam a um país subdesenvolvido é o que se passou no Brasil. Em 1958 a população comia melhor que hoje".

"Un amigo me pregunta cómo es Montevideo"

Eduardo Galeano (*)

(Agora, quando o novo presidente indicado, general Gregório Alvarez promete eleições para 85, ganha atualidade este retrato do Uruguai pelo autor de ***As Veias Abertas da América Latina****)*

(1) Antes que uma igreja ou um hospital, Montevidéu teve um café. A *pulperia* — exposição de bebidas e lugar onde se vende de tudo, desde uma agulha e uma frigideira até um pacote de fumo — foi a primeira casa com porta de madeira e parede de barro entre as palhoças de couro esparramadas em torno do fortin.

Fazia pouquinho tempo que haviam chegado, de Buenos Aires, os 15 jovens e as 19 crianças que em 1726 vieram povoar esta ponta de terra, rocha e argila batida pelo vento. Pela frente, os fundadores tinham o mar, o rio-mar, por onde ameaçavam os portugueses; às suas costas, desde o imenso deserto verde, era os índios que queriam desalojar os intrusos. Os recém chegados, esfarrapados, analfabetos, tinham adquirido o direito de chamar-se *dom*. Treinaram seu privilégio de flamantes *fijosdalgo* compartilhando tragos de vinho no balcão, no fim de alguma jornada de trabalho duro, enquanto comentavam as raras notícias novas e olhavam a noite caindo sobre a baía:

— À sua saúde, *dom*...

— À sua...

Montevidéu é a cidade dos cafés. Lá não se pergunta: "Onde vives?", mas: "Em qual o café que podes ser encontrado?". Quase não há cafés nos bairros dos ricos, mas no Centro, na Cidade Velha e nos bairros pobres e da classe média, contei até sete cafés num só cruzamento de esquinas. Refúgio de solitários e locais de encontros, espaço cúmplice para confidências de casais ou para o estrepitoso comentário dos companheiros de trabalho, dos torcedores de futebol, o café também é o tradicional cenário dos desafios dos artistas e dos políticos. Nestes pequenos templos de amizade e de amor, a fumaça dos cigarros se faz de incenso.

Agora, qualquer bebedeira ou distração pode se tornar fatal. Acabou a conversa do café. A noite é perigosa; a comunicação, suspeita. Anda-se menos, fala-se menos e em voz baixa. Em tempo de ditadura, regem as leis do silêncio. A cidade está habitada por reféns. Qualquer comentário pode ser considerado um "atentado contra a força moral das Forças Armadas" e paga-se com três ou seis anos de prisão. Soldados, espiões e policiais compõem a quarta parte da população ativa do Uruguai. Os gastos da repressão consomem a metade dos impostos da Nação. Existem dedos-duros nas ruas, nos ônibus, nos táxis, nas repartições públicas, nas fábricas. No café, quem senta-se na mesa do lado?

O capuz tornou-se o símbolo desta hora triste. De cada 70 uruguaios, um conheceu esse trapo preto que te separa do mundo e te converte numa coisa. O encapuzado, sem cara e sem nome, marcha rumo ao plantão, o cavalete, submarino, a *picana* elétrica.. Um de cada setenta. E os demais? Não usam o capuz todos os dias ainda que não saibam? Quem diz o que sente ou pensa, está perdido. "O pior", escreve-me um amigo de Montevidéu, "é aprender a mentir e ensinar a mentir".

(2) No último carnaval de Montevidéu, o povo gritou. Carnaval, mundo ao revés, breve trégua de verdade e loucura. Ardem os fogos de artifício, os negros temperam os instrumentos e estoura o trovão dos tambores que "chamam". A quem, a quem chamam os tambores? Aos perdidos deuses africanos. Não somente; e a ditadura sabe. Desatam-se os atados, dizem discursos os mudos, os paralíticos correm: todos os membros de uma das melhores *murgas* de carnaval estiveram um bom tempo presos por cantar discrepando; e nas "chamadas" de 1980 o povo gritou. Armou-se uma batalha campal com a polícia e não havia maneira de calar a multidão que grativa *liberdade* e gritava *Uruguai*.

Montevidéu parece uma cidade calada: Mas esse silêncio está vivo e carregado de cólera. O poder militar mudou a partitura do hino nacional para que a música soe baixinho quando o hino clama: "Tiranos, tremei!" e fique evidente quem se anime a gritá-lo. Um silêncio carregado de cólera. O salário real caiu à metade em sete anos, mas agora há delegacias em algumas velhas sedes de sindicatos e a atividade sindical é considerada atividade criminal. A simples cobrança de uma mensalidade do sindicato pode implicar em seis anos de cárcere por "incitação ao delito". No país da carne, a carne está nas nuvens e um açougue do bairro de Cordón a vende a prazo.

As estatísticas acusam. Cada vez há mais analfabetos e tuberculosos e compra-se menos leite a cada ano, menos sapatos, menos livros; mas as vitrines estão repletas de vinhos da França, atuns da Espanha, marmeladas da Inglaterra, azeites de Itália, aceitonas da Grécia, queijos da Holanda, chocolates da Suíça, sardinhas de Portugal, presuntos da Dinamarca e trajes de Taiwán. Diante de preços quase europeus, o salário-mínimo chega aos 110 dólares e o desemprego obriga a trabalhar por menos que isso. Uma recente pesquisa encomendada pela intendência de Montevidéu em oito bairros "de classe média e alta", revelou que de cada dez famílias três recebem menos de 110 dólares por mês.

(3) Há trinta anos, nasceu em Montevidéu um dos melhores grupos de teatro independente da América Latina. Em sua modesta sala própria, "El Galpón" estreou "O Soldado de Chocolate", de Shaw. Hoje aquela histórica saleta exibe um cartaz da empresa de demolições; e soldados que não são de chocolate usurparam a sala nova, ampla, na avenida principal, que os rapazes de "El Galpón" tinham erguido, tijolo e tijolo, graças a contribuição de um povo que fez sua a causa do bom teatro. Essa sala nova agora serve para que a ditadura dite cursos de educação moral e cívica. Os professores exaltam "as virtudes da raça" e lêem textos que dizem, por exemplo: "Haverá sempre uns que mandam e outros que obedecem. É necessário que uns obedeçam para que outros possam mandar".

Enquanto isso, são cada vez menos os alunos das escolas e dos ginásios (onde havia 10, há sete) e os alunos estão proibidos de fazer contatos com mestres e professores fora das horas de aula. Militarização do poder, militarização da cultura; a aula reproduz a estrutura do quartel. Ao ingressar na universidade, os estudantes juram que delatarão quem desenvolva tarefas "alheias" aos seus estudos. As bibliotecas públicas negam os jornais e as revistas anteriores ao golpe de estado. Dos 12 jornais que haviam em Montevidéu, sobram quatro. Um deles, "El País", definiu recentemente a América Latina como "a parte mais vulnerável dos Estados Unidos". As bancas da cidade, às vezes oferecem jornais da Argentina e do Chile. Às vezes, digo, porque com freqüência a censura os apreende. Para a ditadura uruguaia, ditadura sem face, Videla e Pinochet são demasiado liberais.

Há mais de um século e meio, nos anos da ocupação portuguesa, um viajante escreveu que Montevidéu "parecia que havia sofrido a visita de uma praga". E.M. Brackenridge encontrou uma cidade desolada e vazia: "Nas ruas mais freqüentadas, era poucos os que não eram soldados, ou acaso uma mulher solitária vestida de preto..." Os mandantes daquela época haviam servido chá na catedral aos invasores portugueses.

Montevidéu era, como agora, uma cidade cativa. Mas agora o exército de ocupação não veio de fora. Os militares contra a Suíça da América? Não, não. Para que o Uruguai se converta na caixa forte de todo o Cone Sul, não basta o segredo bancário. Também é preciso oferecer segurança. E preciso colocar a Suíça da América a salvo das convulsões sociais e das ameaças políticas. O capital exige garantias. Em Montevidéo não há greves nas fábricas, nem manifestações nas ruas, nem inscrições nos muros. Os jornais publicam arrependimentos públicos imprescindíveis para conseguir ou conservar o emprego: "Declaro terminantemente que nunca, nem antes nem agora, apoiei..." Cada local de trabalho funciona como um campo de concentração. Alguém escreve uma carta: "Eu estou aqui, com meu medo e minha angústia, e sobretudo com minha raiva silenciosa..."

Uma Suíça do Terceiro Mundo não pode se dar o luxo de uma democracia, diriam os ideólogos da Trilateral.

(4) Em meados de 1973, o ônibus que me levava ao aeroporto e ao exílio atravessou um amontoado infinito de lixo. Esta é a última imagem que levei de Montevidéu: os enxames de meninos que revolviam o lixo em busca de trapos, garrafas e pão duro.

Pouco antes, os militares haviam dissolvido o parlamento e todo o resto. Mas já entre 1968 e 73, o Uruguai tinha batido o recorde mundial de suspensões e fechamento de jornais e revistas e há tempos o país vinha produzindo mais violência que trabalho. Montevidéu, com seu vasto aparato burocrático, era o vertedouro de todas as contradições. Às suas portas batiam, e batem ainda, os jovens sem trabalho. No campo, o trabalho era negado pelo latifúndio, que agora expulsa mais gente. Na cidade, o trabalho era negado pelas fábricas em crise, que agora trabalham com mão-de-obra escassa e escrava. Uma cidade que abarcava, como agora, metade da população do país, não era e é um sintomas de grave enfermidade nacional? Esperança, fraude, fúria: o sistema, administrado por espectros, odiava os jovens: a ditadura não fez mais que vingá-lo. A chave do comércio exterior era, desde antes do golpe de estado, o tráfico de carne humana. Como hoje, exportava-se trabalhadores jovens e importava-se turistas. A sexta parte da população uruguaia, corrida pela pobreza e pela polícia, vive fora das fronteiras. O desterro maciço não começou com a ditadura, embora tenha se acelerado com ela: incapaz de oferecer-lhes trabalho e liberdade, é o sistema quem expulsa os jovens. País de velhos, cidade de velhos: o montevideano médio é agora duas vezes e meia mais velho que o carioca ou o caraquenho.

A ditadura não nasceu da orelha de uma cabra.

(5) Cheiro de pão quente, fraternidades e melancolias, uma guitarra na beira do mar: eu sei que já não existe essa cidade a que estou proibido de voltar e que a dois por três acossa meus sonhos. Sei que essa cidade só existe, demorada, na memória dos que a amaram, como eu a amei.

Outra cidade encontraremos na hora do regresso. Depois da larga penitência de desconfiança e medo, como será? Terá viva a vontade de respirar e rir? O rancor lhe terá desfigurado a cara? A partir da que encontrarmos, outra, muito outra, será a que faremos. Porque eu também sei, como sabia Nazim Hikmet, que a minha cidade mais formosa é aquela que ainda não conheço.

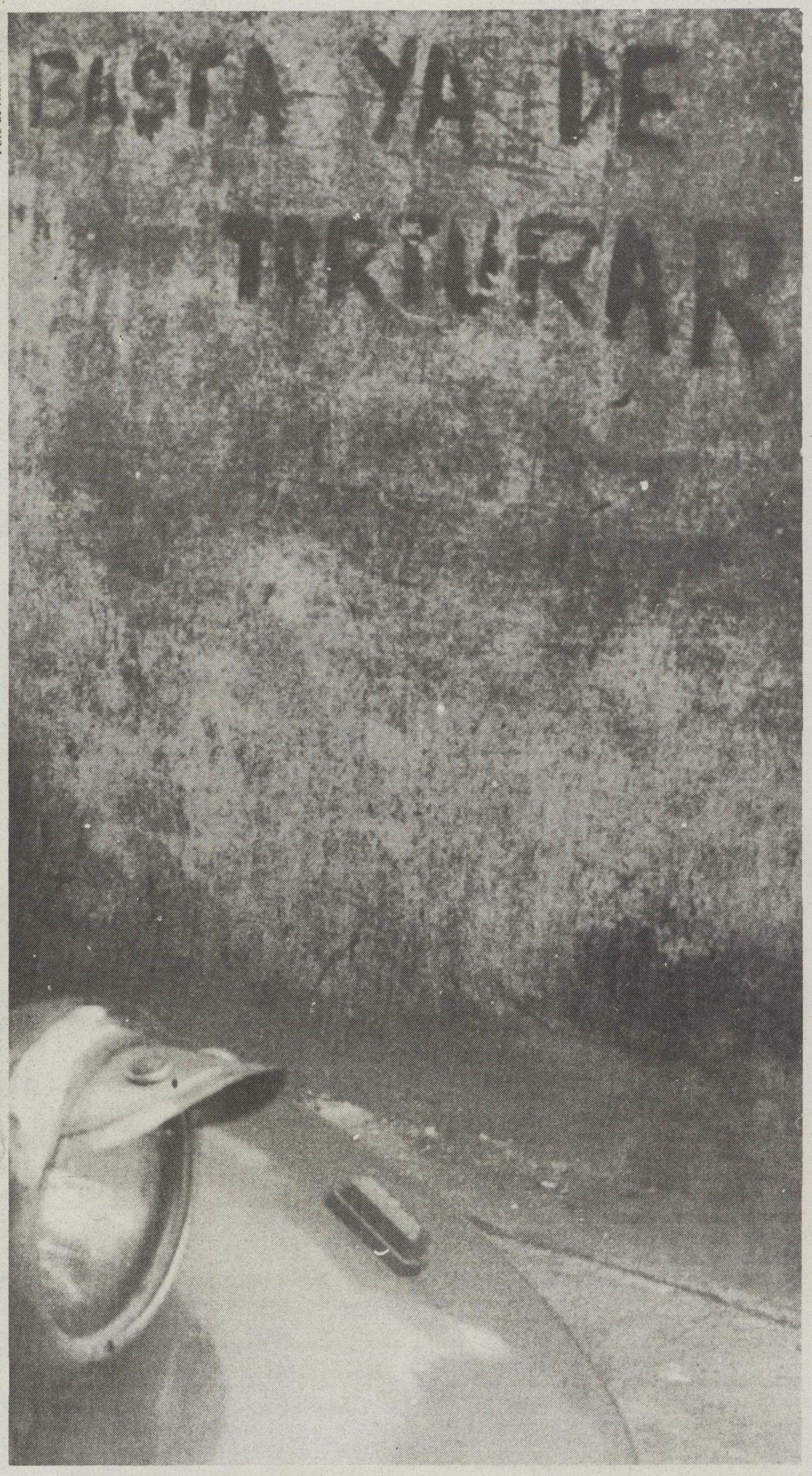


Foto de Ricardo Chaves

(*) E ste texto inédito de Galeano é de 1980, no exílio

SAIU O TREM OPERÁRIO

Ricardo Morais

Muita bandeira partidária na Maria Fumaça da classe trabalhadora. A viagem rumo à formação de uma central nacional começa com chapa única. Mas não se sabe se chega ao fim da linha

O cenário não poderia ser melhor: o edifício em obras da colônia de férias do sindicato dos trabalhadores têxteis de São Paulo, no tradicional balneário dos operários paulistas, a Praia Grande. Durante três dias, 21, 22 e 23 de agosto, entre andaimes e tijolos reuniram-se 5.247 delegados de 1.126 entidades sindicais da cidade e do campo. Foi a I Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat).

Logo no primeiro dia, num cinzento fim de tarde, Galvão Brando, da União Nacional dos Trabalhadores de Angola, o mais aplaudido dos sindicalistas estrangeiros que falaram na abertura do encontro, notou a improvisação e disse "recordar os primeiros momentos de nossa revolução". Ele, que defendeu a unicidade sindical e pediu a rejeição pelo plenário de idéias estranhas ao proletariado, certamente não poderia supor o grau de interferência que as organizações partidárias exercem no movimento sindical brasileiro nos dias de hoje.

Nas proximidades da Avenida dos Sindicatos, um longo corredor onde ficam mais de trinta colônias de férias, circularam e reuniram-se nos momentos decisivos os dirigentes de organizações partidárias, legais ou ilegais, do Partido Comunista Brasileiro (PCB) Partido Comunista do Brasil (PC do B), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) às diversas tendências em que se divide o Partido dos Trabalhadores (PT), apenas para se ter uma idéia dos agrupamentos mais importantes, quase todos defendendo intransigentemente a autonomia e a liberdade do movimento sindical.

Plenário lotado, mas dividido nos refrões

Brigam entre si o PT, o MR-8, o PC. E 45 milhões de trabalhadores brigam pelo emprego

Essa partidarização afasta as lideranças sindicais dos 45 milhões de brasileiros que trabalham. Estes vivem o drama de 3,5 milhões de seus companheiros desempregados ou subempregados nas cidades, de 6,8 milhões de trabalhadores temporários nos campos, a insegurança de permanecer em média apenas oito meses em cada emprego, o fato real de não ter infância e nem velhice dignas, da doença e do acidente no trabalho, do aumento de preços dos alimentos e do custo de vida em geral. A Conclat pretendia discutir estes problemas e seu temário foi dividido em sete partes: direito do trabalho, sindicalismo, previdência social, política salarial e econômica, política agrária, problemas nacionais e formas de luta.

Como a Conclat discutiu esses problemas? Os temas direito do trabalho, previdência social e política agrária foram os primeiros debatidos apressadamente pela plenária geral, porque os líderes sindicais entenderam não existir maiores divergências quanto a eles. Os temas política salarial e econômica e problemas nacionais não mereceram sequer a leitura dos relatórios preparados pelas comissões. Foram aprovados rapidamente por duas mil pessoas que suportaram até o final da conferência. Sindicalismo foi o tema que consumiu a maior parte do tempo e das divergências entre os participantes. Mesmo assim não se discutiu nada além da formação da Comissão Nacional Pró-CUT (Central Única dos Trabalhadores), tudo o mais sendo aprovado em bloco. Pelos cargos nessa comissão engalfinharam-se os dirigentes dos variados grupos políticos. Quando se resolveu esta questão, mais da metade dos delegados, que até então lotavam o plenário, retirou-se, deixando uma minoria a debater as formas de luta para obter as reivindicações que mal foram discutidas.

Os trabalhadores brasileiros ainda não conseguem elaborar de forma clara seu programa comum de lutas, suas propostas para o conjunto da sociedade. Enquanto a Conclat aprovava às pressas o relatório de previdência social, o governo tomava iniciativas exatamente nessa área. A burguesia industrial paulista formula seu próprio projeto político e econômico e ganha espaço em sua pretensão de dirigir a classe operária no momento de mudanças por que passa o País, faz propostas concretas para superar, conforme seus interesses a crise de produção e emprego. Em pleno período recessivo, a maior reunião de trabalhadores da história brasileira não discutiu economia com profundidade.

Em um certo momento das discussões, um trabalhador rural do interior do Rio de Janeiro pediu a palavra e reclamou da falta de discussão de problemas concretos: "O mercúrio está sendo usado indiscriminadamente no meio rural, nós não estamos discutindo esses problemas e isto dói". Ele refletia a perplexidade da maioria dos 1.110 representantes da agricultura presentes à conferência. Afastados da disputa que se acirrou nas cidades nos últimos tempos, os sindicalistas rurais reuniram-se à parte, na noite de sábado para domingo, último dia da Conclat, e decidiram falar mais nos microfones, pois haviam sido quase impedidos de fazer isto nas comissões. No domingo, quando a disputa entre os partidos era a mais acirrada, o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), José Francisco da Silva, falou emocionado: "Eu faço um apelo a todos, para que saiamos daqui unidos, mas, se isso não for possível, eu apelo a meus companheiros para que, pelo menos, os trabalhadores rurais saiam unidos".

Por que, afinal, a discussão sobre a formação da Comissão Nacional Pró-CUT transformou-se no centro dos debates, das disputas entre as correntes políticas e da atenção da maioria esmagadora do plenário? Há 17 anos que os trabalhadores brasileiros não realizavam uma reunião tão expressiva e representativa e muitos equívocos se acumularam nesse período. O plenário lotado de delegados mostrava o crescimento da participação das mulheres, a organização dos camponeses e o novo peso das camadas médias urbanas. As mudanças ocorridas na sociedade brasileira refletiram-se exatamente quando se discutiu o

Unidade ou pluralismo? Até Portugal e França entraram na briga. Ganhou Portugal

poder, o controle da comissão que organizará para agosto de 1982 um Congresso de Trabalhadores Brasileiros, no qual será formada a Central Única de Trabalhadores (CUT). O debate também escondia a questão da unicidade sindical, ou seja, da formaçuão de sindicatos únicos por ramo de produção e pela mesma base territorial, independentemente das diferenças religiosas, políticas ou ideológicas entre seus filiados.

O problema da unicidade sindical, em contraposição ao pluralismo, foi colocado logo no primeiro dia da Conclat. O único representante de uma entidade sindical estrangeira que recebeu algumas vaias foi Jacques Chereque, da Confederação Francesa Democrática dos Trabalhadores (CFDT), de tendência socialista, quando defendeu a pluralidade sindical. A ele responderam outros sindicalistas

"Se é prá cantar, deixa comigo", gritou Eraldo. E ganhou o plenário no canto

estrangeiros, como Alvaro Rana da CGTP, de Portugal, Galvão Brando, da UNTA, de Angola, e Juan Ponce, o chileno secretário-geral da Federação Sindical Mundial (FSM). A grande maioria dos delegados presentes também recusou a tese do pluralismo. Isto se deu quando foi aprovado em bloco o documento sobre sindicalismo, contra apenas 500 votos. Estes votos eram de trabalhadores que pretendiam fazer emendas ao documento original elaborado pela comissão executiva nacional, que organizou a I Conclat, entre as quais as que defendiam o pluralismo sindical. Alguns militantes trotskistas, pertencentes ao PT, além da ala da Igreja Católica liderada por frei Betto, da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo, e membros das oposições sindicais, em especial a dos metalúrgicos de São Paulo, defendiam essas emendas. Alguns deles enver-

gavam camisetas com referências ao Solidariedade polonês.

A contradição entre pluralismo e unicidade sindical, no entanto, permanecia latente na discussão sobre quem ia compor a Comissão Nacional Pró-CUT. Tratava-se de discutir a construção de uma única central de trabalhadores e não de variadas centrais, conforme as diferenças partidárias dos trabalhadores, por exemplo, entre os que militam no PCB e os que militam no PT. A constituição de uma única comissão era um grande teste para saber até que ponto as diferenças poderiam ser superadas sem provocar a cisão do movimento sindical brasileiro. A comissão executiva nacional que organizou a Conclat, com seus 29 membros, havia acertado uma chapa única para a Comissão Nacional Pró-CUT. Na madrugada de domingo, último dia da Conclat, Luis Inácio da Silva, o Lula, e outros dirigentes do PT romperam com o acordo e resolveram formar sua própria chapa, sob o argumento de que haviam consultado dezenas de delegações e elas não aceitaram a composição proposta pela comissão executiva. Mesmo garantindo que acataria a escolha da maioria do plenário, a partir do momento em que resolveu formar sua própria chapa, Lula trouxe à tona a possibilidade de divisão da conferência.

As votações começaram a separar o plenário. Arnaldo Gonçalves, presidente do sindicato dos metalúrgicos de Santos, perdeu duas votações. Dois em cada três delegados presentes rejeitaram sua proposta de que a escolha da comissão Nacional Pró-CUT fosse feita pelas bases das categorias e não pelo plenário, assim como a de que a Comissão deveria ser formada por dirigentes sindicais, sem a presença de delegados de base. "Estranho muito que os que mais defendem a CUT pela base não queiram levar a eleição para as bases", disse Arnaldo Gonçalves. Lula, que defendia publicamente a CUT pela base, não respondeu quando o presidente do sindicato dos bancários do Rio de Janeiro, Ivan Martins Pinheiro, anunciou ao plenário que a chapa que o presidente do PT iria propor tinha 61 nomes, nenhum deles de delegados de base. Pela primeira vez, desde 1978, quando apareceu liderando as grandes greves no ABC paulista, Lula foi vaiado tão expressivamente.

Arnaldo Gonçalves, Hugo Perez, Ivan Pinheiro, Raimundo Rosa Lima, José Francisco da Silva e outros sindicalistas importantes retiraram-se da chapa apresentada por Lula. As duas chapas foram para votação no plenário e a mesa, dirigida pelo engenheiro carioca, Jorge Bittar, que faz parte da direção nacional do PT, não se sentiu em condições de proclamar o resultado a favor de uma ou outra chapa, pois a diferença entre elas era pequena e cada lado reivindicava possuir a maioria. Uma parte do plenário começou a exigir a fusão, em especial os sindicalistas rurais, e foi o que aconteceu, depois de uma hora de negociações entre as duas chapas.

Os participantes estavam cansados das disputas entre os grupos políticos. Um sinal disso foi a iniciativa do agricultor carioca Eraldo Lírio de Azevedo. No intervalo, enquanto as duas chapas negociavam, ele interrompeu os refrões dos militantes políticos, que formavam dois blocos: de um lado, o pessoal do MR-8 e, de outro, os membros do PT. "Se é para cantar, eu sou bom cantador", disse Eraldo, silenciando os dois grupos e arrastando todo o plenário, que, com palmas ritmadas, o acompanhou cantando músicas camponesas, exaltando o sindicalismo e a reforma agrária. Outros cantadores e repen-

Fotos Olivio Lamas

Lula, Perez e Joaquinzão, que sobrou

Na composição da chapa única, maior participação do trabalhador rural

tistas nordestinos se seguiram, entre eles o presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes), Aldo Rebelo, que cantou uma vaquejada.

Saiu a chapa única. O que expressam os 56 nomes escolhidos, que receberam a votação maciça do plenário? Em primeiro lugar, a confirmação de que são as entidades sindicais existentes o lugar de organização privilegiado dos trabalhadores brasileiros. Apenas quatro nomes não são de diretores de entidades: dois sindicalistas rurais, além de Lula e Olívio Dutra, dirigentes sindicais cassados, que, a rigor, não podem ser considerados delegados de base. Todos os demais são ligados a entidades: José Francisco da Silva, presidente da Contag, a única confederação representada; 15 dirigentes de federações rurais e quatro de federações urbanas; cinco de sindicatos rurais e 25 de sindicatos urbanos e dois de associações pré-sindicais.

Essa é uma tendência histórica do movimento sindical brasileiro: a de fortalecer suas entidades, mesmo criticando a estrutura sindical existente. Por essa razão, preocuparam-se muitos dirigentes sindicais com o fato de não fazerem parte da Comissão Nacional Pró-CUT representantes das três confederações nacionais, que, além da Contag, apoiaram e participaram da Conclat (dos trabalhadores em comunicação e publicidade, dos professores e dos funcionários públicos), assim como do principal sindicato de metalúrgicos do Brasil e o maior da América Latina, o de São Paulo, que representa 420 mil operários.

Seja como for, houve um avanço na composição social da Comissão Nacional Pró-CUT, em relação à antiga comissão executiva nacional. Enquanto nesta havia apenas cinco trabalhadores rurais, ao lado de 24 urbanos, na nova comissão há 23 trabalhadores rurais, ao lado de 33 urbanos. Esta composição é muito mais condizente com o fato de que existem cerca de 15 milhões de trabalhadores no campo e 30 milhões nas cidades, além de considerar também o nível de sindicalização rural, que é maior, perto de 40%, do que nas cidades, perto de 25%.

Também se recolocou com o devido peso a participação dos assalariados das camadas médias urbanas. Eles eram 13 na antiga comissão de 29, enquanto os trabalhadores diretamente ligados à produção eram 11. Na nova comissão, os jornalistas, bancários, comerciários, arquitetos, médicos, engenheiros e professores somam 14 pessoas, enquanto operários na construção civil, na indústria do vestuário, padeiros, eletricitários, metalúrgicos, petroleiros e petroquímicos somam 19 membros. Este peso significativo das camadas médias urbanas explica-se pelo seu crescimento nos últimos 20 anos. Trabalhadores no comércio, serviços e outras atividades não diretamente ligadas à produção somam hoje cerca de 19 milhões de pessoas, enquanto os trabalhadores na indústria somam perto de 11 milhões.

Por baixo do pano permanece a divisão: PT x Clandestinos

Politicamente a Comissão Nacional Pró-CUT manteve o equilíbrio da antiga comissão executiva, que era de dois sindicalistas conservadores ou militantes e simpatizantes do PCB, MR-8 e PC do B para cada sindicalista militante ou simpatizante do PT. Esta proporção foi mantida, se se considerar as indicações feitas pelos dois grandes blocos que disputaram a Conclat: de um lado, o PT, organizações trotskistas, uma ala mais radical da Igreja Católica e uma parte dos independentes. De outro, o PCB, MR-8, PC do B, sindicalistas conservadores e outra parte dos independentes. Entre os trabalhadores rurais, o PT indicou apenas cinco nomes, enquanto 18 ficaram por conta do presidente da Contag, José Francisco da Silva. Entre os assalariados de camada média urbana, o PT ficou com a maioria: indicou oito dos 14 que fazem parte da comissão. E, entre os operários ligados diretamente à produção, o bloco liderado pelo PCB indicou 13 nomes dos 19 que compõem a comissão.

Outros fatos políticos precisam ser considerados, como o comportamento da Igreja Católica. Enquanto uma ala, liderada por frei Betto, insistia na formação de uma chapa própria, como a sugerida inicialmente por Lula, o representante da Comissão de Justiça e Paz, José Gregori, considerava necessária a formação de uma chapa única, pois a divisão seria, a seu ver, "o princípio do fim". O comportamento do movimento sindical rural, no qual a Igreja Católica exerce influência, influiu para que os católicos, a partir de um certo momento, sentissem a necessidade de um acordo entre as duas correntes.

Os dois principais partidos políticos presentes ao encontro, o PT e o PCB, não tiveram comportamento homogêneo. Alguns trabalhadores de tendência trotskista, ao lado de metalúrgicos de São Bernardo do Campo, militantes do PT, não foram favoráveis ao acordo final e um dos dirigentes cassados do mesmo sindicato de Lula chegou a afirmar que ele havia "traído as bases de São Bernardo", ao aceitar uma chapa com a presença de sindicalistas conservadores como Osvaldo Pimentel, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro. De outro lado, a ausência na composição final do nome de Joaquim dos Santos Andrade, presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, desagradou a uma parte dos militantes comunistas presentes. Um metalúrgico paulista, militante do PCB, chegou a afirmar que "a burguesia saiu ganhando", quando soube da exclusão do nome de Joaquim. Já o ex-dirigente da CNTI, membro do Comitê Central do PCB, Hércule Corrêa, considerou que Joaquim "polarizava tensões e divisões" e sua saída facilitou a unidade.

Os membros da Comissão Nacional Pró-CUT, de qualquer forma, precisam levar em conta que para a construção de uma Central Única de Trabalhadores ainda resta incorporar uma faixa significativa de sindicatos e de trabalhadores de base. Calcula-se existir no País cerca de 4.500 sindicatos e associações pré-sindicais. A comissão executiva que organizou a Conclat estabeleceu contatos com 3.958 dessas entidades. Apareceram no encontro da Praia Grande 1.126. O Congresso, além disso, será realizado muito perto das eleições de 1982. Este fato poderá agravar as disputas entre os militantes dos diversos partidos e dificultar sua unidade em torno das questões que interessam a todos os trabalhadores.

José Francisco: uma liderança amadurecida

Na I Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat) muita gente ficou surpresa com a presença de 1.110 trabalhadores rurais, entre os 5.247 delegados que foram de todos os Estados brasileiros até a Praia Grande, em São Paulo. Para quem acompanha o movimento sindical, este número só não foi maior pela falta de condições financeiras dos líderes da agricultura. Alguns deles chegaram à Praia Grande sem dinheiro para comer. O fato é que o movimento sindical rural mostrou-se muito organizado e tendo à frente uma liderança serena e madura, a do pernambucano José Francisco da Silva, que é casado e tem sete filhos.

— Como foi sua infância, seu tempo de criança?

— Eu nasci há 41 anos, em Orobó, que fica na região do agreste pernambucano. Meus pais eram lavradores e já aos oito anos eu fazia algum roçado em casa. A partir dos dez anos eu passei a descer com os mais velhos para a Zona da Mata, na época da safra, da seca, para trabalhar como assalariado, em pequenos arrendamentos, em agricultura de subsistência. Foi assim até 1960, quando eu completei vinte anos e me mudei definitivamente para a Zona da Mata. Fui trabalhar num engenho de cana-de-açúcar, o Engenho Trigueiro, no município de Vivência, também em Pernambuco.

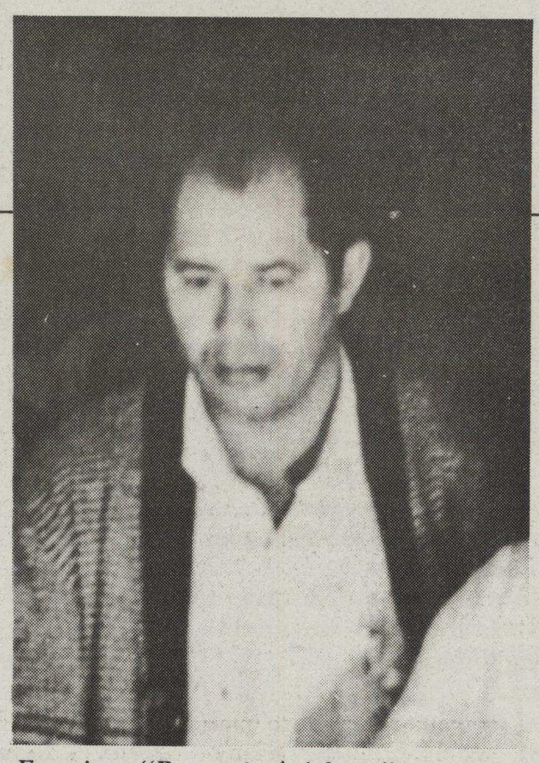
— Aí começou sua vida sindical?

— Foi a partir daí que começamos a organizar o sindicato rural de Vivência. No final de 1961 eu já era delegado sindical no Engenho Trigueiro. Em 1962 fui eleito para a diretoria do sindicato e assim fiquei até 1966, quando passei a secretário da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (Fetape). Em 1968 fui eleito para a presidência da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), na época por uma chapa de oposição. Fui reeleito em 1971, 1974, 1977 e 1980.

— Como se deu esse salto recente na organização do movimento sindical rural?

— Quando assumimos a presidência da Contag, havia 11 federações de trabalhadores rurais, 500 sindicatos e 700 mil trabalhadores sindicalizados. Hoje estamos com 21 federações estaduais, delegacias sindicais no Acre e Rondônia, 2.500 sindicatos e 6,9 milhões de sindicalizados, um número significativo, pois existem cerca de 15 milhões de trabalhadores no campo e 11,5 milhões de famílias de meeiros, parceiros, arrendatários, assalariados e pequenos proprietários. Desse total, 8 milhões são assalariados, 6,8 milhões dos quais temporários.

— Algumas pessoas dizem que foi o próprio governo quem ajudou a sindicalização rural.



Francisco: "Repressão é violenta"

— De forma alguma, o governo sempre procurou impedir. Desde 1964, tentou transformá-lo em movimento assistencialista e de prestação de serviços. Naquela época o movimento sindical rural buscou o caminho da Justiça, o caminho individual, mas a Justiça é altamente desaparelhada e desfavorável aos trabalhadores. Em maio de 1979, no nosso 3º Congresso Nacional, foi revista a linha de ação do movimento, que passou a desenvolver ações e lutas coletivas, como as greves dos canavieiros pernambucanos, a resistência à posse da terra e os movimentos dos pequenos agricultores na região sul do País. Apenas em 1980 cerca de 1,5 milhão de camponeses fizeram greves, passeatas ou concentrações.

— E a Igreja, qual o papel da Igreja nisso tudo?

— Até 1961 existiam apenas cinco sindicatos rurais no Brasil. Só a partir de então o movimento começou a tomar vulto, chegando a existir em 1964 perto de mil sindicatos, muitos deles desaparecidos depois dessa data. Naquele primeiro período, muitos grupos colaboraram, como as Ligas Camponesas, Igreja e o próprio movimento sindical urbano. A Igreja, porém, recuou muito em 1964. Voltou a nos ajudar em 1969/1970, depois que fez uma autocrítica de suas posições. Hoje a Igreja tem nos dado um apoio muito bom, excelente mesmo, principalmente nas áreas de conflito. Na medida em que apóia a Reforma Agrária, por exemplo, ela nos ajuda. Mas é preciso ficar claro: quem faz o trabalho de sindicalização, quem organiza os sindicatos não é a Igreja, são os trabalhadores rurais, as federações, é a Contag.

— Você está sendo processado pela Lei de Segurança Nacional, desde que denunciou o assassinato de Wilson Souza Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Basiléia, no Acre, em julho do ano passado. Como você encara esse processo?

— Nos últimos anos, a repressão ao sindicalismo rural tem sido violenta. De 1964 para cá, temos condições de provar a prisão de mais de 25 dirigentes sindicais, o desaparecimento de 16 líderes camponeses e a morte de 27 companheiros sindicalistas. Apenas do ano passado para cá foram assassinados 15 dirigentes rurais. O processo que o governo move contra mim é uma tentativa de intimidar o movimento sindical rural, fazer com que ele recue. Mas isto não vai acontecer, pois o que dirige a luta dos trabalhadores do campo são suas necessidades de sobrevivência, que falam mais alto do que qualquer Lei de Segurança Nacional.

A UNIDONTO PROPÕE A TODAS AS COOPERATIVAS UM BOM NEGÓCIO

A Unidonto oferece assistência odontológica pelo sistema cooperativista.
A Unidonto oferece consulta e tratamento odontológico com hora marcada.
A Unidonto oferece seu plano de assistência familiar.
A Unidonto oferece preços mais baixos.
Solicite a presença de um executivo da Unidonto.

unidonto
PORTO ALEGRE
sociedade cooperativa de serviços odontológicos ltda.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380 Av. Borges de Medeiros, 596 4º andar G. 42

ENTREVISTA GAUDÉRIA COM

O MACANUDO TAURINO

Taurino Fagunde, um típico gaúcho do interior que interpreta a sua maneira as notícias do mundo que escuta em seu rádio de pilha, tomando mate, é o principal personagem do cartunista Santiago. Ele, seu fiel cachorro tobiano, o amigo Polsério, a égua Pimenta e o Bolicho (bar) do Guede surgiram há seis anos, nas páginas da revista *Agricultura & Cooperativismo,* editada pela Federação das Cooperativas de Trigo e Soja (Fecotrigo) e do *Coojornal.* Atualmente, eles estão no semanário *O Interior,* da Fundação da Produtividade, com circulação em todo o Rio Grande do Sul.

Além disso, as aventuras de Taurino e seus amigos estiveram presentes nos três livros de seu criador: *Humor Macanudo, Refandango* e *Gauchíssima Trindade* (junto com os argentinos Crist e Fontanarrosa). Santiago, ou Neltair Rebés Abreu, é um colecionador de prêmios. Arrebatou por duas vezes o prêmio do Salão de Humor de Piracicaba, ganhou, no ano passado, um dos prêmios do concurso internacional promovido pelo jornal japonês Yomiuri Shimbun, e conquistou várias vezes o prêmio da Associação Riograndense de Imprensa.

Seu personagem, o Macanudo (que, na gíria gaúcha, significa *bacana*) Taurino, está sempre disposto a reclamar da poluição, reagir contra a colonização cultural e torcer o nariz para os modismos da cidade grande. Agora ele está na exposição *Humor & Tradição,* no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre, que reúne os humoristas gaúchos Santiago, Edgar Vasques, Corvo, Ferré, Hyarup, Roberto Silva, entre outros.

"Êta rádio alarife! Pois desde uns tempos só canta nessa língua que não se entende, não tem mais rancheira".

Nossa reportagem foi encontrar o Macanudo Taurino embaixo de uma árvore sorvendo o amargo nosso de cada dia acompanhado do seu radinho de pilha e do fiel guaipeca tobiano.

Gostaria que o senhor se apresentasse pros leitores, seu Taurino.

Em Prosa ou em verso?

Pode ser em verso mesmo.

Na cidade se confunde/na campanha não se aperta/sou o Taurino Fagunde/ chirú① que erra e que acerta.

Onde o senhor estava quando o Brizola iniciou o movimento pela legalidade?

Quando ele pensou em resistir, eu já tava em riba da coxilha com um provisório② de trinta homens e meio, contando o seu Folgêncio que é anão. Daquela feita cheguei a enxergar a República do Piratini prontinha!

O senhor já foi ao Analista de Bagé③?

Primeiro faça o favor de me explicar o que é analista.

Analista, doutor analista.

Ala fresca, doutor de ânus, desses que curam as hemorróides?

Não seu Taurino, analista é o mesmo que psiquiatra.

Espere aí, esse negócio de doutor pesquiatra é quando o vivente enloquece das idéias. Pois repare o meu jeito, moço, e veja se tenho estampa de freguês do Hospício São Pedro. Entrevista é uma coisa, falta de respeito é outra!

Não seu Taurino, o analista não lida só com louco, trata de neuroses que são loucuras pequenininhas.

Pois olha moço, já que o assunto é louco, eu tenho um teste mui bueno prá identificar louco. Boto um "barão" e uma lamparina acesa na frente do índio, se não rasgar o dinheiro e não cheirar no fogo tá se fazendo de morto pra ganhar sapato novo!

O que o senhor acha da terapia do joelhaço④?

Prefiro o "chá de casca de vaca". Lhe dou a receita de vereda: o senhor pega uma vaca, mata, coureia, agarra esse couro e tira oito tentos⑤ bem parelhos. Trança eles de oito, e faz um rabo-de-tatu. Depois aplica umas trinta doses pelo lombo do paciente. Antes das refeições, que é prá não dar congestão. Se o paciente não agarra jeito no terceiro dia, então já é caso prá doutor pesquiatra.

O senhor acredita que todo homem possui uma porção mulher como diz o Analista de Bagé?

Pois quem fala a verdade não merece castigo. Eu vou revelar pra o senhor, mas não fique espalhando por aí: eu tenho uma porção de mulher. Não que eu queira, que até não acho muito direito, mas foram me namorando, me namorando e agora tô com uma porção de mulher na zona.

Como o senhor reagiria se o Coronel Curió quisesse lhe mandar pra o Mato Grosso?

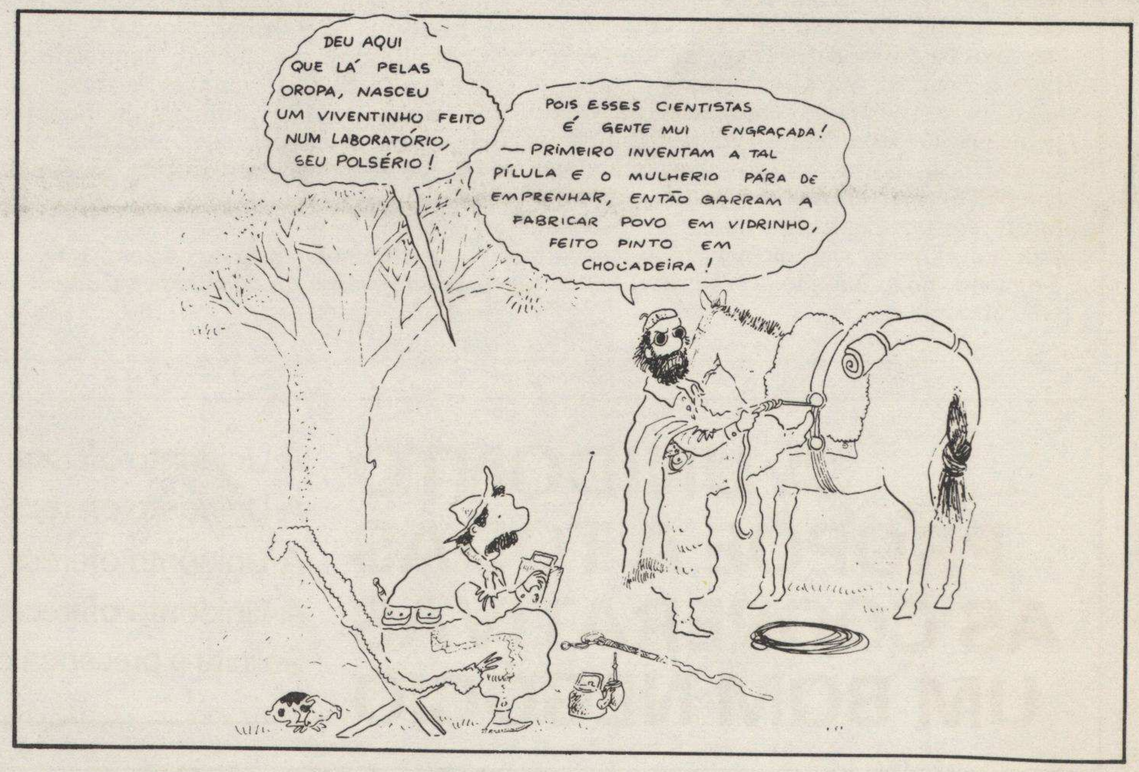
Em terra de quero-quero, Curió não canta de galo!

Conte aquela feita em que o senhor fumou um baseado de maconha pensando que era um palheiro?

Pois olhe, só agarrei a desconfiar quando comecei a ver cavalo verde, cachorro cor-de-rosa, cinamomo dançando, cuia de mate conversando feito vivente de duas pernas.

O senhor foi visto num trailer comendo cachorro quente. Tava mesmo?

Fiquei muito aporreado com o rapazote que me vendeu o tal cachorro. Não é que quando abri o tareco prá ver o que tinha dentro, tava aquela coisa comprida, vermelha e gosmenta, aí, ralhei com o guri: "Escuta seu alcaide⑥, não tinha outra parte do cachorro? Foi me dar tão logo essa!"



"Lhe dou a receita do chá-de-casca-de-vaca: faz um rabo-de-tatu e aplica trinta doses no lombo do paciente"

E o Delfim seu Taurino?

É o único animal que dá muito peso na balança, mas tropeiro nenhum quer na sua tropa!

É verdade que o Figueiredo queria negociar a égua Pimenta com o senhor?

Egüita macanuda como essa eu não quis vender nem pra o outro João, que foi eleito pelo povo. Saiba o senhor que a égua pra gaudério⑦é condução, companhia e desaperto!

O que que o senhor acha desses músicos brasileiros que cantam em inglês?

Já lhe falei do chá de "casca-de-vaca", é bom pra esta doença também, na terceira dose ou o vivente aprende o português ou então enrola a língua pra sempre.

O que o senhor acha da nova moda do mulherio usando calças parecendo bombachas?

Um desastre pra gauchada! Não há de ver que um dia desses fui procurar minha bombacha domingueira de favos e nada. Pois a mulher velha tinha garrado pra ir no bailão.

O que o senhor acha da instituição rio-grandense que é a "barranqueada"⑧?

Como dizia o finado meu avô: "O barranco é muito bom/para um rapaz solteiro/Pois evita pegar doença/ e economiza dinheiro"!

Por onde anda o Mulato Libório, aquele que tocava acordeão elétrico?

Repare o senhor que mulato bem guapo, pois ganhou uma bolsa pra estudar cordeona clássica num conservatório de Paris. Agora só se dedica aos clássicos. Ouvi dizer que tá compondo uma "sanfonia", é sanfonia mesmo, que é prá tocar na sanfona de oito baixos. Disseram que é composta de quatro movimentos: "andante", "allegro", "alegrete" e "Passo Fundo".

É verdade que o senhor acompanha as novelas da Globo?

Eu acompanho enterro pra o cemitério, tropa no corredor, passeata contra o confisco da soja, china solita⑨e até gaita eu acompanho no violão, agora novela não tenho paciência!

O que o senhor acha da influência da Rede Globo de Televisão?

Barbaridade. Acredita que por esse rincão já tem chiru gaudério trocando o "tu" por "você", que nem biriva⑩do Paraná, desses que vem comprar mula? Já tem índio bagual falando chiado como chaleira pra o mate, só pra ficarem igual o carioquedo. Ouvi dizer que ali pras bandas de Caçapava já tem domador de brinco na orelha.

O que o senhor acha dos filmes eróticos?

Churrasco é pra comer, não pra ver os outros saborearem! De mais a mais em matéria de bandalheira o cinema é que tem o que aprender comigo!

O quê que o senhor acha do "top less"?

Tá querendo dizer mulher sem camisa? Chô mico⑪ mais velho que mijar prá frente, a Eva lá no paraíso já usava. Quem já viajou de trem no carro de segunda sabe. Ali tá cheio de mulher com teta de fora, e que eu saiba ainda não descobriram outro jeito de dar mamá pras crianças.

O senhor quer fazer uma saudação final?

Em prosa ou em verso?

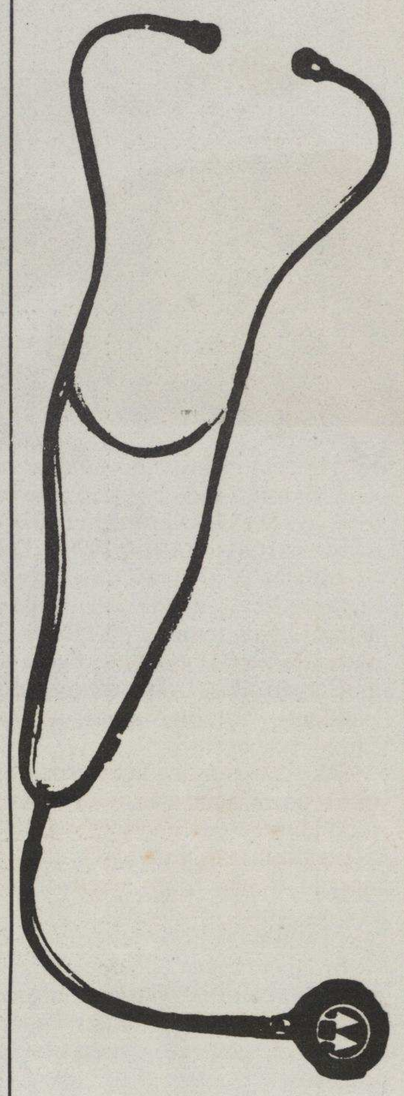
Pode ser em verso mesmo.

Tem jornal que é macanudo,/ pra outros não dou aval/ tens uns que contam de tudo,/ outros só etcetra e tal/ tem uns que botam açúcar,/ tem outros que botam sal/ e a coisa bem como foi/ só se lê no Coojornal.

Produção: Santiago
Fotos: Luiz Eduardo Achutti
Taurino: Hyarup

(1) Chiru — Gaúcho com traços indígenas(termo de origem Guarani)
(2) Provisório — Pelotão de civis formado durante as revoluções
(3) Analista de Bagé — Personagem de Luiz Fernando Veríssimo, já entrevistado por este jornal
(4) Terapia do joelhaço — técnica do Analista de Bagé que consiste em aplicar um golpe de joelho no paciente antes de fazer qualquer pergunta
(5) Tentos — tiras de couro com as quais se fazem laços de relho
(6) Alcaide — Tipo ordinário, adjetivo pejorativo
(7) Gaudério — Gaúcho errante que não tem paradeiro
(8) Barranqueada — Cópula com animal cavalar, vem de barranco
(9) Solita — Sozinha
(10) Biriva — Habitante da região rio-grandense da serra, do Paraná ou de São Paulo que vinham à fronteira comprar mulas.
(11) Chô Mico — expressão de admiração, o mesmo que "Ala Fresca"

UMA COOPERATIVA DE MÉDICOS



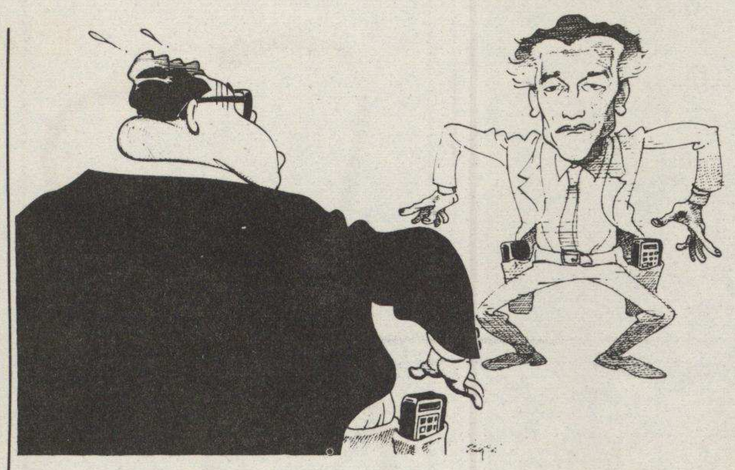
A segurança de um atendimento com cobertura em todo o território nacional.
A qualidade do *Sistema Unimed* com atendimento no próprio consultório particular do médico escolhido.
O custo mais baixo, conseqüências de um sistema sem intermediários.
Estes são os fatores que fazem do *Sistema Unimed* o melhor para a Assistência Médico-Hospitalar da sua empresa ou família.

UNIMED

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 142
Fones: 31-1162 e 31-1677

"O RABO BALANÇA O CACHORRO"

(Para entender nossa dívida externa)



Há pelo menos cinco anos os economistas de oposição vêm manifestando preocupação com o endividamento externo do Brasil. O problema da dívida se agravou durante o governo Geisel (1974/1979), quando passou de 12 para 42 bilhões de dólares. Agora, em dois anos de governo Figueiredo, a dívida vai chegando aos 60 bilhões de dólares. Nos tempos de Geisel ainda havia margem de manobra para o governo. Agora as coisas ficaram de fato mais apertadas. Como diz o economista Pedro Malan, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio, "o rabo está balançando o cachorro".

As críticas à dívida externa e as sugestões em torno da sua renegociação não podem ser vistas isoladamente. O endividamento é uma face decisiva do modelo econômico e, portanto, discutir a dívida é discutir o conteúdo do modelo adotado para desenvolver o País. Quando propõe a renegociação da dívida, o professor Celso Furtado sabe que Delfim Netto e seus colegas de ministério não vão vestir a carapuça. "Renegociar a dívida é entregar os pontos", confessa Carlos Langoni, presidente do Banco Central. Na prática, Langoni quer dizer que, para a atual equipe de governo, renegociar a dívida é confessar o fracasso.

Mas a questão tem muitas nuances. Renegociar a dívida, para Celso Furtado, é procurar os banqueiros internacionais, credores dos 60 bilhões de dólares, e dizer: "Chega de brincadeira. Precisamos adiar o pagamento das prestações. Portanto, os vencimentos dos próximos três anos ficam adiados para depois de 1984". Assim, chutando o pagamento das prestações para daqui a três anos (ou mais ou menos), o Brasil ganharia folga para se recompor, botar a casa em ordem e recuperar as condições de pagamento. Mais ou menos como uma família em apertos que pede prazo aos fornecedores. Mas a proposta de Celso Furtado não pára no aspecto da dívida externa. Na opinião dele, para botar a casa em ordem e readquirir as condições de pagamento, o Brasil deveria modificar profundamente o atual modelo econômico.

Nessa mudança, destinada a atender os problemas básicos da maioria da população (habitação, saúde, educação, transporte, alimentos, vestuário), o endividamento externo deixaria de ser uma coisa indispensável. Mas para alterar o modelo econômico é necessário passar por mudanças políticas. Como se sabe, a sustentação política do modelo econômico brasileiro repousa em minorias ultraorganizadas: os banqueiros internacionais, os banqueiros brasileiros, as empresas estrangeiras, as grandes empresas brasileiras e a classe média alta, com o apoio ostensivo das Forças Armadas. A recusa do governo em renegociar a dívida, nos termos propostos por Celso Furtado e outros economistas, é perfeitamente lógica do ponto de vista político. Para pedir arreglo aos banqueiros internacionais, o governo precisaria contar com uma base de sustentação muito mais forte na sociedade brasileira. Ele precisaria legitimar-se. Mas como ampliar essa base sem abrir espaço à participação política de outros setores além das minorias beneficiadas pelo modelo e sem substituir membros da equipe ministerial por outras pessoas mais representativas? No fundo, ao insistir na manutenção do modelo, Delfim, Galveas, Langoni e outros estão defendendo seu espaço no poder.

A TÁTICA DA BARRIGA, ATÉ QUANDO?

Alguns economistas, como Maria da Conceição Tavares, acham que o estrangulamento da dívida vai chegar ao ponto do sufoco. E então será inevitável fazer o arreglo com os banqueiros internacionais. Delfim Netto acha que o simples pedido de renegociação provocaria um pandemônio na economia brasileira. As exportações brasileiras seriam boicotadas e cairiam. As importações seriam bloqueadas e logo logo o País ficaria sem petróleo, sem adubos, sem trigo, sem máquinas e certas matérias-primas químicas.

Claro que haveria um baque nas relações internacionais do País, mas Delfim exagera. O tamanho do baque depende da capacidade de negociação do País. Celso Furtado acha que os banqueiros têm tanto dinheiro empenhado no Brasil que teriam que aceitar as nossas imposições. Mas o sacrifício só valeria a pena se fosse para mudar a forma de administração do País. A continuar sendo governado em função das minorias, é melhor continuar como está.

Não por acaso é o que Delfim está tratando de fazer. A partir de 1980, os ministros brasileiros passaram a viajar com mais freqüência aos grandes centros financeiros internacionais, para acalmar os banqueiros assustados com os indícios de que o Brasil não ia conseguir pagar o pato. Desde então está havendo uma espécie de renegociação "branda" da dívida. Ou seja, como não consegue pagar as prestações e os juros da dívida, o Brasil está pagando apenas os juros, enquanto renova as prestações por juros mais altos. É a tática de empurrar a crise com a barriga, para ir ganhando tempo. Haja barriga. O problema é que o Brasil não parece estar ganhando tempo. Ao que parece, está se atolando mais e mais.

A única forma de pagar a dívida é gerar dólares, ou seja, aumentar as exportações. Como o mundo está atravessando um período muito difícil, os países estão comprando menos e o Brasil já não consegue exportar o que precisa. Além disso, a confusão monetária gerada pelos árabes, que deslocaram todo o fluxo mundial de recursos com a manipulação dos preços do petróleo, provocou o aumento dos juros cobrados pelos empréstimos. Assim, o Brasil está pagando muito caro pela sua dívida por dois motivos: primeiro, porque deve muito e os banqueiros se prevalecem das nossas dificuldades; segundo, está devendo numa época de aperto, de confusão.

O PREÇO DE TUDO: A ENTREGA DA AMAZÔNIA

A crise energética provocou apertos em mais de 20 países importadores de petróleo, como o Brasil. Os países do Terceiro Mundo como Brasil, Peru, Argentina, Chile, México, Índia, Nicarágua e outros estão devendo 400 bilhões de dólares aos banqueiros dos países desenvolvidos. O agravamento do problema já levou alguns países a renegociarem suas dívidas (o Peru foi um deles). O aperto dos países pobres levará fatalmente a outras renegociações. O governo brasileiro quer evitar o calote. Além de renovar os papagaios mais urgentes, está acenando com as reservas minerais de Carajás, na Amazônia, como um trunfo decisivo aos olhos dos capitalistas internacionais. Um país não sofre falência por estar endividado, mas perde sua independência e aliena sua soberania. De certa forma, o preço do endividamento brasileiro é a entrega da Amazônia, hipotecada e oferecida à exploração internacional. No fundo, o excessivo endividamento externo está levando o Brasil a aprofundar as características do modelo econômico adotado nos últimos 17 anos: elitista, dependente e entreguista.

Se fizesse o contrário, como propõe Celso Furtado, o Brasil desencadearia uma crise financeira internacional, pois sua atitude certamente daria o tom para outros países pobres endividados e também cada vez mais apertados pelos banqueiros. É ilusório pensar que a atual equipe ministerial vá aceitar as sugestões de Celso Furtado. Na realidade, a única possibilidade de mudança no tratamento do problema da dívida — e portanto do modelo de desenvolvimento vigente no País — é que a evolução política da sociedade brasileira torne inviável a manutenção do atual esquema de poder.

A ressonância das críticas de Celso Furtado e outros economistas, e até de alguns empresários favoráveis à renegociação da dívida, como Antonio Ermirio de Moraes e Claudio Bardella, são um indício de que a sociedade brasileira não engole mais com facilidade a argumentação dos defensores do modelo econômico atual. Cinco anos depois do início do debate sobre o exagerado processo de endividamento brasileiro, desta vez Delfim Netto, Galveas, Langoni e outros membros do governo estão tendo que rebolar para provar que seu esquema é viável e tem futuro. O tempo vai dizer, brevemente, quem tem razão.

Geraldo Hasse

"Tirar os homens da idéia de produzir para a idéia de viver é uma coisa tão sir

Algumas id de Celso Fu

Celso Furtado, 61 anos, paraibano de Pombal é hoje professor na Universidade de Sorbonne, Paris, e há muito tempo viaja pelo Mundo fazendo conferências. Idealizador da Sudene, na década de 50, ministro do Planejamento no Governo João Goulart, é, antes de mais nada um economista de sua terra, isto é, o exílio e a vivência na Europa não alteraram seu enfoque dos problemas brasileiros. Ele os vê a partir daqui, e não a partir dos interesses dos credores do Brasil. Durante o mês de agosto ele sustentou quase diariamente através da imprensa uma polêmica informal com os condutores da política econômica do Governo (Delfim Netto

e Delfim Ne recuar um c lítica econôm sociais é pur Outra, sobre negócio de b na pode ser político do B

A seguir, de Celso Fu feita no Rio último livro –

O "Milagre"

As distorções geradas com o modelo econômico da época do "milagre" não foram corrigidas pelas políticas adotadas posteriormente. Elas foram agravadas. O Governo havia aumentado muito a necessidade de financiamento da economia, porque elevou a taxa de crescimento e aumentou o consumo de bens du-

ráveis. Isso foi resultado do "m lagre", que fez isso numa fase em qu a produtividade estava crescendo porque a economia partiu de um fase de subutilização de sua capa cidade para uma utilização plen Mas durante a fase do "milagre" a distorções ficaram mascaradas em boa parte, por essa elevação gratuit de produtividade, que é usar a fábricas que já estão instaladas.

Já na fase pós-milagre, a eco nomia está utilizando plenamente sua capacidade e, simultaneamente

les que parece um escândalo!"

léias

rtado

e Delfim Netto) e não precisou
ímetro suas posições. "Uma po-
que não leve em conta os efeitos
igarice", foi uma de suas fraudes.
dívida externa: "O Brasil não é um
queiros, é um país. A dívida exter-
negociada, sim, mas com o peso
il".

Coojornal *publica algumas idéias*
do, extraídas de longa entrevista
Janeiro, após o lançamento de seu
O Brasil Pós-"Milagre".

entra numa fase de degradação dos termos de intercâmbio com o exterior. É como se você tivesse um avião voando com quatro motores, mas que pode voar com dois, mas que todos os motores parassem subitamente. Você mantém o avião voando, mas você, evidentemente, tem que reduzir a altura ou a velocidade de vôo. Você tem que adaptar o avião às novas limitações. A política adotada pelo Governo fez o contrário, procurou manter a velocidade — nós podemos tudo!

Hoje o quadro é diferente. São os mesmos homens, mas em circunstâncias totalmente diversas. Naquela época, eles possuíam margens de manobra enormes, porque o país ainda podia se endividar facilmente e havia um quadro de expansão no mercado mundial. Hoje em dia os homens estão mudando a política porque não têm opção, em parte para responder às pressões externas. No fim de 79, quando houve a mudança de Ministro do Planejamento e assumiu o Delfim Netto, tentou-se ainda uma política que era baseada na idéia do crescimento a todo custo. E falhou. As pressões externas foram tais, que o país não pode se permitir crescer dessa forma e se endividando. Essa política que aí está, em grande parte, foi uma simples adaptação às exigências externas, para que se pudesse administrar a dívida externa.

A dívida

A dívida permitiu, de alguma maneira, financiar alguns dos planos importantes de desenvolvimento, como Itaipu ou os planos siderúrgicos. O país executou alguns planos de investimento significativos nesse período. Mas isso representaria uma fração da dívida externa, que foi aplicada adequadamente. Grande parte da dívida entrou no Brasil como recursos financeiros, simplesmente como depósitos no Banco Central, sem estar ligada ao projeto de desenvolvimento. Esses depósitos tinham o objetivo de dar maior autonomia financeira às empresas.

A dívida permitiu que o consumo continuasse aumentando mais rapidamente do que podia. Deu um poder considerável a certos setores especuladores. Levou as empresas a especular no open market *e fez com que o sistema financeiro aumentasse muito a sua participação no Produto Nacional. Como forma de aumentar a capacidade financeira de muitas empresas, ela permitiu que muitos planos de investimento continuassem, quando já deviam ter sido reciclados. Essa dívida está longe de ter proporcionado ao Brasil os meios para um aumento efetivo da capitalização e do crescimento. Com esses mesmos recursos, se poderia ter feito coisa muito melhor.*

Criou-se uma coisa tão curiosa que é difícil explicar que o Banco Central, empenhado numa luta antiinflacionária e numa política de conter os meios de pagamento por um lado, criava, por outro lado, um enorme setor expansionista, que já não controlava mais. A política antiinflacionária acabou sendo uma inflação de 120%.

Tutela, não!

Essa não é propriamente uma política. É uma adaptação às condições externas, que exigem isso. Para fechar o balanço, o país precisa adotar certas medidas que são ditadas lá fora. Nada disso obedece a uma política. Há no país uma capacidade ociosa enorme nas indústrias, que não é utilizada, enquanto outros setores continuam investindo quando já deviam ter parado. Há todo tipo de problemas no país, mas uma política precisaria ter diretrizes a longo prazo, como a modificação da inserção do Brasil no sistema internacional. O custo da divisa tem que ser muito mais alto no Brasil, onde a única coisa barata hoje em dia é a divisa estrangeira. Agora, houve essa enorme desvalorização das moedas européias, mas a moeda brasileira se manteve ligada ao dólar, criando uma distorção muito maior em nossa economia.

Qualquer observador internacional diria que o Brasil estaria melhor hoje se tivesse recorrido ao FMI há dois anos, porque o país chegou a adotar uma política idêntica ao do FMI sem ter nenhuma de suas possíveis vantagens. Mas o problema não é o FMI. O problema é recuperar a autonomia do país, que ele perdeu sem ter recorrido ao Fundo. Lá fora, já ouvi banqueiros dizerem que o Brasil poderia estar muito melhor se tivesse recorrido ao Fundo. Primeiro, ele não teria feito essa coisa incrível que foi adotar uma política numa direção e modificá-la em 180 graus. Depois de ter contido as correções monetária e cambial e as taxas de juros, durante um tempo, libera brutalmente, deixando as empresas numa situação muito difícil, com os atuais níveis dos juros.

Mas eu, em princípio, sou contra a aceitação da tutela do FMI, porque o Brasil tem outras opções. Tem um peso considerável na economia internacional e condições de renegociar sua dívida, com um trabalho político adequado.

É um País!

De 79 até agora os preços do petróleo aumentaram pouco ou tenderam até a baixar um pouco. E se espera que nos próximos anos o preço do petróleo se estabilize. Mas ninguém imagina que isso será suficiente para tirar o Brasil da situação em que ele se encontra. Mesmo que o preço do petróleo baixasse 20%, isso não tiraria o Brasil da situação em que ele está. Porque o serviço da dívida já soma 15 bilhões de dólares este ano e se forem acrescidos a isso os dividendos dos capitais estrangeiros colocados no Brasil e os serviços técnicos, digamos, a balança de invisíveis negativa que tem o Brasil, é evidente que a situação é tão grave que muita gente se atreve a dizer que o Brasil não pode nem sequer renegociar a sua dívida. Ele está tão imobilizado, que ele não pode renegociar, nem pedir uma moratória. O dinheiro que o país recebe hoje, se ele perdesse crédito no exterior, não daria nem para ele sobreviver, para importar o fundamental e manter a economia funcionando. Neste caso, dizem hoje que o país chegou a uma situação que não pode nem pedir moratória.

Eu estou totalmente em desacordo com isso, que o Brasil não pode negociar. O Brasil pode negociar, mas tem que tirar o problema do debate com os banqueiros para o plano político. O Brasil não é apenas um negócio de banqueiros! É um país, que tem importância internacional e tem outras cartas a jogar nisso e teria que, em primeiro lugar, discutir o assunto no campo político a recolocação total de sua situação financeira internacional, para ter espaço de tempo suficiente para reordenar a casa e partir para outra política. Qualquer política terá que começar pela ordenação da situação internacional.

Amazônia

A ocupação da Amazônia terá de ser realizada de uma forma ou de outra e o que se discute é como realizá-la da melhor forma. Como evitar que a ocupação da Amazônia leve à desertificação, à depredação dos recursos da Amazônia, etc? Todos estamos de acordo que o Brasil tem que incorporar a Amazônia ao seu sistema econômico-social. No caso de Carajás coloca-se a questão do uso de recursos não renováveis, que só podem ser utilizados uma só vez, como os poços de petróleo. Portanto, é uma riqueza que não pode ser destruída. Ela terá de ser substituída por outra. Explorar Carajás é incorporar Carajás à riqueza brasileira de forma permanente. Portanto, não se trata de depredar, de apenas cavar buracos em Carajás e de exportar seus recursos para solucionar problemas brasileiros que não são de curto e médio prazo, como os problemas que o Brasil enfrenta atualmente. Carajás, evidentemente, é um patrimônio que pertence ao presente e ao futuro do Brasil. E o futuro vai nos pedir contas por isso. Como esses países produtores de petróleo, por exemplo, que estão exaurindo seus campos de petróleo, destruindo as suas riquezas e se instalando num sistema de vida que não podem sustentar. Uma vez os campos de petróleo esgotados, que farão esses países? Como vão sobreviver, com as suas imensas estruturas urbanas excessivamente caras, como é o caso da Venezuela? É preciso que Carajás não leve o Brasil a ser uma segunda Venezuela. Que não leve o país a um tipo de desenvolvimento dos países petroleiros. É evidente que Carajás não tem a mesma dimensão, mas é preciso que a discussão em torno de sua exploração se faça no sentido da necessidade de preservação de sua riqueza, não de sua destruição.

Nordeste

Uma política para o Nordeste tem que ser integrada a uma política nacional, que passe por transformações estruturais. Essa política tem na agricultura do Nordeste um dos seus problemas mais importantes. É necessário pensar numa redistribuição geográfica da indústria no Brasil. Não se trata apenas de transferir essas indústrias para o Nordeste; é preciso descongestionar os grandes centros econômicos e pensar numa reordenação do espaço, tendo-se em conta que um terço da população brasileira vive no Nordeste.

Quanto mais pobre a região, mais negativos são os efeitos provocados pelo modelo de desenvolvimento adotado no Brasil. A concentração tende a ser maior ainda. Além disso, o desenvolvimento industrial nordestino foi sendo transformado mais e mais num complemento da industrialização do Sul. E as indústrias hoje localizadas no Nordeste utilizam muito pouca mão-de-obra e criam um excedente que, através do Estado, tende a estimular o desenvolvimento de uma economia terciária e uma classe média, que vive do excedente dessa indústria.

É como se você estivesse criando um processo de industrialização que não tem operário; só tem classe média, como em Salvador. Criou-se uma caricatura de desenvolvimento. O produto é uma projeção do Sul, não baseada nos recursos naturais da região. É preciso não esquecer, também, que 70% da população do Nordeste está classificada como vivendo no meio da miséria. Por família, a renda soma dois salários-mínimos. O que ganha essa população não dá para pagar as calorias necessárias.

Quando se criou a Sudene se pretendeu que a industrialização fosse baseada no mercado da região, ligada à sua própria realidade. Hoje, criou-se um desenvolvimento considerável, mas se reproduziu a velha sociedade numa dimensão muito maior.

Miterrand

A mudança de Governo na França tem importância muito maior do que o observador corrente percebe. A idéia de que o mundo estava caminhando para a direita está sendo repudiada em toda a parte, porque a direita não tem projeto para fazer face aos problemas do mundo de hoje. Basta ver o que acontece hoje na Inglaterra. É evidente que o mundo capitalista avançado nos últimos 30 anos conheceu uma fase de extraordinário enriquecimento. Mas as sociedades não estão preparadas para beneficiar-se disso. O resultado é que se passa a ter em todos esses países um desemprego permanente, que não é o desemprego antigo, decorrente do fechamento das fábricas. As fábricas continuam funcionando hoje, mas com uma capacidade ociosa muito grande, portanto, com custos mais altos.

O que buscava a direita? Buscava aumentar a produtividade ainda mais, para que as empresas pudessem concorrer internacionalmente. Todo o projeto da direita buscava internacionalizar mais as economias. Mas as sociedades não estão se internacionalizando com essa velocidade. Os problemas da sociedade francesa ainda são da sociedade francesa, assim como ocorre na Alemanha. Portanto, existe um atraso relativo no plano social. Ou se chega a uma internacionalização da política social, comum a toda a Europa, o que é muito difícil no quadro atual, pois perde-se o conceito de um Estado nacional. O voto passa a ser dado a uma abstração, que é a Europa.

Como não existe condições de se chegar a isso, é preciso que as próprias sociedades se transformem e avancem muito mais. E só quem tem projeto para a sociedade ainda é a esquerda, que está pensando em organizar o tempo disponível da população, o lazer, além de valorizar a dimensão cultural da vida. Tirar os homens da idéia de produzir para a idéia de viver, que é uma coisa tão simples que parece um escândalo! O mal é que só se pensa em acumular e produzir. Parece que todos foram tomados pela febre do americanismo. E depois, tomados pela febre do Japão, crescer internacionalmente para concorrer com o Japão. A direita é isso!

O que se fez na França foi rejeitar isso. Os socialistas franceses não tinham idéias muito claras não, mas tinham alguns eixos de reflexão, que eram elementares.

Brasil-Índia

É preciso chegar a uma disciplina do comércio internacional que deve ser alcançada através de uma forma seletiva de protecionismo, sem prejudicar o Terceiro Mundo. Dentro do quadro da direita, o diálogo Norte-Sul não poderia avançar jamais. A direita só pensa que a ordem econômica internacional está nas mãos das empresas transnacionais. Cabe a elas o investimento. Agora, os franceses, com o Miterrand, conseguiram desbloquear isso; abrir um pouco a janela. Ele precisa de uma aliança mais forte com a Alemanha, que precisa dessa aliança pela questão do desarmamento. Os alemães só têm uma saída que é formar um bloco com a França. A atuação de países como o Brasil e a Índia será importante para o desenvolvimento do Terceiro Mundo nas relações internacionais. Eles são os países mais importantes do Terceiro Mundo. O México também é um país importante, mas tem sua economia excessivamente ligada aos Estados Unidos. O peso do Brasil e da Índia é muito maior, principalmente para alterar a atual relação Norte-Sul, inclusive, desenvolvendo o comércio Sul-Sul, uma forma alternativa à prisão comercial com os ricos.

Polônia

A Polônia é uma manifestação de que o poder soviético está envelhecendo e não evolui. Não orientou seu desenvolvimento para a solução dos problemas humanos. A União Soviética é relativamente pobre. A imagem do socialismo vivido como a experiência soviética hoje em dia na Europa Ocidental se degradou enormemente. Há 30 anos atrás se tinha uma grande esperança nessa experiência. O fato de que o sistema soviético não evoluiu, levaria mais cedo ou mais tarde a choques. E é isso que ocorre hoje com a Polônia, um país onde o sistema soviético nunca se implantou totalmente. Nunca se conseguiu, por exemplo, coletivizar a terra na Polônia. Então, a sociedade civil preservou-se na Polônia independentemente do Estado-Partido, que passou a tutelá-la, o que dá um pouco a idéia do que é o totalitarismo. Na verdade, esse totalitarismo é muito relativo. É muito menos totalitário do que se pensa olhando de fora. Na própria União Soviética há muita dissidência; uma grande parte da sociedade civil que não se submete. Mas na Polônia é onde isso era mais evidente.

Marcio Madeira/Abril

Manuel Puig: desvendando as entranhas do Peronismo

enviado, porque a Junta Consultiva preparava um ato monstro para demonstrar que os militares tinham o apoio popular. Nos mandaram fazer a propaganda em camionetas embandeiradas — bandeira argentina — com altos-falante. E era sintomático, se íamos a bairros de gente rica, não acontecia nada, expressões de adesão mas não em demasia, na classe média podia haver algum incidente isolado, e também alguma adesão isolada. Mas, invariavelmente, quando íamos aos bairros operários, choviam garrafadas, insultos e às vezes paravam a camioneta com facas, para obrigar a descer os que iam nela. Eu mesmo recebi algumas porradas, em Quilmes mesmo, que nesse tempo me deu muita raiva. Havia um problema de classes, evidente. A revolução contra Perón havia sido um movimento classista. E depois vem a etapa Frondizi.

— O primeiro presidente eleito depois de Perón. Isso eu sei.

O Partido Socialista, por esse tempo, começa a decepcionar-me, porque era um movimento de classe média, e por ser democrático se dividia continuamente, se debilitava. Não tinha nem linha, nem força política. O Partido Comunista, por outro lado, estava com o caso Hungria. Os comunistas argentinos justificaram plenamente a intervenção soviética e isso me bastou. Comecei a acreditar cada vez mais nas soluções do tipo revolucionário, mas não no stalinismo. Eu queria soluções que recuperassem o humanismo socialista, mas isso não se praticava em nenhum país comunista. E assim me distanciava dos socialistas e comunistas, por serem anti-humanistas. Isso me deixou flutuando na esquerda.

— Em que ano foi isso?

— A época da campanha eleitoral do ano de 58, aí entrei na Faculdade de Direito. Resolvi estudar e trabalhar, não depender do meu pai.

— Mas a rotisseria dava, por que não deixou que o ajudassem?

— Eu não gosto de pedir. Não gostava na época e não gosto agora. Não sabe o esforço que tenho de fazer para pedir a você este favor.

— Isso, de não permitir que lhe pagassem os estudos me parece um exagero. Eu acho que exagera com seu espírito de sacrifício.

— É que eu sempre senti que tinha muito no mundo, enquanto há gente que não tem o mínimo.

— Prossiga com o que estava contando.

— De todos os grupos, Práxis era o que me atraía mais, tentava recuperar o humanismo socialista. Mas era um grupo de estudos, sem ação prática, não havia contato com operários. Mas me aproximei deles na Faculdade. Uma época de grande confusão, por um lado a subida de Frondizi, e não nos esqueçamos da revolução cubana fustigada pelos comunistas.

— Não é possível, contra Castro? Isso eu não sabia.

— Os trotskistas diziam que Castro era um gorila. Os socialistas e o Práxis o defendiam. Viam nele um liberal que de alguma maneira lutava por seu país. Mas esse é o Castro de 59. Agora, isto eu quero que você tenha sempre presente: eu nunca perdi nem quero perder minha raiz socialista liberal, que é o que me faz odiar a intolerância, o totalitarismo.

— E a violência?

— E também a violência. E por odiar a violência comecei a me aproximar do peronismo.

— E quer que eu me meta nesse rolo do Alejandro, como se isso não fosse violência?

— Isso é violência concreta numa situação concreta.

— Pozzi, não fale assim, sabe que eu não entendo.

Na política, como na vida, não se vive de utopias, senão de realidades. E às vezes a realidade nos obriga a aceitar a violência mesmo estando contra ela. Mas, deixe-me continuar contando, assim entenderá por que agora estou diante de você, pedindo o que peço. Frondizi foi uma desilusão para todos.

— Por quê?

— Por que fez tudo exatamente ao contrário do que prometeu. Chegou ao governo através de um pacto com o peronismo e em poucos meses havia implantado o Plano Conintes, para perseguir as organizações operárias.

— O que queriam, as organizações operárias?

— Faziam reivindicações salariais. Coloco o exemplo da greve bancária, todos presos. A greve dos frigoríficos, reprimida com tanques. A criação de universidades privadas, que entregou o poder à Igreja, porque permitiu criar universidades católicas. Nesse tempo o pessoal do Práxis começou a ir aos bairros miseráveis, tentando falar com as pessoas. O que primeiro nos perguntavam é se éramos peronistas. Mas não podíamos propor nada de concreto. Nesse momento o extremismo dos trotskistas começou a encher o meu saco, ver que um Estado proletário não tinha sentido na Argentina onde já havia um nível de classe média. Com eles o que se ia conseguir era uma terrível ditadura, e pouco mais. Nesse momento, além do mais, o peronismo havia perdido suas conotações mais agressivas, frente aos jovens de esquerda. Frondizi o havia surrado, mandado para a oposição.

— Mas, para você, o que havia significado o peronismo, em poucas palavras?

— Deixe que eu continue. O peronismo, com todas as suas contradições, estava se transformando em símbolo da resistência popular.

— Mas eu não o entendo, se não me diz quais eram essas contradições.

— As contradições básicas eram o caráter eminentemente operário e popular de sua composição, e as estruturas burocráticas que manejava e a ideologia confusa.

— Nazista?

— Nazista não, mas sim com uma grande salada ideológica que não se entendia nunca. Mas esta análise deixemos para depois. Há duas conclusões centrais que me levam ao peronismo. Primeiro, representa o único instrumento concreto para fazer política, para mudar a realidade. Como se pode explicar isso, a uma pessoa como você?.

— Uma tonta, uma babaca, não é?

— Não, uma despolitizada. Se quer falar sério, não me encha com essas coisas. Fazer política é um problema de força. Política é igual a força. Têm razão somente os que ganham, porque só eles têm possibilidade de mudar a realidade. Pode-se ganhar sem nunca chegar ao governo, sendo oposição toda a vida, mas não se ganha nunca tendo razão na mesa do bar. Segundo, chego à conclusão de que a estrutura argentina precisa de um movimento interclassista, um movimento nacional.

— Nacional Socialista?

— Não, nacional nacional. Os que colocam essa questão, que você disse, não levam em consideração que a Argentina é um país marginal, subdesenvolvido, dependente do imperialismo. Os exemplos europeus de outras épocas não servem. Por que Perón nazista ou fascista, e não um trabalhista do hemisfério sul?

— Você diz isso porque soa melhor?

— Não, porque o trabalhismo está fazendo uma experiência que para a Europa é também um modelo, a dos sindicatos que formam um partido e constituem sua coluna vertebral. Na Inglaterra, *o Daily Telegraph,* que é um jornal reacionário, fez um retrato político de Perón, desenhando-o como um trabalhista do subdesenvolvimento. O que também acontece é que não há doença mais universal do que o provincianismo. Tende a definir outras realidades com os parâmetros da sua própria realidade. Por isso é que os europeus entendem mais o processo chileno, onde havia semelhança com a Europa Ocidental, e não a Argentina que não oferece um espectro político reconhecível.

— Mas, então, defina-me Perón com uma palavra, ou diga com quem se pode comparar.

Já que você gosta de rótulos, aí vai a palavra: populismo. Era um caudilho populista, o chefe de um movimento popular. Se você quer um nome, me ocorre só um, Nasser. Mas essa é outra história.

— Mas você dá voltas e voltas, e não chegamos a...

— Não chegamos a quê? Estou contando.

— Mas era um sujeito de direita ou não, para você?

— Era um populista.

— E vamos com isso.

— Sim, vamos. Tinha uma estrutura mental formada por sua educação militar e pelas experiências que viveu na Itália de Mussolini, mas era antes de tudo um pragmático, quer dizer, buscava a força ali onde ela estava. Não interessa se ele no fundo era um direitista.

— Mas como não interessa, aí temos o que deixou de herança, uma presidenta de ultradireita.

— Tem razão, interessa, faz alguns meses que comecei a suspeitar que interessa mais do que eu pensava. Mas, não me fustigue. A herança é um resultado, um *finale.* A política se exerce por opções, é o mesmo que quando a gente vota, temos que eleger o que há. Me aconteceu o mesmo, e em diferente plano também me fiz as mesmas perguntas que você me faz. Até posso confessar que não as tenho completamente respondidas.

— O que eu não entendo é como pôde se meter num partido onde há todos esses grupos de ladrões, e são bem de direita, puritanos e tudo, como o que, por desgraça, conheci.

— Eu não entrei num partido, eu entrei no peronismo, que é algo muito maior do que um partido. O peronismo é um movimento: partidos, sindicatos, organizações empresariais, estudantis, tendências ideológicas, diametralmente opostos. Só unificadas na idéia do movimento nacional e na figura de Perón.

— E agora que ele morreu, o que os unifica, pode me dizer?

— Agora que Perón morreu, o partido como tal já não pode mais existir. Hoje resta o governo, e por pouco tempo. Depois restarão a classe operária, a luta e o que virá. Não quero dar uma de filósofo, mas me dá a impressão de que virá uma etapa de grande derrota e que daí se construirão as características de um movimento novo, que de peronista só terá o nome.

— Houve uma coisa que você deixou para depois, a questão da violência.

— Foi violência ou não a proscrição eleitoral do peronismo para impedir que ganhasse? O outro partido chegou à presidência com Ilia em 1963, com 27% dos votos. Isso não é violência? Depois, em 66, veio o golpe militar de Onganía, que mandou a política sair de férias. Pelo menos foi o que ele pensou. E demoliou as universidades. Essa violência de Onganía, que fechou todas as válvulas de escape à expressão popular... foi o que fabricou a guerrilha. É curioso que a guerrilha nasce na Argentina, quando a experiência da revolução cubana já havia fracassado, pelo menos um ano antes com a morte do Che. Não se esqueça que os Montoneros nasceram em 1968 com um ato tão negro como o seqüestro e assassinato de Aramburu, ou você acha que eu também não penso nessas coisas?

— Que coisas?

— Os Montoneros, sabe o que são, não é?

— Os guerrilheiros peronistas, enquanto o ERP são os guerrilheiros marxistas.

— Exato, Anita.

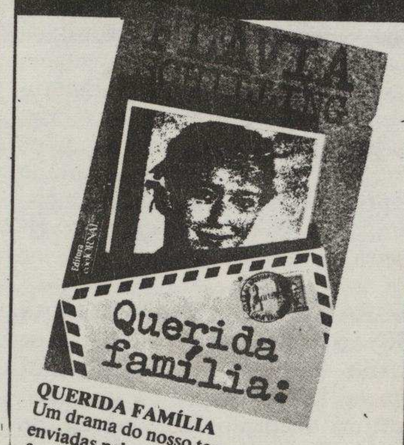
— E os Montoneros não lhe são simpáticos?

— Digamos que não totalmente.

— Bem, eu sei, de boa fonte, ou não, que boa fonte nada, para que mentir, eu imagino, nada mais! Se você é peronista e se mete neste caso do seqüestro, acaso não é com os Montoneros que está trabalhando?

(*) *Os livros de Manuel Puig lançados no Brasil são:* A Traição de Rita Haywoorth, The Buenos Aires Affair, Boquinhas Pintadas *e* O Beijo da Mulher Aranha.

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS



QUERIDA FAMÍLIA
Um drama do nosso tempo. As cartas enviadas pela brasileira Flávia Schilling à sua família narrando toda sua amarga experiência nos cárceres uruguaios.
Cr$ 200,00

Fabricando a obediência

Ensino Pago: um retrato sem retoques, de Carlos Benedito de Campos Martins, Global Editora, 211 páginas, Cr$ 400,00.

Durante o período populista a ideologia nacionalista tinha raízes nas universidades brasileiras. Professores e alunos costumavam participar do debate sobre os problemas nacionais, principalmente os da área educacional. Após 64 esta participação foi reprimida e a política educacional tornou-se um assunto técnico a ser resolvido por um reduzido número de especialistas.

A "democratização do ensino superior", mecanismo criado para atender a crescente demanda da classe média por maiores oportunidades educacionais e, também, à necessidade de formar agentes capazes de reproduzir a cultura dominante, seria melhor atingida se a expansão das matrículas ocorresse em novas faculdades, que não possuíssem vínculos com o passado populista.

No livro *Ensino Pago: um retrato sem retoques,* Carlos Martins analisa a expansão das matrículas de terceiro grau através do processo de privatização do ensino, apresentando um estudo detalhado de uma instituição — a FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) — que pode ser considerada um exemplo típico das faculdades que tiveram um crescimento vertiginoso na década passada.

O autor faz uma descrição rica do *modus operandi* do setor privado de ensino superior que é analisado como uma "indústria cultural". Desta forma, as faculdades privadas lutam para obter lucro, voltando-se para atender um grande público; o produto cultural que oferecem é, pois, submetido às sanções de mercado.

Estas faculdades, algumas vezes chamadas de "supermercados de diplomas", são geralmente criticadas pelo seu baixo padrão acadêmico. Contudo, mais importante do que a tão criticada orientação comercial que estas escolas apresentam, é o significado político do trabalho pedagógico por elas realizado.

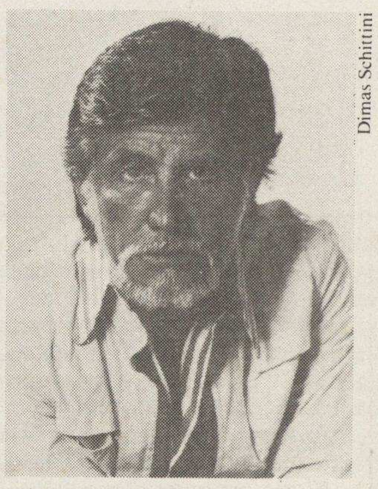
O código educacional, que o estudante destas faculdades infere tacitamente, estrutura a sua experiência fazendo-o desenvolver um *habitus* de obediência e autocensura que vista manter o *status quo.*

A ligação da FMU com o governo pós-64 é óbia: políticos importantes são convidados a proferir aulas inaugurais e a paraninfar os formandos. Assim, desde a atividade inicial até a final, a instituição expõe os seus estudantes à ideologia dominante.

A pesquisa, através de um excelente estudo qualitativo, mostra-nos um dos frutos do "milagre" econômico brasileiro no campo educacional: faculdades que formam inteligências disciplinadas, acríticas e politicamente desmobilizadas. Este livro, ao estudar a influência do autoritarismo nas relações de ensino-aprendizagem, se constitui em leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pela realidade educacional brasileira.

Nivaldo e Jerônimo, mais Darcy

Nivaldo e Jerônimo, de Darcy Penteado, Editora Codecri, 334 páginas, Cr$ 650,00.



Dimas Schittini

Darcy: bom gosto

Acho uma coisa dificílima escrever sobre alguém de quem se gosta sem ser tendencioso e evitando incorrer na facilidade gratuita do elogio.

Gosto demais de Darcy Penteado e tenho um profundo respeito pela maneira coerente com que enfrenta a vida, pela coragem que tem de desafiar alguns preconceitos mofados, assumindo-se sexualmente com a tranqüilidade de quem tem direito absoluto e total de escolher com quem vai para a cama. Escolha esta que me parece inteiramente pessoal e com relação ao que ninguém, em princípio, poderia se dar ao direito de fazer qualquer julgamento.

Infelizmente o mundo não é assim e as pessoas preconceituosas andam à solta por aí, do que, aliás, resulta a sua coragem porque se os homens realmente respeitassem o total direito de escolha de seus semelhantes, Darcy Penteado não precisaria se confessar homossexual como, certamente, não tem necessidade de falar da sua cor favorita ou da religião que merece sua fé.

A principal característica de sua obra, nas artes plásticas como na literatura, me parece ser seu extremo bom gosto além de ter, em ambas, um estilo facilmente "digerível".

Em *Nivaldo e Jerônimo,* Darcy não se afasta da sua realidade pessoal e nos oferece uma obra de leitura agradável onde é possível perceber que, em momento algum, existe no autor a intenção de agredir o leitor. O romance das duas personagens centrais ocorre normalmente, suas relações sexuais são descritas de modo sutil, não se registram apelações de espécie alguma e nem se sente a impressão — nunca — que pretenda ele generalizar a humanidade como homossexual.

A estória é absolutamente real, o problema (será válido chamá-lo assim?) existe e não há motivo algum para a gente querer passar a vida toda fingindo que não o vê. Diariamente cruzamos com incontáveis Nivaldos e Jerônimos, sabemos da existência de mil romances como o deles, não há razão para querer fingir espanto.

Ainda sobre o livro (seguramente não considero Darcy Penteado como o melhor escritor brasileiro), a atmosfera por ele criada é dentro de um clima de tão bom gosto e de tal respeito à condição do homem que não posso acreditar que exista alguém, por heterossexual ou preconceituose que seja, que não leia a obra com prazer.

Há uma frase: "Meu homem, meu igual, meu amante", que resume bem o que me parece ser a filosofia básica de Darcy: os dois são suficiente e masculinamente homens para poderem se amar.

Roberto Gigante

O círculo da vida

Prisioneiro do Círculo, de Ricardo Gontijo, Editora Civilização Brasileira, 265 páginas, Cr$ 420,00.

Evandro Teixeira

Gontijo: autêntico

Mais do que um livro de reminiscências, *Prisioneiro do Círculo,* do jornalista Ricardo Gontijo, confunde-se com a própria história do país das duas últimas décadas. Dono de um texto denso e rico, o autor desnuda-se diante dos leitores com rara franqueza, humor e amargura. No livro, há lugar para palavras afáveis, quando fala de seus amigos, como o Frei Betto, cuja ligação o colocou diante do temível Sérgio Fleury, e implacáveis denúncias dos valores hipócritas da classe média. Quando desfez seu primeiro casamento, ouviu de uma parenta próxima: "Por que você não fica de amante e mantém a família?".

Gontijo, 37 anos, conta sua trajetória desde a sufocante Belo Horizonte, entre a militância da Juventude Estudantil Católica e as madrugadas nos puteiros, até a turbulenta carreira jornalística, onde testemunhou a inveja, o servilismo e a censura oficial e empresarial, mas encontrou companheiros dignos e inquietos. Orgulhoso dos dois prêmios Esso que recebeu, ele não poupa a si mesmo, ao confessar resquícios de machismo, conflitos existenciais, um certo remorso por não ter participado da resistência armada à ditadura, que matou dois amigos nas câmaras de tortura, e seus projetos fracassados, como a criação de uma escola seguindo o método educacional do professor Piaget.

É um repórter minucioso a ponto de reproduzir fatos marcantes de sua vida e de sua geração sem qualquer prurido, mas mostra-se atento para analisar as mudanças de comportamento das gerações seguintes, sem dogmas. Numa passagem ele refere-se a "minha provisoridade". Segundo o escritor Antonio Carlos Vilaça, autor da carta de apresentação, o livro é "corajosamente autêntico", e sagra Gontijo "um dos maiores memorialistas do Brasil, ao lado de Pedro Nava, Afonso Arinos, Gilberto Amado, Helena Morley". *Prisioneiro do Círculo* resgata um tempo perdido visto por quem, sem pretensões didáticas, é hábil em registrá-lo.

Rafael Guimarães

REGISTRO

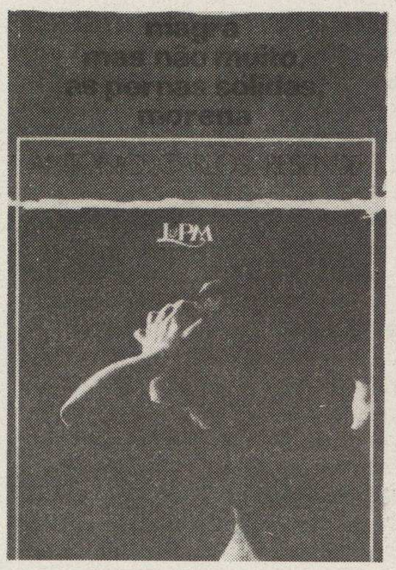
RELIGIÕES NEGRAS, NEGROS BANTOS, de Edison Carneiro, Editora Civilização Brasileira INL, 239 páginas. Edison Carneiro, intelectual baiano falecido em 1972, aprofundou as pioneiras pesquisas de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, legando-nos dois excelentes ensaios etnográficos e folclóricos sobre o negro no Brasil.

CADEIRA DE PIOLHO, de Maria Lúcia Amaral, Editora Codecri, 55 páginas, ilustrações de Luis Carlos Poland. Baseado num conto popular, Maria Lúcia Amaral, autora de quase vinte livros, peças de teatro e ensaios dedicados à literatura infantil, em *Cadeira de Piolho,* "recria, com humor e senso crítico, situações corriqueiras, transformando aquilo que poderia ser apenas mais uma historinha de rei e princesa em uma verdadeira preciosidade literária", no dizer dos editores.

MAGRA MAS NÃO MUITO, AS PERNAS SÓLIDAS, MORENA, de Antônio Carlos Resende, L&PM Editores (2ª edição), 79 páginas. Oportuna reedição desta novela do gaúcho Resende, muito elogiada quando do seu lançamento, em 1978, com pequena tiragem. Para o crítico Guilhermino César, "a finura de Antonio Carlos Resende é um fato literário positivo, a razão das razões que fazem dele um novelista enriquecedor da literatura brasileira atual".

PAN-AFRICANISMO NA AMÉRICA DO SUL, de Elisa Larkin Nascimento, Editora Vozes, 282 páginas. A base original deste trabalho foi elaborada como tese de mestrado da autora no Programa de Estudos Porto-riquenhos da Universidade de Nova Iorque. A autora oferece o livro como uma tentativa de começar o processo de reconstrução da verdade negra distorcida pela história convencional.

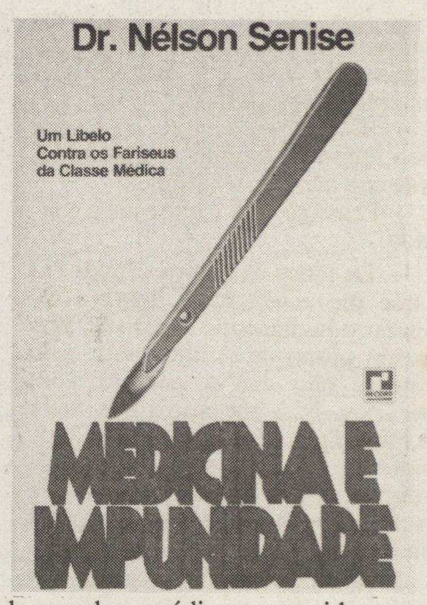
PORTAGEM, de Orlando Marques, Editora Ática, 173 páginas. Mais um volume da coleção *Autores Africanos.* Segundo o próprio autor, "é um velho romance de um tempo em que nem calado se podia pensar em nossa vida". Escrito na década de 50, na antiga capital da colonia de Moçambique, Lourenço Marques (hoje Maputo), este romance só pôde ser publicado em 1966, devido à censura portuguesa. É considerado como o primeiro romance moçambicano.



VIDA E OBRA DE MACHADO DE ASSIS, Volume I (Aprendizado), de R. Magalhães Jr., Editora Civilização Brasileira/INL, 377 páginas. Primeiro volume da biografia de Machado de Assis — são quatro no total, a serem lançados ainda este ano.

DOMINAÇÃO E DESIGUALDADE, de Paul Singer, Editora Paz e Terra, 185 páginas. Com base nos censos de 1960 e 1970 e analisando os resultados das Pnads, Paul Singer elucida as relações existentes entre a repartição da renda e a estrutura de classes na nossa sociedade.

O MENINO E A CANÇÃO DO VENTO, de Mery Weiss, Editora Codecri, 38 páginas (ilustrações de Maria da Graça Cerutti). Segundo o poeta Mário Quintana, "esta história nos conta as magias da infância, quando o mundo é em tecnicolor. Por isso, a impressão que dá, a mim e aos que tiverem o encanto de a ler, é a de uma sinfonia colorida — que a gente vê e escuta ao mesmo tempo".



MEDICINA E IMPUNIDADE, de Nelson Senise, Editora Record, 215 páginas. Reunião de artigos do autor publicados no *Jornal do Brasil* nos últimos dois anos, denunciando os desmandos médicos ocorridos no país, a rede de silêncio e autoproteção que cai sobre a classe médica toda a vez que um erro profissional é apontado, e os desencontros da política oficial de saúde. "Um libelo contra os fariseus da classe médica".

AURA, de Carlos Fuentes, L&PM Editores, 66 páginas. Reedição desta novela do grande escritor mexicano Carlos Fuentes, ainda relativamente desconhecido no Brasil, mas que sem dúvida alguma inscreve-se entre os melhores autores latino-americanos da atualidade.

E por que não Angela Maria?

Aos 53 anos, ela ainda é a campeã do disco brasileiro, com mais de 100 LPs gravados e um público fiel que a acompanha há 30 anos.

Zero Hora

Angela Maria, hoje: fidelidade ao público

Paulo Salomão/Abril

De peruca e mini-saia, no início de 60

Ela ficou oito meses sem dar entrevistas, irritada com os "caçadores de fofoca". Só concordou em receber o repórter Paulo Roberto Ribeiro, do **Coojornal,** quando soube que se tratava de uma matéria séria, sobre os seus trinta anos de carreira e sua fase atual. Angela Maria explicou o porquê de sua briga com a imprensa: — Tinha jornalista que ia lá em casa só para saber da minha vida particular, tomar meu uísque e conhecer o meu marido. Eles não estavam a fim de saber da cantora Angela Maria, mas pra fazer intriga para essas revistas que vendem a vida particular dos ídolos.

E é com uma curiosa autodefinição que ela começou a falar de sua longa e agitada carreira:

— Hoje eu me considero a cantora dos defuntos. Não é por nada não, mas só me convidam para fazer um número em televisão quando um cantor ou compositor da minha geração embarca pra outra. Acho que isso acontece porque não existe intérprete capaz de dar o recado no tom exato para as músicas de um Nazareno Brito, um Ary Barroso, uma Maysa, um Orlando Silva e tantos outros. Se não têm quem cante estas músicas, chamam Angela Maria. Eu já ganhei muitos títulos, agora tenho mais um: cantora de defuntos.

Abelim Maria da Cunha, nome complicado para uma artista. Por isso, simplesmente, Angela Maria. Uma recordista do rádio brasileiro: mais de 1.500 músicas gravadas, 100 LPs nos seus 53 anos de vida, 30 dos quais como cantora.

Pelo que sei, sou a única cantora do mundo a alcançar os 100 LPs. Dos compactos e das gravações em 78 rotações, eu já perdi a conta, nem me dei ao trabalho de ficar contando. Houve uma época em que eu gravava cinco ou seis LPs por ano, era uma loucura. Nem sempre dava pra selecionar as músicas, o que de certa forma prejudicou um pouco o meu repertório. Hoje não, meu contrato com a gravadora exige apenas um LP por ano. Felizmente, vou trabalhar mais sossegada.

Filha de um pastor protestante da Baixada Fluminense, onde nasceu, Angela esbarrou numa série de preconceitos no começo de sua carreira. O pai e a mãe não queriam que ela freqüentasse aquele "ambiente de Lúcifer". Para a família, as companhias do meio artístico, os camarins e os frenéticos auditórios dos programas de rádio eram coisas do Diabo. Angela até hoje mantem-se protestante, mas o apelo da música foi mais forte.

— Eu sempre gostei de música. Cantei durante uns tempos no coral da igreja lá perto de casa. Fui operária, e se não mentisse pra minha mãe, dizendo que estava na igreja enquanto freqüentava os programas de calouros, talvez meu lugar estivesse reservado num lar como boa dona de casa.

Numa dessas apresentações, a voz inconfundível chamou a atenção da mãe para aquela candidata que se apresentava com o nome de Maria da Cunha. Aquela era sua filha Abelim. "Quando cheguei em casa, não deu outra, o comitê de recepção já estava me esperando. Argumentei que ia ganhar muito dinheiro como cantora e tudo mais. Mas não deu certo. Levei uma surra braba".

Decidida a seguir carreira como cantora, Angela Maria não teve outro caminho senão sair de casa. Foi morar com uma irmã mais liberal, que "me deu toda a cobertura". Os pais excomungaram a fujona.

Já nessa época a menina Angela Maria começava a tornar-se conhecida dos auditórios da *Hora do Pato,* o programa de Jorge Cury na Rádio Nacional, e dos demais programas de calouros do Rio. Ela tirou o primeiro lugar em todos os programas de calouros da cidade.

— O pessoal até começou a chiar. De um lado, os calouros achavam que aquilo era marmelada, e de outro, os organizadores dos programas proibiram a minha participação. Claro que não havia marmelada, eu era a melhor mesmo. Compreende-se a atitude dos organizadores: não interessava uma cantora ganhar sempre, pois desta forma o programa perdia a graça. Eu já tinha até torcida organizada nestes programas.

"ESSA É BÍBLIA"

Longe das rádios, Angela foi tentar a sorte como crooner no Dancing Avenida na Avenida Rio Branco, centro do Rio. Imagine-se uma cantora de coral de igreja mudando-se para um dancing. Quando ela apresentou seus dotes profissionais, o maestro se espantou. Pediu que ela maneirasse, que não cantasse tão afinado porque senão o pessoal não iria dançar. E mais: pelo maestro ela estava aprovada, mas quem fazia a seleção ali eram as *taxi-girls,* porque "elas é que sabem o gosto dos fregueses". Quando começou a trabalhar no dancing, recebeu o assédio de muitos homens:

— Chegava a minha hora de cantar, eu cantava, e depois voltava a sentar perto da orquestra. Uns caras mandavam recados pelos garçons e eles já diziam: "Não sei não, acho que essa aí é Bíblia".

No Dancing Avenida Angela ficou só três meses, tempo suficiente para que fosse descoberta por Gilberto Martins, da Rádio Mayrink Veiga.

— Eu fiquei até o fim da Mayrink. Meu primeiro programa era no final da tarde e quem me anunciava era um forte patrocinador na época, o Colírio Moura Brasil. Esse meu programa, *Princesa Canta,* e mais um outro de humorismo, superavam os programas da Nacional no mesmo horário. Isso me deu muita força, porque a Nacional era a primeira no Ibope, como hoje é a TV Globo.

Seu patrocinador conseguiu superar uma briga entre as duas estações. Quem era da Nacional não podia cantar na Mayrink Veiga e vice-versa. O Colírio Moura Brasil queria que Angela cantasse nas duas. Conseguiu:

— Só dava as minhas músicas nas paradas de sucesso. Entre as dez mais ouvidas, às vezes eu chegava a ter cinco. No programa de Cesar de Alencar e Manuel Barcellos, da Nacional, não tinha quem cantasse as minhas músicas — e o público queria mesmo a intérprete verdadeira. Não houve jeito, eu fui a primeira artista brasileira a cantar nas duas rádios.

Abril

Em 1954, Rainha do Rádio (com Nora Ney)

Jean Solari/Abril

Com Cauby, nos anos 50.

No começo da carreira, Angela Maria cantava músicas principalmente de Dalva de Oliveira, mas ao trabalhar na Mayrink apresentaram-lhe composições de Othon Russo e Ciro Monteiro, autores que a ajudaram a criar um repertório próprio e característico. Em 1951, estreou em disco com *Sou Feliz* e *Quando Alguém Vai Embora,* na RCA Victor. No ano seguinte, com a gravação de *Não Tenho Você* bateu recordes de venda, marcando o primeiro grande sucesso de sua carreira. Em 1954 gravou pela Copacabana o primeiro LP, *A Rainha Canta,* alusão ao título de Rainha do Rádio, ganho num concurso popular. Neste mesmo ano estreou no cinema com o filme *Rua Sem Sol,* de Alex Vianny.

— Meu primeiro LP vendeu quase um milhão de cópias. Naquela época, para gravar um LP, um cantor tinha que mostrar muito trabalho. Eu fiquei três anos gravando em 78 rotações, e enquanto não provasse que tinha um público definido, e aquele sucesso não era coisa passageira, a gravadora não gastava nem tempo nem dinheiro com um artista. Não é como hoje, que tem cantor de um sucesso só.

"SENSUAL E TENAZ"

O presidente Getúlio Vargas a apelidou de Sapoti porque "sua voz e sua cor são doces como sapoti". Nessa mesma época, participou de 17 produções cinematográficas, entre elas o filme *Rio, Zona Norte,* de Nelson Pereira dos Santos. Trabalhou de 55 a 63 na hoje extinta Rede Tupi.

— Televisão é um veículo que marca muito a gente, é desgastante para o artista. Por isso é que eu acho maravilhoso o tempo do rádio. Na rádio ninguém via o seu rosto, era só a voz. Quando a gente fazia alguma apresentação ia todo mundo pra ver como era o seu ídolo. Com a televisão isso acabou. E tem mais, o artista tem que tomar cuidado e não fazer muitas apresentações, senão o público fica de saco cheio. O negócio é fazer um bom programa, cobrar caro e só voltar a se apresentar depois de algum tempo.

A vida de Angela Maria é muito parecida com as letras dos boleros que ela costuma cantar. Angela teve muitos maridos, todos eles empresários e administradores da sua Sapoti Empreendimentos Artísticos. Nem sempre eles se comportaram bem. Em 68, depois de descobrir embrulhadas de um deles, vendeu o que restava e decidiu abandonar a carreira. Ela diz que um amor fracassado e a notícia de que não poderia ser mãe a levaram a tomar este gesto extremo. Meses de análise com um psiquiatra carioca e a adoção de uma criança, a reconduziram ao palco. Hoje, ela tem quatro filhos adotivos e está casada com um homem 30 anos mais moço que administra a Sapoti Empreendimentos Artísticos. Ela tem uma explicação para todas essas reviravoltas: "Sou do signo de Touro: persistente, sensual e tenaz".

Quem quiser ver e ouvir Angela Maria deve procurar boas churrascarias da Zona Norte carioca, clubes e circos. Esses sempre foram os lugares onde ela se apresentou.

— O meu público são as empregadas domésticas, os pedreiros, os motoristas. Eu canto músicas românticas, falo em amor e desgraças. As minhas músicas têm começo, meio e fim. Eu canto histórias. As músicas que a gente ouve por aí são uma porcaria. Não sei onde esse pessoal quer chegar. Outro dia eu fui chamada para dar opinião sobre esse festival da Globo e tive até que ser indelicada. Disse que aquilo tudo era uma bosta, que na minha opinião não era música.

Entre as intérpretes de hoje das quais Angela acha ser possível escutar alguma coisa estão Simone, Elis Regina e Maria Bethânia. Em outras ela não fala. De intérpretes masculinos só cita Agostinho dos Santos, que já morreu. E ela não acha que esteja ultrapassada ou coisa parecida.

— Eu não tenho os números, mas as vendas dos meus discos continuam altas. Eu não perdi público. Quando faço shows no interior dá pra perceber que o meu público continua firme.

Cupom de assinatura Coojornal

Nome: _____

End: _____ Nº: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Estado: _____

Profissão: _____

Assine o Coojornal

Ele agora está muito melhor

Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., no valor de Cr$ 1.100,00, e receba em casa, por um ano, o seu **Coojornal.**

Coojornal, Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099
Porto Alegre — RS

Estréia instigante

BEBETO ALVES, produção de Carlos Alberto Sion, gravadora CBS.

Chegou às lojas no final de julho o disco de estréia do gaúcho Bebeto Alves. O Brasil o viu e ouviu pela primeira vez cantando sua rancheira *Kraft! . . . Mesmo,* no festival *MPB-81.* A música foi iniustamente desclassificada, mas essa é uma opinião que nada tem a ver com o disco. Nele, Bebeto revela a alta qualidade de seu trabalho, mostrando uma perfeita transposição das linguagens musical e literária regionais, para uma linguagem de entendimento nacional. Apenas como efeito de comparação, pode-se dizer que ele faz com a música regional gaúcha, o que Alceu Valença faz com a pernambucana. Ou o que Bob Dylan fez com o *folk* americano. Mais ou menos isso.

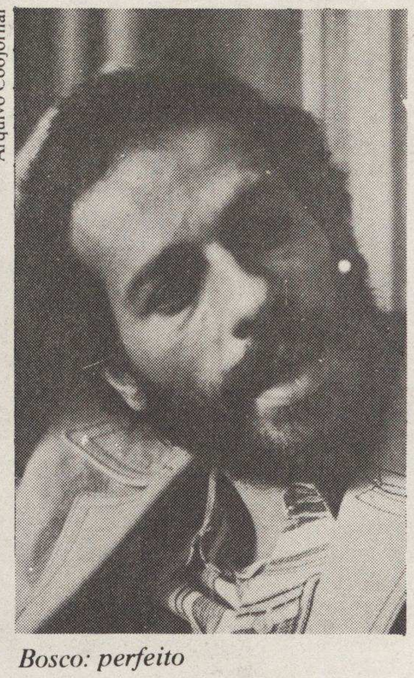
Seu disco envolve 90% de instrumentistas gaúchos e o resultado é surpreendente, mesmo para os próprios gaúchos. Alguns dos melhores momentos estão em músicas como *Sant' Anna do Uruguay* (uma milonga em parceria com Luiz de Miranda), *Moleque do Parque, A Mão e o Medo* (parceria com Nei Duclós), *Fogueirais, Raiar, 'Polvadeira* e a citada *Kraft! ... Mesmo* (parceria com Paulo Klein), que sem dúvida é a faixa mais solta do disco.

Bebeto Alves se lança com uma criação instigante e renovadora, de grande força musical e poética, afirmando com vigor que, depois de tantos anos de espera (e de aprendizado), os novos autores gaúchos vão definindo um espaço próprio na música brasileira.

Bina Fonyat

Bebeto: espaço próprio

Arquivo Coojornal



Bosco: perfeito

A mão na garganta

Essa é sua vida, de João Bosco e Aldir Blanc. Gravadora RCA

Em 80, João Bosco e Aldir Blanc lançaram um disco chamado *Bandalhismo,* que era (é) uma porrada. O adjetivo que encontrei para definí-lo foi "virulento". Mas mesmo tal disco não contradizia expectativas, para quem já conhecia o poder de fogo da dupla. Era, vamos dizer, "apenas" um soco mais forte do que os que estávamos acostumados a receber no estômago. Agora, João e Aldir estão lançando *Essa é a Sua Vida,* um disco onde o soco no estômago foi substituído pela mão pressionando a garganta. Você se sente quase sem ar ao ouví-lo. Ele retrata um tempo que não consegue se definir entre passado e futuro, um estopim que se apaga antes de a bomba explodir. É um disco quase gelado, lento, de uma monotonia ao mesmo tempo irritante e inquietante.

Em termos instrumentais ele é feito basicamente sobre violão e piano, ao lado dos quais João vai cantando de forma arrastada, sofrida, dando a impressão de que canta porque cantar é seu ofício. O bom-humor da dupla praticamente desapareceu, para dar lugar a uma quase descrença, flagrada em músicas como *De Partida,* que diz: "Vou-me embora / Porque todo dia / É só mais um dia no rol dos dias /E até a lágrima / Queda estagnada de monotonia". Posso estar enganado, mas é um disco perfeito em sua intenção. Posso estar enganado, mas Aldir Blanc não tem ninguém melhor do que João Bosco para musicar o clima de suas letras — e vice-versa. Ouça. *Essa é Sua Vida* não vai animar nenhuma festa. Não vai animar sequer sua solidão. Mas vai lhe transmitir perfeitamente a idéia que dois grandes artistas têm do Brasil de hoje. A não ser que eu esteja mesmo muito enganado, que não seja nada disso e que o disco seja mesmo muito "chato".

A salvação de Yoko

Season of Glass, de Yoko Ono. Gravadora WEA.

Antes da transcrição das letras, o encarte que acompanha *Season of Glass,* de Yoko Ono, tem um texto dela explicando por que não dedicou esse disco a John Lennon. "Muitas coisas aconteceram durante a gravação, e tudo o que posso dizer é que John estava ali ao meu lado, me ajudando. É por isso que este disco não é dedicado a ele. Ele poderia se sentir ofendido. Ele era um de nós".

Desnecessário dizer que a gravação de *Season of Glass* foi feita após o assassinante de John, e que foi exatamente sua morte a responsável pelo disco. Yoko diz no texto: "A música foi minha salvação". Mesmo contra muitas opiniões, eu não admito qualquer insinuação a respeito de mercantilismo. Acredito em Yoko, acredito em seus longos poemas musicados. Das 14 faixas do disco, apenas quatro não têm como base a palavra "você". Mas nas quatro restantes os pronomes permanecem internos: eu, ele, ela (que é "eu") e nossa. *Season of Glass* é um disco muito bem feito, com ótimos instrumentistas e a presença determinante do sax, um dos instrumentos preferidos de John — aliás, as idéias musicais todas nos remetem a ele.

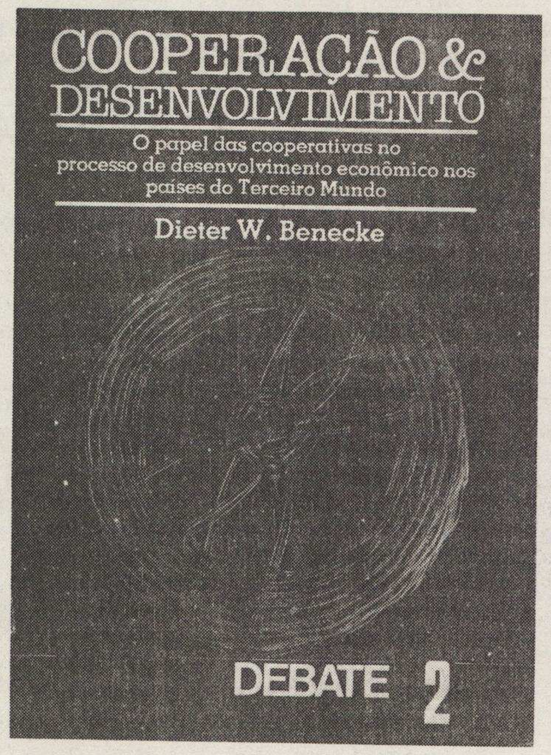
O disco de Yoko Ono Lennon é também o primeiro disco póstumo de John Ono Lennon. É um disco bonito, gostoso de ouvir, triste e simbólico: o telefone que toca no início da faixa *Mindweaver;* a história que o menino Sean Ono Lennon conta que seu pai contava, no início da faixa *Even When You're Far Away;* os tiros seguidos do grito "No" no início de *No, No, No.* Detalhes e símbolos. Não há mais como fugir, nem como negar, nem como não aceitar: quem gostava de John Lennon, tem em Yoko sua legítima herdeira. Inclusive musical. E essa não é uma frase de efeito.

Juarez Fonseca

As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.

O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.



Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE

Preencha o cupom anexo e remeta-o junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — 90000 — RS.

Solicito enviar...exemplar(es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr$ 500,00 cada.

Nome:_____

Endereço:_____

Cidade:_____

Estado:_____ CEP:_____

INDICADOR PROFISSIONAL

Dr. João Carlos Domingues

Pediatra

CREMERS 7537
CPF 165332080/064
José de Alencar, 1.296, Apto. 1
Porto Alegre RS

MATO GROSSO AGERMAT.

ADVOGACIA
AÇÕES COMERCIAIS
CÍVEIS, AGRÁRIAS,
CRIMINAIS
E EXECUÇÕES

TERRAS
ADM. IMÓVEIS,
REG. DOCUMENTOS
COMPRA — VENDAS
FAZENDAS — CASAS

REPRESENTAÇÕES
COMERCIAIS E PARTICULARES
ASS. E INFORMAÇÕES
COBRANÇAS DE N.P.
CHEQUES E DUPLICATAS

RUA BARÃO DE MELGAÇO, Nº 2.426
FONE: 065-322-10-38, 321-51-38
CUIABA MT

Omar Ferri

Advogado

OAB 2406 CPF 004117520
Uruguai, 155 cj. 1306
fone: 25-4119
Horário: 10 — 12hs
16,30 — 18,30 hs.
Porto Alegre RS

Luiz Goulart Filho
OAB 7182 CIC 183730030/53
Hélio Goulart
OAB 12.600 CIC 220083570/15

Advogados

Horário: Das 10,30 às 11,30 e
Das 17,00 às 19,00 hs
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"
fones: 25-8393 33-6476

Nereu Lima

CPF-MF 082058760-53
Advocacia Criminal
Borges de Medeiros, 410
salas: 509/510
tel: 24-6049 Porto Alegre

Geraldo Nogueira da Gama

Advogado

OAB 5951 CPF 059035050/15
Rua Cel. Genuíno, 421
— 12º andar
Fone 25-0154
Porto Alegre RS

LUIZ LOPES BURMEISTER
OAB 2334

ROGÉRIO MENDONÇA
OAB 66 E 17

ADVOGACIA TRABALHISTA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 159/105
Fone: 25-5866
Porto Alegre

ANTÔNIO PINHEIRO MACHADO NETTO

MARILIA PINHEIRO MACHADO BUCHABQUI

JOSÉ ANTÔNIO GOMES PINHEIRO MACHADO

JORGE SANTOS BUCHABQUI

advogados

Rua Riachuelo, 1.098 — conjunto 603.
Telefones 243855 e 243860.
Porto Alegre, RS.

Luiz Carlos
Calachi Moraes

Advocacia Trabalhista
P/Empregados

Andrade Neves, 159 sala: 64
fone: 33-5445
Edifício Amazonas

Rovílio Antonio Breda
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

ADVOGADOS

OAB/RS 939 CPF 001783570/49
fones: 24-2796 e 25-6305

Helio Carlomagno
ADVOGADO

João Carlos Gastal OAB 599
Newton Domingues Kalil OAB 7061

Falências e Concordatas

Inventários — Separações — Divórcios
Rua Ramiro Barcelos, 330
2º and. fone: 24-9846

Advogacia em Geral — Questões de Direito das Sociedades Cooperativas

Dr. Marco Túlio de Rose
OAB 9551 — CIC 133.646.690/15

Dr. Luiz Rache Vitello Filho
OAB 11.613 — CIC 202.967.700/00

Dra. Liliana Berry Veiga de Rose
OAB 10.987 — CIC 210.190.880/87

Rua Uruguai, 335, s/37 — Fone: 25-2687
Porto Alegre

---

advogados

HELIO ALVES RODRIGUES
oab 3975 cpf 001520800/15
JULIO CÉSAR ALVES RODRIGUES
oab 3408 cpf 001520990/34

RUA ANDRADE NEVES, 155
conjs. 71 e 72
fones: 24-8616 e 25-8035

Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling

ADVOCACIA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre

DRAGÃO DA MALDADE OU SANTO GUERREIRO

Por LUIS CARLOS MERTEN

Glauber Rocha viveu e morreu sob o signo da contradição e da polêmica. Saber se foi gênio ou louco, não importa. A força de seu legado para a cultura brasileira é inquestionável

Vida e morte de Glauber Rocha foram marcadas pelo signo da polêmica. E é natural que tenha sido assim, pois o homem que projetou internacionalmente o Cinema Novo foi sempre uma figura desconcertante. Mesmo assim, desde a manhã de sábado, 22 de agosto, quando a notícia da morte prematura do cineasta, aos 42 anos tornou-se conhecida, o que se viu foi um festival de cenas e atitudes chocantes, que pareciam escapadas de um daqueles filmes em transe concebidos pela imaginação delirante do falecido.

A TV Globo, que em vida recusava os roteiros de Glauber, serviu-o no *Jornal Nacional* em 15 minutos de boa reportagem e no dia seguinte repetiu a dose no *Fantástico,* só que aí já mostrando imagens do enterro num estilo mundo cão, mais adequado ao show da vida que é servido sempre aos domingos. E foi mesmo fantástico ver os desafetos do morto desmaiados de emoção, ou ver a cara compungida de Arnaldo (*Eu Te Amo*) Jabor, quando ele tentava explicar ao público porque a morte de Glauber era um ato político — o derradeiro do cineasta. Foi um show de cinismo, talvez, mas por outro lado não se justifica a atitude de muitos radicais, que levaram sua raiva ao ponto de quererem quase apedrejar o morto no seu caixão.

Há uma fala do Corisco em *Deus e o Diabo na Terra do Sol,* de 1964, que sintetiza a proposta do Glauber-criador. É quando o cangaceiro de duas cabeças, Corisco de São Jorge, aquele que carrega dentro dele o espírito destrutivo de Lampião, diz que o importante é "ficar de pé, desarrumar o arrumado". Outro não foi o projeto de Glauber Rocha, que lançou um projeto de cinema no Brasil, logo exportado para todo o Terceiro Mundo. Pode-se contestar muitas das idéias de Glauber, pode-se criticar o intelectual que avalizou a abertura do governo Geisel e terminou apertando a mão estendida pelo presidente João Figueiredo, mas eu refaço aqui a mesma pergunta que lancei naquele sábado, 22 de agosto: com quem vamos polemizar agora, após a morte de Glauber, nesse espaço cada vez menos dada à polêmica que é o cinema brasileiro hoje, com as suas Dona Flor, as suas damas do lotação e os seus *Eu Te Amo?* Quem vai nos irritar agora, sendo que a irritação que Glauber quase sempre provocava tinha o mérito de estimular o pensamento, a reflexão e o posicionamento — contrário que fosse?

O baiano de Vitória da Conquista literalmente *pariu* o Cinema Novo. Inventou-o, e ao fazer essa afirmação eu não posso deixar de lembrar uma polêmica envolvendo Jefferson Barros (sobre Vincent Minnelli): o cineasta não inventa, cria. Mas Glauber pariu o Cinema Novo, inventou-o da cabeça dele e apontou um caminho que, certo ou errado, terminou sendo trilhado por toda uma geração e, mais que isso, por várias gerações do cinema brasileiro. Creio que somente Walter Hugo Khouri ficou imune a essa influência, mais um ou dois, e não mais. A influência está presente até mesmo em filmes tão diferentes dos de Glauber como o campeão de bilheterias desse ano, o já citado *Eu Te Amo.* Jabor é uma cria de Glauber Rocha, mas não é uma cria só nos primórdios da sua carreira, com o fracassado *Pindorama.* Mesmo no hollywoodiano *Eu Te Amo* ele não deixa de sofrer a influência de Glauber, fazendo o filme gritado, teatralizado.

VISÃO DELIRANTE

Glauber assumiu várias experiências ao longo de sua carreira, assimilou várias influências. Brecht, Einstein, Jean Rouch, Alain Resnais, Godard — tudo ele devorou, embora muitas vezes dando a impressão de não ter digerido o banquete, resultando influências híbridas ou superficiais. Mas há elementos que passam de um filme a outro, permanentes: a cultura afro-índia, o cordel, a hispanidade. *Barravento,* de 1962, é um rascunho de filme profundamente influenciado pela cultura negra e pelos ritos afros. *Deus e o Diabo* reinventa a literatura de cordel e *Terra em Transe,* surgido em 1967-68, em pleno período da repressão, mostra um Glauber que extrapola os limites do Brasil para voltar-se para a cultura hispânica, para a América Latina e o Terceiro Mundo como um todo.

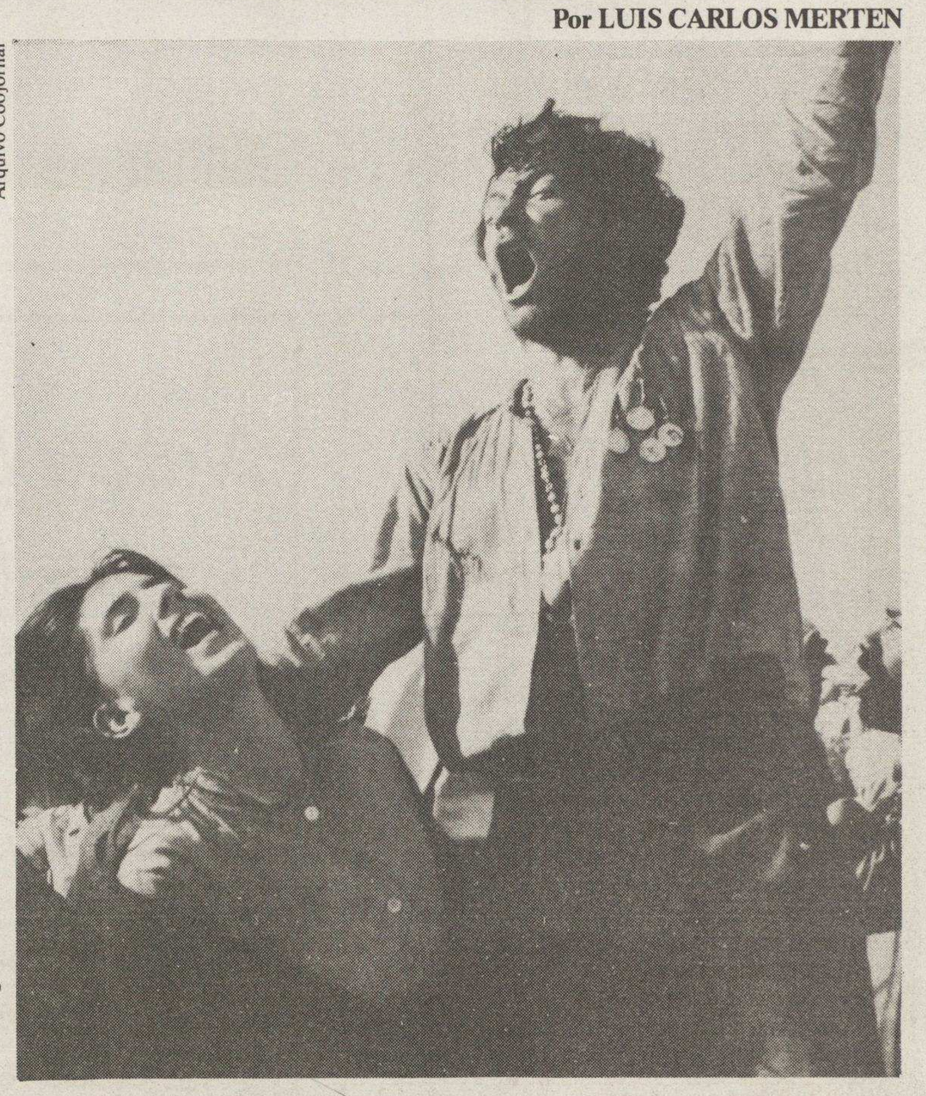
Em 1969, *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro,* prêmio de melhor direção em Cannes, descende em linha direta de *Deus e o Diabo.* São as imagens desse filme que servem de partida para o outro, não apenas pela volta de Antônio das Mortes, interpretado pelo mesmo ator (Maurício do Valle), mas porque é aí que se realiza o duelo do Dragão com o Guerreiro, já anunciado pelo cantador de *Deus e o Diabo.* É novamente o cordel, mas as cenas são ainda mais fragmentadas do que em *Terra em Transe.* Glauber dissocia som e imagem, o que Orson Welles já havia feito em *Cidadão Kane,* de 1941, mas Glauber vai mais longe na sua busca de uma expressão revolucionária para o cinema do Terceiro Mundo, do qual passa a ser o arauto em festivais internacionais. O que ele faz é dissociar o ator do cenário, radicalizando uma tendência que já estava expressa em certos momentos de *Deus e o Diabo,* principalmente naqueles em que o cineasta expressava quase que só através do som a insatisfação crescente da personagem Rosa (Yoná Magalhães), à medida que Manuel (Geraldo del Rey) submete-se mais e mais ao beato Sebastião.

Muitos hão de se perguntar: mas o que ele pretendia com isso? A resposta vem através de um texto de 1968 no antigo *Correio da Manhã,* em que o crítico Flávio Moreira da Costa misturava o recém-lançado (na época) *Terra em Transe* com o romance de Gabriel Garcia Marquez, *Cem Anos de Solidão,* para tirar daí os fundamentos de uma visão que ele chamou de *delirante.* Em síntese, o que Glauber quis trazer para tela, como Garcia Marquez para a literatura, foi o *transe.* Ele pensou a condição do colonizado e chegou à conclusão de que a forma de fazer politicamente os filmes na América Latina devia passar pela destruição da linearidade. O discurso linear é próprio de Hollywood, não tem nada a ver com a nossa condição de subdesenvolvidos. Daí a idéia-síntese da descontinuidade como expressão da nossa formação histórico-cultural: uma fase da nossa história não corresponde exatamente ao movimento anterior. Há saltos bruscos, há hiatos, há momentos que são puro transplante da cultura e da história estrangeiras. A partir daí, o que Glauber fez, ou tentou fazer, foi integrar a arte brasileira ao contexto terceiro-mundista e repensar nossas origens afro-índias.

NO LABIRINTO

Esse foi o projeto grandioso da vida e da obra de Glauber Rocha: a destruição do discurso do colonizado, a recusa apaixonada da estrutura audiovisual (ou da simetria som-imagem) forjada durante décadas por Hollywood, entendida essa como o centro colonizador por excelência da linguagem cinematográfica. Não me parece que Glauber tenha atingido essa meta. Alguém poderá dizer que era muita ambição. Mas o próprio Glauber sempre defendeu a idéia de que a "arte tem que ter ambição". Do que ele se propôs, há uma série de frases que, retiradas dos seus filmes e textos, perfazem uma trajetória crítica — mas também autofágica e destruidora. O homem que lançou a *estética da fome* em 1965, defendendo a câmara na mão e a idéia na cabeça, precisou repensar suas concepções, em busca de alternativas. Em 1971, surge outra concepção revolucionária: a *estética do sonho.* Aí já é um Glauber devorado pelas contradições, pressionado pela esquerda e pela direta e que reconhece as dificuldades da sua postura vanguardística, procurando repensar a palavra de ordem *arte revolucionária* que ele mesmo ajudou a impor no Terceiro Mundo na década anterior.

Tenho uma idéia muito pessoal sobre Glauber Rocha. Acho que ele não era um gênio de verdade e sim um homem ambicioso que tentou arrombar a socos as portas da genialidade. O que ele tinha para dizer e propor está expresso em dois filmes, *Deus e o Diabo* e *Terra em Transe* — talvez três, se a esses dois acrescentarmos o documentário *Di,* de 1977, onde Glauber se interroga morbidamente sobre a morte e o papel do artista, usando como pretexto cenas do enterro do pintor Di Cavalcanti. Mas mesmo esses filmes, que são clássicos num certo sentido, evidenciam as limitações de Glauber. Enéas de Souza (em *Trajetórias do Cinema Moderno,* um livro de 1965) estava certo ao observar que



Arquivo Coojornal

Cena de Deus e o Diabo: *reinvenção do cordel*

Arquivo Coojornal

O Dragão da Maldade: expressão revolucionária

Arquivo Coojornal

A Idade da Terra: fracasso de público

a obra é inteiramente desequilibrada — não como resultado de uma opção intelectual, pois em *Deus e o Diabo* o desequilíbrio é produto da falta de estilo, da carência de uma reflexão prolongada e do aprendizado veloz.

Enéas observa, com muita propriedade, que Glauber não parte, no filme dele, da relação ator-cenário e do cenário, que deve trazer uma concepção do autor, situando o personagem. Desenvolvendo esse raciocínio, ele demonstra que Glauber, ao mesmo tempo que não equaciona a relação ator-cenário, elimina a tensão necessária do plano, ficando só na fascinação dos rostos, das faces, dos planos próximos — o que o crítico chama de *antropologismo humanista,* sem nenhuma precisão ontológica. A própria história de Glauber não é bem uma história: a idéia do diretor é compor dois blocos, bipartindo a estrutura do filme e, através da dialética negativa das partes, chegar a uma síntese que é a busca da liberdade, ou o encontro com o mar. Como idéia, a bipolaridade (as experiências do vaqueiro Manuel primeiro com o beato Sebastião e logo com o cangaceiro Corisco) é interessante, mas como cinema é falsa. Glauber, observa Enéas de Souza, acaba por pensar o filme no nível do roteiro, e não das cenas realizadas.

SUICÍDIO CULTURAL

É isso que se repete, de forma até mais acentuada, em *Terra em Transe.* Temos, novamente, a estrutura bipolar: o personagem do intelecutal (Jardel Filho) vivendo suas experiências com referência ao ditador (Paulo Autran) e ao líder populista (José Lewgoy). Mas não há tensão no plano, nem utilização do ator em relação ao cenário. O que existe é uma direção gritantemente teatral do ator, que Glauber tenta transformar num símbolo em si mesmo (ele, ator), sem qualquer outra referência. Não dá certo, mas o desacerto ocorre mesmo é em *Idade da Terra,* de 1980, onde não se verifica mais uma estrutura bipolar, mas uma multiplicidade de pólos de interesse, que eliminam qualquer possibilidade do espectador situar-se com relação à obra. Glauber não achou uma saída para a sua formulação da *obra revolucionária.* Destruiu o discurso tradicional, *made in Hollywood,* mas ficou no labirinto, como um Teseu que não dispusesse do fio salvador de Ariadne.

E aí voltamos ao início. É mesmo possível que a morte de Glauber tenha sido um ato político. Mas é preciso definir que tipo de ato político. Talvez tenha sido um suicídio cultural: na impossibilidade de achar uma saída para a sua crise de criador, Glauber terminou saindo foi da vida. Vimos, na TV, Paulo Francis lamentar-se por não ter ajudado Glauber no seu estágio final, "quando era óbvio que ele estava se destruindo, por várias razões" (a definição é de Francis). Talvez Glauber sempre relacionou a vida dele com os filmes — não seja um exagero reflexionar assim a sua morte prematura. Morreu porque não soube achar uma solução para o impasse. Imolou-se no altar da estética política, um patético revolucionário sem massas, mas de influência inquestionável.

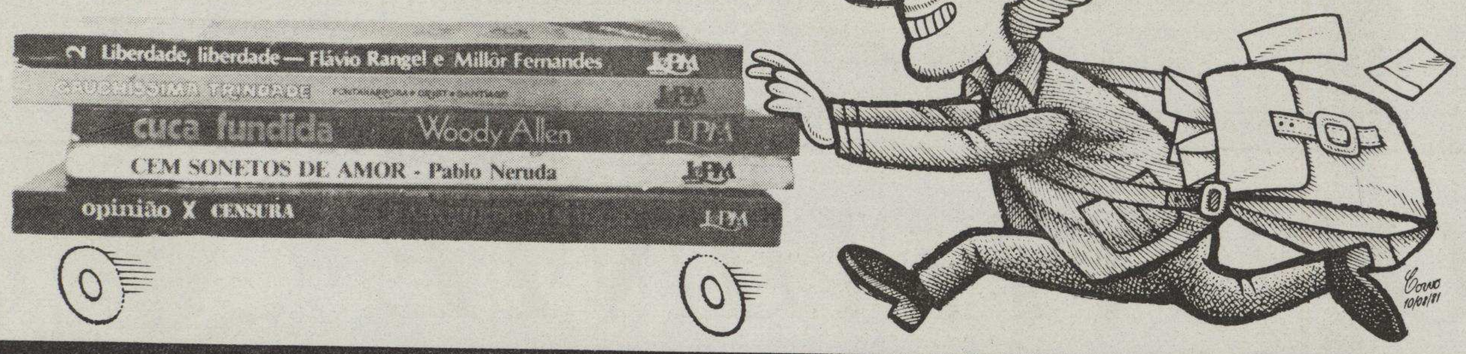
Só ficaram perguntas, após a morte de Glauber. Sobre o papel do povo na *obra revolucionária,* por exemplo. O povo não tem culpa, grita o cantador em *Deus e o Diabo.* "Mais fortes são os poderes do povo", é outra fala recolhida em filmes de Glauber. E no já citado texto sobre a *estética do sonho* ele observa que "o povo é o mito da burguesia". O público não prestigiou a última fase do cineasta: *Idade da Terra* teve 30 mil espectadores (se tanto) contra os mais de dez milhões de *Dona Flor e Seus Dois Maridos,* mas o próprio Glauber seria o primeiro a eximir o povo de culpa, explicando — quem sabe — que esse era o preço a pagar pelo vanguardismo dele. Era um obcecado pela idéia da eficiência, e chegou a escrever que "o pior inimigo da arte revolucionária é a sua mediocridade". Foi, afinal de contas, o primeiro (ou o único) cineasta brasileiro a ganhar indiscutível projeção internacional.

Muitos antes dele, Humberto Mauro mostrou que era possível fazer filmes no Brasil — toscos, sinceros e genuinamente nacionais. Contemporâneo de Humberto Mauro, Mário Peixoto mostrou, com *Limite,* que o Brasil podia produzir obras de vanguarda. Pioneiro do Cinema Novo, mas também contemporâneo de Glauber, Nelson Pereira dos Santos tentou a síntese do populismo com a vanguarda. E Glauber — Glauber foi nosso homem em transe. Com um projeto possivelmente mais amplo que as suas possibilidades, desagradando muitas vezes à esquerda e à direita por suas atitudes, ameaçado de tornar-se um velho chato se continuasse sempre com as mesmas idéias(quem disse isso foi José Celso Martinez Correia), ele projetou o Cinema Novo no mundo inteiro e por mais discutíveis que tenham sido algumas de suas idéias, o cinema brasileiro que hoje faz sucesso é aquele ao qual ele deu impulso. Viveu e morreu sob o signo da contradição e da polêmica. Mas seu legado, até por antítese, é positivo. E é por ele que parece excessivo ou injusto querer atirar pedras no morto.

O Coojornal tem presentes para os amigos

Você, que é amigo e leitor do **Coojornal**, está convidado a participar de nossa campanha de assinaturas e ganhar livros de presente.

É fácil: a cada três assinaturas do **Coojornal** que vender para seus amigos, parentes e colegas, você terá direito a escolher um destes livros:



- ☐ *Liberdade, Liberdade,* de Millôr Fernandes
- ☐ *Cem Sonetos de Amor,* de Pablo Neruda
- ☐ *Cuca Fundida,* de Woody Allen
- ☐ *Opinião x Censura,* de J. A. Pinheiro Machado
- ☐ *Gauchíssima Trindade,* de Santiago, Crist e Fontanarrosa

Se você vender cinco assinaturas do Coojornal terá direito a escolher dois livros!

Para ganhar os livros você precisa encaminhar:

1) Nome, endereço e profissão de cada assinante.

2) O valor das assinaturas, através de vale postal ou cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda. — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

Assinatura para o exterior: US$ 60.00
Cada assinatura anual custa apenas Cr$ 1.100,00

Testamento de guerra

Arquivo Coojornal

Dalton Trumbo: um filme clássico encerrando uma carreira digna e sólida

Com Johnny Vai à Guerra, *seu último filme, o cineasta Dalton Trumbo conseguiu realizar um sonho de toda a sua vida*

Outros filmes podem ter ido mais longe na denúncia dos horrores da guerra, da sua estupidez e barbárie. Nenhum, porém, utilizou a guerra para confrontar o espectador com uma visão tão angustiante e claustrofóbica da fragilidade humana como *Johnny Vai à Guerra,* de Dalton Trumbo, produção de 1971 que recém agora começa a ser vista no Brasil (já estreou no Rio de Janeiro e em São Paulo em agosto, deve entrar em cartaz em Porto Alegre nos primeiros dias de outubro).

Logo depois dos créditos, observa o crítico Lauro Machado Coelho, a tela fica totalmente às escuras durante um tempo que parece interminável. Mas essa treva tem sua razão de ser: ela é tudo que resta para Johnny Bonham (Timothy Bottoms), o soldado horrivelmente mutilado por uma bomba no último dia da Primeira Guerra Mundial. Na verdade, o que resta de Johnny é somente um toco de homem: corpo decepado, sem pernas, braços, rosto informe, sem olhos, nariz e boca. Encerrado dentro dessa massa mutilada, no entanto, Johnny vive em meio a recordações do passado e delírio provocados pelas drogas com as quais é dopado, ao mesmo tempo que busca um meio de comunicar-se com o exterior, para demonstrar aos outros que ainda está vivo. Essa ponte com a vida é fornecida pela enfermeira que, na noite de Natal, desenha letra por letra na barriga de Johnny a saudação *Merry Christmas.*

Esse não é um filme qualquer. *Johnny Vai à Guerra* é a concretização de um velho sonho do roteirista Dalton Trumbo, que esperou mais de 30 anos para adaptar para a tela o romance que ele mesmo escreveu, em 1938*. Acostumado a lidar somente com roteiros, Trumbo queria um diretor de exceção para conduzir a saga de Johnny. Sua preferência recaiu sobre Luis Bañuel, mas quando não houve acerto com o cineasta espanhol, ele desistiu de buscar outro nome e assumiu pessoalmente o encargo de fazer *Johnny Vai à Guerra.* Saiu-se muito bem. Os críticos assinalam o classicismo da realização, a serviço de uma reflexão tocante e poderosa contra horrores da guerra.

A EQUAÇÃO DA GUERRA

Quando *Johnny Vai à Guerra* surgiu como livro, o mundo estava prestes a ingressar na Segunda Guerra. Quando o filme foi concluído, os americanos ainda lutavam no Vietnã. As circunstâncias explicam o fato de livro e filme terem sofrido as conseqüências do mal-estar que provocaram. Ambos tocam num problema que as sociedades preferem escamotear, da mesma forma como os militares no filme escondem o que restou de Johnny, confinando o mutilado num quarto escuro de hospital, para impedir que ele seja transformado num símbolo da atrocidade das guerras. O próprio Trumbo acrescentou um prefácio ao seu livro famoso em 1970, formulando uma equação sobre a guerra que então se realizava no Vietnã: "40 mil jovens mortos em combate = 3.000 toneladas de carne e ossos, 190 mil litros de sangue, 550 quilos de matéria cerebral, 1.840.000 anos de vida que nunca serão vividos, 100 mil crianças que não nascerão jamais".

Por tudo isso, compreende-se bem a postura crítica de Trumbo, que o leva a questionar a sociedade onde o pai diz lá pelas tantas ao filho, num desses diálogos imaginários que passam pela cabeça de Johnny: "Todo pai tem o dever de entregar o filho à democracia". Trumbo se interroga se isso aí é mesmo verdade ou se não é mais uma daquelas mentiras que o sistema coloca lá no fundo do inconsciente das pessoas — as tais mentiras que são vendidas como verdade e que até já mereceram um livro polêmico de Umberto Eco. Os militares e os direitistas entenderam bem o sentido desmistificador da proposta de Dalton Trumbo. E quando o livro surgiu, logo trataram de rotular o autor como *esquerdista*.

Arquivo Coojornal

O pai de Johnny: "O dever de entregar o filho à democracia"

Mais tarde, durante a época da caça às bruxas do senador Joseph McCarthy, tentaram vender a idéia de Trumbo também como "um inimigo da pátria". Eram os anos de 1947 a 53, quando Hollywood, autofagicamente, aviltou seus melhores talentos, submetendo-os à Comissão de Atividades Anti-Americanas do Senado, que investigava a subversão comunista no mundo das artes. É preciso compreender o quadro em que se desenvolveu o macartismo, que terminou envolvendo o nome de Dalton Trumbo, entre muitos outros. O clima liberal do *New Deal* e a emigração de democratas alemães que haviam fugido ao nazismo (Beltolt Brecht, Hans Eisler, Fritz Lang, Thomas Mann, Heinrich Mann, Schonberg) havia criado em Hollywood um ambiente político antifascista. Também uma boa parte da produção cinematográfica americana dos anos 30, quando a América lambia suas feridas decorrentes do grande *crack* da Bolsa de 1929, demonstrou uma aguda sensibilidade para os temas sociais e políticos.

LISTA NEGRA

Tudo isso preocupava muito os setores mais reacionários dos Estados Unidos, que olhavam apreensivos essa *esquerdização* de Hollywood. Durante um comício de dez mil pessoas promovido pelo Grupo Antinazista de Hollywood, o cômico Eddie Cantor subiu ao estrado com um cheque na mão e anunciou pelo microfone: "Tenho esse cheque que me ofereceram para que não viesse aqui, nesse ato público de protesto". As pressões foram se acentuando e ganharam força no período de após-guerra, com o clima de guerra-fria que se estabeleceu nas relações entre Estados Unidos e União Soviética. Foi aí que começou a atuar a tristemente célebre Comissão de Atividades Anti-Americanas do senador McCarthy, foi aí que Hollywood começou a devorar seus talentos.

Foi somente a partir da segunda metade da década de 70 que o cinema americano começou a se debruçar sobre aquele período de delações e intrigas, através de filmes como *Nosso Amor de Ontem,* de Sydney Pollack, e *Testa de Ferro Por Acaso,* de Martin Ritt. Muitas carreiras foram brutalmente interrompidas (Abraham Polonsky, Herbert Biberman), muitos se exilaram (Joseph Losey, Charles Chaplin), outros não resistiram e morreram (John Garfield) e sobre outros, ainda, recaiu o pesado fardo de terem colaborado com a Comissão (Elia Kazan, Edward Dmytryk). Muita coisa do clima da época pode ser sentida através dos escritos de Lilian Hellman, que entrou para a chamada *lista negra.* Lilian dá seu testemunho através de obras como *Pedimento.* Sua carreira prosseguiu no teatro e só em 1965 ela pôde voltar a Hollywood, com o roteiro de *Caçada Humana,* de Arthur Penn.

Para a *lista negra* também entrou Dalton Trumbo, mas ele conseguiu que seus roteiros continuassem sendo filmados, assinando-os sob pseudônimo. Quando um desses roteiros, *O Bravo* (The Brave One), deu o Oscar da categoria em 1957 a um certo Robert Rich, que não apareceu para receber o prêmio, começou a ser levantado o véu envolvendo as atividades das vítimas do macartismo. Por essa época, o próprio McCarthy já havia morrido, sua Comissão extinta, mas a discriminação continuava. Trumbo era Robert Rich, mas ainda teve de esperar até 1960 para escrever (e assinar) o roteiro de *Exodus,* de Otto Preminger. Desde então seguiu trabalhando e abriu o caminho para que muita gente fosse aceita de novo em Hollywood.

CARREIRA DIGNA

Entre outros filmes, Trumbo escreveu os roteiros de *Spartacus,* de Stanley Kubrick, 1961; *Sua Última Façanha,* de David Miller, 1962; O *Homem de Kiev,* de 1968 e *Os Cavaleiros do Buzkashi,* de 1970, ambos dirigidos por John Frankenheimer. Todos esses filmes têm em comum o mesmo tema: relatam o difícil combate do homem para recuperar sua liberdade e afirmar sua dignidade. Em 1971, Trumbo acumula as funções de roteirista e realizador para concluir a obra de toda a sua vida: *Johnny Vai à Guerra.* E nunca mais dirigiu filme algum. Morreu em 1976, encerrando uma carreira digna e sólida.

Já se passaram dez anos desde que Dalton Trumbo filmou a história amarga e tocante de Johnny Bonham. Nesses dez anos terminou a guerra do Vietnã, mas ocorreram (continuam ocorrendo) vários conflitos em várias partes do mundo. Daí a atualidade permanente dessa obra que é o testamento político e artístico de um bom homem do cinema americano: íntegro, coerente, sensível. Nos últimos anos houve uma polêmica envolvendo Trumbo e outras vítimas do macartismo. Muitos defendiam uma atitude intransigente de denúncia do passado, para forçar a América a olhar para dentro de si mesma numa época de crise (o presidente era Carter e o cowboy Reagan ainda nem despontara para a presidência). Trumbo foi daqueles que se manifestaram pela cicatrização da ferida. Mas não foi por acomodação nem por arreglo com o sistema. Foi pela generosidade do seu caráter, que se manifesta em tantas cenas bonitas que ele criou (mesmo que tenham sido dirigidas por outros).

Luis Carlos Merten

(*) *O livro e o filme de Dalton Trumbo chamam-se, no original,* Johnny Got His Gun. *O livro foi editado no Brasil, anos atrás, com o título* Uma Arma Para Johnny.

DOCE CONSTITUINTE

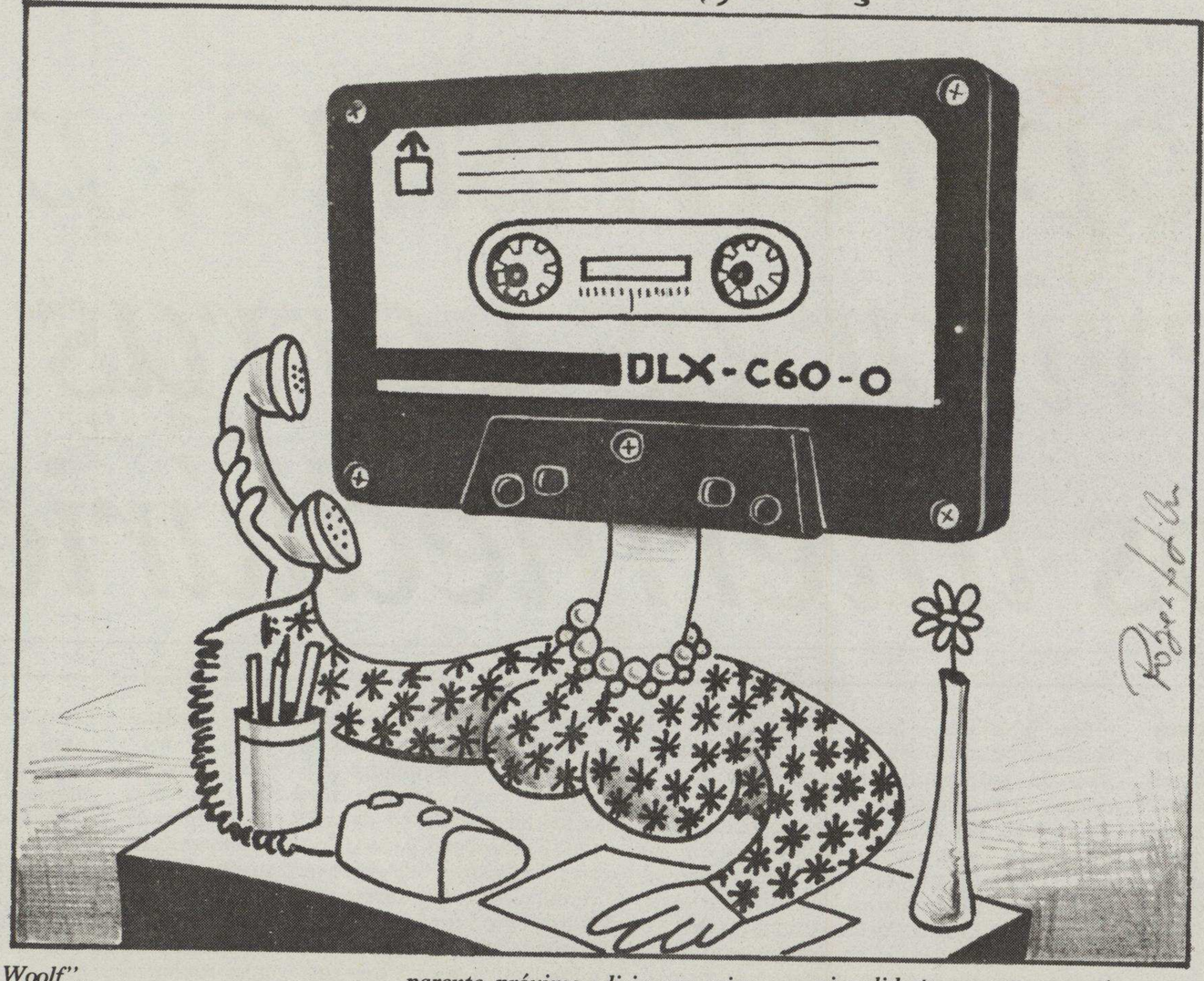
O Restaurante Doce Vida entra na luta da Constituinte. Simon, Lula, Colares, Marchezan, Guazzelli e Brizola são algumas das saborosas sugestões para as eleições de 82 do novo cardápio do Doce.

Doce Vida, onde a Ideologia é o têmpero mais forte

O BRILHO DO ALEGRE PORTO
REPÚBLICA, 163

MARCOS REY

Isto não é uma gravação



O fato de não possuir ainda uma secretária-eletrônica me dá um trabalho doido. Todas as vezes que toca meu telefone tenho que explicar pacientemente: "Isto não é uma gravação. Não esperem nenhum ruído para deixar recado. Podem falar comigo mesmo". Certamente esse esclarecimento provoca do outro lado da linha uma profunda decepção, pois sendo eu sabidamente um profissional pra lá de ocupado, o natural seria que não estivesse em casa ou, estando, não atendesse ao telefone. No entanto, à moda antiga, com deslavada cara de pau, atendo, e até teço comentários preâmbulares sobre o tempo ou pergunto da saúde de quem me liga. Em suma, com minha presença, dispensável, com minha voz ao vivo, faço pessoas apressadas e operosas perderem tempo, culpa da gente de carne e osso que sou quando seria mais prático e moderno ser apenas uma fita magnética.

Por outro lado, também me irrita quando ligo e vem a gravação informar-me que a pessoa procurada não está e que aguarde o sinal para deixar dois minutos de recado. A impressão que isto me dá é dum teste para locutor de rádio, o que me obriga imediatamente a empostar a voz, e o que é mais chato, medir as palavras para que o recado caiba em dois minutos de espaço.

Se estou mais calmo e com mais vagares, aproveito a oportunidade da ausência do patrão da secretária-eletrônica para fazer brincadeiras. "Por favor, telefone com toda a urgência para seu Leão". E dou o telefone do Zoológico. Ou, então, coloco a diversão num plano mais alto, o dos conhecimentos gerais. Ao ouvir o referido sinalzinho, vou dizendo, às vezes com sotaque: "Assim que chegar telefone para Toulouse-Loutrec, no Moulin Rouge", e digo o meu número. "Telefone para Scott Fitzgerald. Para Quincas Borba. Para Pimpinela Escarlate. Para Virgínia Woolf".

E, acreditem, ou não, acontece com freqüência de logo alguém ligar, perguntando: "Aí é que mora o senhor Toulouse-Loutrec?" Minha jocosa vingança contra as aludidas secretárias. Mas quem faz a pergunta incultural o faz sempre desinibidamente porque o dispositivo telefônico de gravações hoje em dia dá quase tanto status *quanto um Mercedes Benz. É um complemento necessário ao homem moderno, soma pontos em sua participação na pressa do cotidiano e é uma prova de que está equipado para competir.*

A secretária-eletrônica tem um parente próximo, diria um primo, com problemas foniátricos, que é o bip. Médicos, principalmente, precisam de bip por causa dos chamados de urgência e das operações imprevistas, e levam no bolso aquele inimigo implacável das horas de lazer. Todavia, conheço pessoas que embora não exerçam profissões de risco e de urgência, da qual dependam vidas, lucros ou perdas, amam portarem bips, seja onde estiverem, que exibem freqüentemente, mostrando e provando estarem inseridas no contexto geral. Sei, inclusive, de desempregados, que de secretária e bip, conseguem sentir a ilusão da funcionalidade, gastam mais mas sofrem menos a angústia do não ter o que fazer.

Mas o apetrechamento eletrônico da pressa e da eficiência não pára aí, certamente. Há o confortável telefone de automóvel, já de uso corrente nos Estados Unidos, instalados em quase todos os carros que participam dos seriados de televisão, uma das grandes mágicas do capitalismo, e o telefonevisão ou videofone, graças ao qual não apenas se ouve como também se vê ao telefone aquela pessoa que não se quer ouvir nem ver. Algo me diz, e creio que também lhe diga, que o videofone, em preto e branco ou a cores, será (quando já comercializado) um dos mais terríveis inventos de todos os tempos. Tenho certeza absoluta de que ele vai me tornar o telefonista da casa, pois minha mulher jamais concordará em atender ao videofone se não estiver convenientemente penteada e maquilada. Mesmo as pessoas menos preocupadas com a aparência terão que correr ao espelho, antes de atenderem ao videofone, embora reconheço que em caso de linhas cruzadas ou enganos ele será de grande utilidade para flertes, jogo de pinta, amizades coloridas e amor verdadeiro e à primeira vista. O videofone vai ser um aparelho ideal para o romance e talvez venha aumentar consideravelmente o número de casamentos. No entanto, não servirá aos interesses dos filmes de pornochanchada. Mas as brincadeiras telefônicas, trotes, geralmente de mau gosto, só poderão ser feitas com máscaras ou com a cabeça envolta em lençol ou capuz.

Quanto a mim, pouco afeito ao exibicionismo tecnológico, um dos males das últimas décadas — inclusive os aparelhos de som, sofisticados, como o Três em Um, geralmente só usados no mês da compra — só espero com impaciência a máquina de escrever por impulsos sonoros. A prima rica da máquina de escrever elétrica. É a que escreve dispensando os dez dedos dos bons datilógrafos e os dois dedos dos catadores de milho. Escreve sozinha. A gente senta ou deita, na cama ou em rede, e fica simplesmente ditando. Para quem gosta de ter uma secretária, não eletrônica, sobre os joelhos, a referida máquina de escrever não é tão útil assim.

Um amigo meu, ao saber do projeto dessa máquina de escrever, disse: "Se não escrevi uma obra genial até hoje foi por pura preguiça. Minha vez chegou".

O Kaos de Mautner

De tempos em tempos ele reaparece

As cores da bandeira do Movimento são preto e o vermelho, com uma faixa verde e amarela onde se inscrevem as palavras *Odara* e *Axé*. Em seu programa, o Movimento "privilegia o indivíduo e suas emoções, porque ninguém fala nisto a não ser no confessionário ou no divã do analista; coloca grande importância na criança e se preocupa com o prazer e o corpo". Para este último, o Movimento recomenda a prática da capoeira e das Artes Marciais, "qualquer coisa que flua e nos beneficie".

Em breve o Movimento terá um jornal próprio circulando em todo o país, onde suas idéias estarão melhor explicitadas: o pacifismo, a defesa da energia nuclear, a fiscalização severa dos candidatos e partidos políticos nas eleições de 82.

Pode parecer, por tudo isso, que o tal Movimento seja coisa recente, fruto dialético da reunião da esquerda colorida e da juventude ecológica, de acordo com as linhas mestras estabelecidas pelo guru Fernando Gabeira. Mas não. Na verdade, o Movimento é mais antigo do que todos os partidos políticos existentes no país e muito mais velho do que a absoluta maioria dos seus adeptos.

Ele nasceu em 1956, tempos de Elvis Presley e Juscelino Kubitscheck, no quarto de seu jovem fundador, Jorge Mautner. Naquela época, o hoje cantor, compositor e violinista Mautner, amigo dileto de Caetano Veloso e Gilberto Gil, tinha apenas 15 anos. Possuído pela visão delirante, ele pintou a bandeira do Movimento nas paredes do quarto e não teve dúvidas para arrumar uma sigla: O Movimento do Kaos.

Agora, Mautner acha que está na hora de lançar o Kaos em todo o país. E sua pregação começou em Porto Alegre, no fim de agosto. Ao mesmo tempo em que promovia na seu quarto LP, *Bomba de Estrelas,* ele reuniu uma centena de jovens na grama do Parque Farrouilha e falou sobre os fundamentos do seu movimento:

— O Kaos é uma visão antes, abaixo, acima e durante a política —, disse ele. No Kaos, há espaço bastante até para discutir o inconsciente, o amor eterno e o misticismo, mas Mautner adverte: "Falando nessas coisas poderiam pensar que sou um tipo naturalista, ecólogo e cerealista, que não come carne. Mas eu gosto até de churrasco".

Os jovens que o cercavam, a maioria na faixa dos 17 aos 25 anos, estranharam mais ainda quando ele falou sobre a energia nuclear: "Na contradição entre o misticismo e a tecnologia, temos que separar o joio do trigo e inclusive entrar em acordo com a energia nuclear. Ela é imprescindível, faz parte do nosso século e quem ficar atrás na pesquisa do átomo dança no século XX. Não se pode dispensar a ciência e a tecnologia. Seria muita inocência angelical".

Fotos Luiz Eduardo Achutti

Mautner e seus adeptos em Porto Alegre: "O Kaos é uma visão antes, abaixo, acima e durante a política".

Mautner, de 40 anos, violinista de formação clássica, conhecedor da obra de Nietzche, Marx e Heidegger, já foi chamado por Millôr Fernandes de *gangster,* quando apresentava o *Show das Sombras,* em 1976. Caetano Veloso e Gilberto Gil, no entanto, consideram-no um mestre. Além dos discos, ele escreveu quatro livros: *Deus da Chuva e da Morte* (63), *Narciso em Tarde Cinza* (65), *Vigarista Jorge* (65), Fragmentos *de Sabonete* (76) e *Panfletos da Nova Era* (1980).

Depois de Porto Alegre, o Movimento do Kaos foi lançado por Mautner em outras capitais e os próximos passos, prevêem o início de reuniões de reflexão entre os adeptos visando, sobretudo, estabelecer a melhor forma do Kaos influir nas eleições de 82. **Marta Biavaschi**

Cooperativismo, para evitar as garras dos intermediários

Os produtores do Estado, nos setores agrícola e pecuário, queixam-se dos preços mínimos aviltantes, enquanto o consumo cai porque os preços no varejo sobem constantemente. A culpa seria dos intermediários no processo de comercialização. A solução para que os preços finais tornem-se mais acessíveis está no rigoroso controle de custos e preços ou na venda direta ao consumidor? Como o Partido encaminhará este problema?

PDS

Ainda que sobre os intermediários recaia o fator principal, Victor Faccioni não considera que apenas eles sejam os responsáveis. "A questão é bem mais complexa. Vai desde o problema dos insumos, que devem ser controlados com o retorno a muitas tradições de adubação do solo abandonadas; os preços mínimos fixados com a participação dos interessados; o Governo participando do processo de comercialização, desde a saída do produto da terra até o consumidor". O ideal, entretanto, segundo Faccioni, seria "que o próprio produtor se cooperativasse e participasse em todo o processo, mesmo na venda ao consumidor. Esta será a política do futuro Governo, respeitando as particularidades de cada produto".

PMDB

Um primeiro entendimento, que orienta a nossa análise do problema é de que um processo inflacionário aberto, como é o atual, para o PMDB enseja sempre uma economia capitalista, a concentração acelerada do capital. Uma conseqüência direta deste processo de concentração é a distorção dos mecanismos de comercialização, originada pela distorção no processo de formação de preços. No caso brasileiro consideramos um agravante a política do Governo que privilegia o grande capital e de forma explícita Delfim Netto está sempre a afirmar a necessidade de retirar subsídios — que teria efeito social — e de ajudar as unidades competentes. Isto não é mais do que impulsionar o processo de concentração do capital.

Se não pensássemos assim, poderíamos propor ao Governo um controle rígido nos custos. Mas quando sabemos que os insumos agrícolas são controlados por multinacionais sempre beneficiadas pelas políticas públicas, esta proposta seria de absurda ingenuidade. Poderíamos propor um controle de preços, como fazem inclusive com razão, os vários setores da produção agrícola. Mas quando sabemos que a Política de Preços Mínimos até hoje só tem servido para aviltar o preço pago ao produtor, cairíamos em outra absurda ingenuidade.

O PMDB denuncia também a desnacionalização ou concentração da produção de inúmeros produtos de grande desenvolvimento no Estado, como o vinho, o fumo, as rações e inclusive a soja. Um outro tipo de problema refere-se à concentração dos capitais e à inflação em altos níveis. É o caso da produção de suínos, leite e carne bovina. Nos três casos, a concentração da industrialização está a forçar os preços pagos ao produtor. Hoje 10 frigoríficos controlam o abate de suínos no Estado. O mesmo ocorre com poucas indústrias de leite. Na carne está a ocorrer a quebra de pequenos matadouros com a manutenção da hegemonia dos grandes frigoríficos estrangeiros. Do lado do consumidor está a ocorrer a redução da demanda destes produtos por pura falta de dinheiro. Hoje no Brasil os um por cento mais ricos ficam com 17 por cento da renda, enquanto os 50 por cento mais pobres ficam com apenas 13 por cento. Em outras palavras, 1,2 milhões de pessoas ganham a mesma coisa que outros 60 milhões de brasileiros.

Além disso, o Governo isenta de tributos os produtos para exportação e de alto consumo, mas tributa violentamente os alimentos do povo. O pão paga tributo, a lagosta não. O milho para consumo humano paga tributo, mas como matéria-prima para as indústrias estrangeiras de ração, não.

Diante deste quadro que expõe, o PMDB propõe como solução para os problemas econômicos, não só da agricultura, mas de toda a economia gaúcha, o fortalecimento do cooperativismo. Seu objetivo primeiro é ter os verdadeiros responsáveis pela produção do Estado — produtores e trabalhadores — unidos, organizados e conscientes, para lucidamente lutar contra aquilo que lhes venha roubar o fruto de seu trabalho. Com isto conseguido, o povo do Rio Grande do Sul poderá, através das mais diversas formas cooperativas, tomar para si aquilo que produz, controlando preços ou mesmo produzindo insumos; exigindo da indústria preços mais justos, ou formando indústrias cooperativas que transformem a sua produção. Assim, corrigirá as distorções da comercialização pela aproximação entre produtores e consumidores (principalmente hortigranjeiros e alimentos básicos). E até mesmo criará cooperativas de crédito e de consumo, financiando a produção e a aquisição desta. Controlar custos e preços e promover a venda direta ao consumidor são formas para solucionar o problema que serão utilizadas alternativamente, conforme as particularidades do produto. Mas só serão eficientes se a questão central — a questão política — estiver decidida.

PT

O Partido dos Trabalhadores entende que o caminho entre o produtor rural e o consumidor urbano deve ser o mais curto possível. A intermediação não é um mal em si mesma. Ela é resultante de uma política que favorece os mais fortes, espertos e sagazes. É reflexo de uma política de beneficiamento dos que têm o lucro como meta maior e final de sua atividade social, e que, para obtê-lo, não regateiam em ganhar dinheiro até mesmo com a fome e a miséria da maioria. O PT entende ser fundamental restabelecer, através de incentivos às formas cooperativadas de produção e consumo, a estreita aproximação entre a maioria dos pequenos produtores rurais e a grande massa dos consumidores assalariados. Incentivar o surgimento de pequenas cooperativas de produção e serviços e ligá-las às cooperativas de consumo para a venda direta dos gêneros de primeira necessidade, aliando isto a um rigoroso controle de custos e preços com o auxílio das mais variadas entidades representativas dos setores de consumo popular e de massa.

PDT

A política agrícola que o PDT pretende levar à prática no Governo do Estado procurará, justamente, criar um sistema de comercialização que ligue mais diretamente o produtor ao consumidor. As cooperativas terão uma função decisiva neste sentido.

PP

No entendimento do ex-governador Sinval Guazzelli "realmente vivemos uma profunda distorção no curso do ciclo econômico de nossos principais produtos primários. O reajustamento do preço do produto, a nível de produtor, fica sempre muito abaixo do percentual de aumento dos custos dos insumos empregados no setor, de tal modo que o nosso homem da terra vê a sua renda murchar, safra a safra. Por outro lado, o consumidor das cidades padece os aumentos constantes dos gêneros alimentícios, de forma que a maior correção de valor é retida na fase de intermediação. Embora antiga, esta distorção tem se agravado ainda mais nos últimos anos. Entendemos que se deveria adotar uma política de rigoroso controle na fase de intermediação, coibindo os abusos todos. E, paralelamente, definir e implantar uma política, que aplicada dentro de uma prática progressiva e constante, fosse capaz de ir encurtando, passo a passo, os caminhos entre o produtor e o consumidor".

Problemas normais de quem

O Rio Grande do Sul, exportador de produtos primários e importador de manufaturados sofre as graves conseqüências de uma política centralista de isenções fiscais. As tentativas de seus últimos governadores no sentido de alterar esta política tributária têm encontrado resistências no Governo Federal. Como superá-las?

PDS

A superação virá com o consenso estabelecido no País de que a descentralização de tributos é a única solução capaz de resolver os problemas decorrentes da dimensão do Brasil. O próprio Governo Federal já demonstrou que a descentralização virá com o processo de abertura, diz Faccioni.

PMDB

O que se observa é que o Rio Grande do Sul é um Estado gerador de recursos através da exportação de sua produção de insumos, ao mesmo tempo que é importador de manufaturas, tanto de outras unidades da Federação quanto do exterior.

Para o PMDB, além deste fato em si já ser gerador de desigualdades estruturais, na medida em que, principalmente nos países subdesenvolvidos, no setor industrial esteja o pólo dinâmico da economia e em detrimento dos demais a ele estejam reservadas todas as regalias, foi montado no País todo um conjunto de medidas de maneira a beneficiar a exportação de produtos nacionais e assim dar condições de importação a tudo aquilo que as filiais das multinacionais aqui instaladas necessitam. De outro lado, o Governo tem, também, dentro desta política, a função de criar toda uma infra-estrutura econômica ao funcionamento destas empresas estrangeiras, como, por exemplo, grandes unidades geradoras de energia elétrica, rede de transportes e exportações.

Um dos instrumentos de política econômica que o Governo Federal vem se utilizando para fomentar as exportações é o da concessão de isenções fiscais, o que, no Rio Grande do Sul, apenas na geração do ICM, faz com que nossa receita tributária hoje atinja apenas cerca de 50 por cento daquela que poderia ser obtida outra fosse a política fiscal adotada. O Governo Federal isenta de tributos estaduais uma série de produtos para exportação gerados no Estado, criando desta maneira uma situação de diminuição na capacidade de arrecadação de receita do Estado, e não dando como contra-partida nenhuma compensação.

Como superar este problema? Mais uma vez temos aqui problemas econômicos na máquina administrativa do Estado gerados a partir de determinações políticas feitas pelo Governo Federal contra os interesses da comunidade rio-grandense. Mesmo o atual Executivo Estadual reconhece esta situação, elaborando estudos onde demonstra a injustiça que se faz com o Estado, hoje comprometido com uma dívida sem precedentes. Mas o PMDB pergunta: "o que pode um governador nomeado frente a um Governo Federal autoritário e centralizador?". E responde: "Na verdade pode muito pouco, talvez nada mais lhes reste se não realizar estudos demonstrando a situação, e ainda assim tendo cuidado para não ferir suscetibilidades." E complementa: "quem pode exigir a alteração deste quadro é um administrador que tenha a força do voto da comunidade que representa; um governador eleito".

PT

Faz-se necessário recuperar o poder de barganha e pressão que o Rio Grande do Sul já teve em outros tempos. Os últimos governadores, por terem sido nomeados e por terem origem nas classes dominantes, não tiveram autoridade política para se impor diante do poder central, de quem, afinal de contas, são vassalos, diz Olívio. Uma campanha popular contra o centralismo político e administrativo,

Atrás de um novo rumo

As cooperativas tentam mudar a situação do produtor, que continuou pobre

Durante o *boom* da soja, no começo da década de 70, as cooperativas agrícolas gaúchas construíram mais de 400 unidades de armazenagem, para seis milhões de toneladas de grãos. Entraram na área de comercialização, arrancando protestos do comércio tradicional. Agora partem definitivamente para a industrialização, atraindo protestos da indústria. Porém, à margem deste desenvolvimento, o pequeno produtor continua pobre — e, em algumas casos, em situação pior.

É por isto que hoje a situação do associado agricultor passou a ser a principal preocupação das cooperativas gaúchas e foi o assunto mais discutido no recente encontro de técnicos e dirigentes cooperativistas que a Fecotrigo realizou no mês passado em Santa Maria, reunindo 62 de suas 74 cooperativas filiadas.

"Privilegiar o produtor e não o produto" já fora dito anteriormente pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz. Só que em Santa Maria a tese ganhou adesão oficial do chamado *Sistema Fecotrigo* e foi o tema dominante nas decisões e conclusões setoriais do seminário. Ainda assustados com os prejuízos deixados pela monocultura da soja, tanto dirigentes como técnicos pensam que a diversificação de culturas deve partir da base, dos 200 mil associados que suas cooperativas reunem.

Neste sentido, o trabalho dos departamentos de educação e comunicação das cooperativas passará a ter maior importância. A intenção geral é mudar para melhor este trabalho que até agora foi muito confundido como promocional da direção em algumas cooperativas, enquanto em outras sequer existia. Fortemente influenciado pelo teórico da Fidene, professor Mário Osório Marques, o trabalho de educação e comunicação prepara-se para partir do ponto zero, na tentativa de colocar em prática uma das decisões do encontro de Santa Maria: "Fazer com que os associados participem e assumam com clareza as suas decisões, colocando-se na posição de donos".

Com o produtor organizado e a cooperativa privilegiando seus interesses, a idéia é fazer com que a diversificação ocorra naturalmente, recuperando-se o que os técnicos afirmam ter desaparecido no pequeno agricultur: a criatividade, perdida em função da "preguiça" gerada pelo binômio trigo-soja.

Enquanto os associados se organizam, os dirigentes vão assumir "um comportamento comum", lembrou Ruben Ilgenfritz. "Colaboramos com o próprio êxodo rural e não temos coragem de discutir questões como estrutura fundiária, como se isso fosse subversão. No entanto, deveríamos procurar entender a diversidade de nossos quadros sociais e aproveitar esta heterogeneidade para fazer uma aliança entre grandes, médios e pequenos produtores rurais".

Ao unificar o pensamento da maioria dos presentes, o presidente da Fecotrigo, Jarbas Machado, lembrou que "não adianta buscar a organização do quadro social se nós dirigentes falamos idiomas diferentes". Daí ao entendimento foi um passo: uma das decisões foi a de limitar a associação do produtor em uma só cooperativa, para se evitar o *paraquedismo* de associados (aqueles que, associados em mais de uma cooperativa, tentavam entregar a produção à que oferecesse maiores vantagens). Foi recomendado também que "seja respeitada a área de ação efetiva de cada cooperativa, evitando-se conflitos, investimentos supérfluos e prejuízos aos associados e ao sistema". Por último, as cooperativas encaminharam estudos para buscar a padronização no recebimento de safras, descontos aos associados e valores cobrados por serviços.

Outra decisão tomada no encontro de Santa Maria quebra um velho tabu: a partir de agora, o sistema cooperativista encara a política e vai procurar "eleger candidatos comprometidos com os produtores rurais, independente de partidos". As lideranças cooperativistas vão criticar publicamente os políticos que forem contrários aos seus interesses, e para isto vão se valer da grande imprensa e dos pequenos jornais que algumas delas editam.

Na luta por libertar-se definitivamente do governo e das instituições bancárias privadas, os dirigentes vão reforçar a idéia do banco das cooperativas. O que poderia ser feito de duas maneiras: com a compra do controle acionário do Banco Nacional de Crédito Cooperativo (cuja maioria acionária pertence ao Governo, através do Ministério da Agricultura) ou com a revitalização das cooperativas de crédito rural, que hoje já chegam a 50 no Rio Grande do Sul.

Nesta reunião de Santa Maria ficou consagrado que as cooperativas continuarão crescendo. Vão incentivar agroindústrias regionais, com o apoio da Centralsul. Incrementar os setores de comercialização de feijão, milho e suínos. Vão partir para a fabricação de fertilizantes (herbicidas e calcário já fabricam). Tudo, sempre, com o enfoque que todos prometem seguir: pensando no associado, cuidando para melhorar sua condição de vida, e fazendo com que o cooperativismo sirva para fixar o homem na terra, fornecer alimentos saudáveis e agredindo menos o meio-ambiente.

Ricardo Schmitt

Um seminário só para o Trabalho

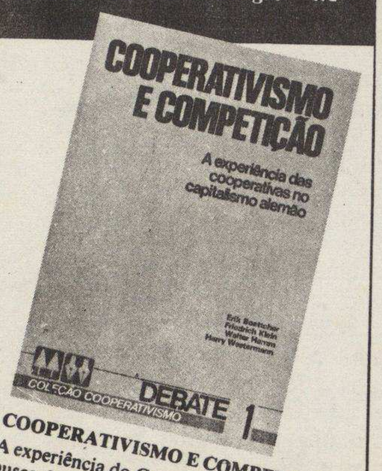
Pela primeira vez no país, as cooperativas de trabalho e de prestação de serviços estarão reunidas para discutir seus assuntos específicos. É o I Seminário Brasileiro das Cooperativas de Trabalho, a se realizar de 6 a 9 de outubro em Caldas Novas, Goiânia, promovido pela Organização das Cooperativas Brasileiras e com o apoio da Brascoop (Fundação Brasileira de Cooperativismo).

As cooperativas de trabalho enfrentam hoje muitos problemas em seu funcionamento porque formam o ramo mais novo do cooperativismo praticado no Brasil. Não têm linhas de crédito e financiamento bancário, por exemplo, e a própria legislação cooperativista não menciona a palavra *trabalho* ao longo de seus 100 artigos.

São dificuldades como estas que formam os pontos principais do temário do seminário de Caldas Novas, e é em busca de idéias para sua superação que o encontro trará dois convidados do exterior. Um deles é Louis Raymond, técnico da Organização Internacional do Trabalho, de Genebra, e especialista em cooperativas de trabalho; o outro é o argentino Domingos Semisa, presidente da ACTRA — Associação das Cooperativas de Trabalho da República Argentina —, que virá acompanhado de uma equipe de quatro técnicos.

Entre os demais técnicos e especialistas convidados para as palestras e debates estão os cooperativistas Palmyos Paixão Carneiro, Edmundo Castilho, Mário Kruel Guimarães, Diva Benevides, Ruben Ilgenfritz e Ricardo Prata.

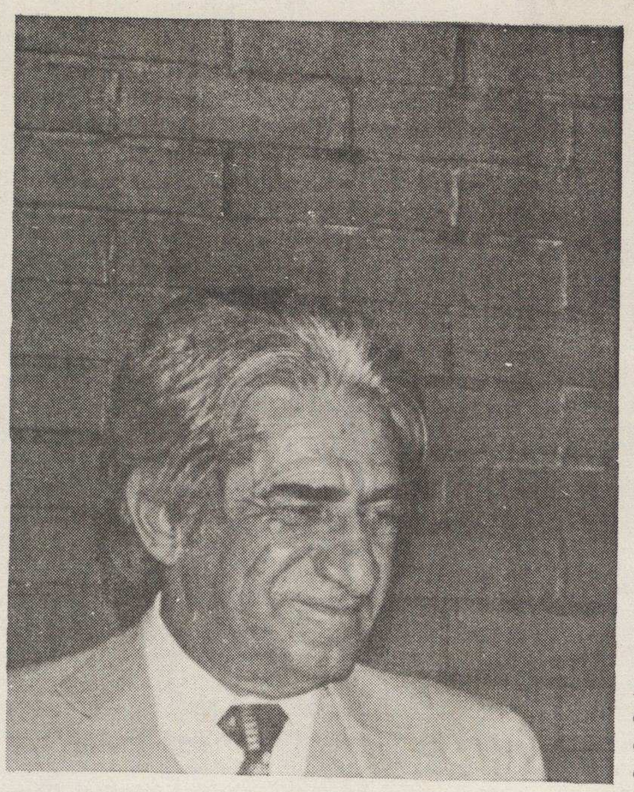
Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS



COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.
Coleção Cooperativismo
Selo Debate nº 1
Cr$ 200,00

A autogestão com democracia

Co-operativismo — O princípio co-operativo e a força existencial-social do trabalho é o mais recente trabalho do médico mineiro Palmyos Paixão Carneiro, que está se destacando como um dos principais teóricos do cooperativismo no Brasil. Adepto incondicional deste sistema, ele já visitou muitos países à procura de novas experiências — em agosto esteve na Iugoslávia, para conhecer a autogestão ali aplicada e que e considerada uma das mais importantes práticas cooperativistas no mundo.



Palmyos: a força da cooperação

"O cooperativismo é uma tentativa de se implantar um novo sistema econômico ainda não testado a nível nacional, a não ser na Iugoslávia", diz ele, "enquanto o capitalismo, tanto o liberalismo da ofeta e da procura como o monopolismo, já se mostraram incapazes depois de quase 200 anos de experiências. O que justifica o cooperativismo é a sua capacidade de se desenvolver em gestão democrática. Mais precisamente, é uma economia democrática".

Este sistema só não é mais desenvolvido no mundo porque em muitos países, principalmente nos ditatoriais, há fortes pressões do Estado. Cita como exemplo mais recente o Uruguai, um dos países em que o sistema cooperativista estava mais desenvolvido e que hoje apresenta uma "situação lamentável" neste setor. O Chile é outro "lamentável exemplo".

No Brasil, a relação governo-cooperativas é 'paternalista e cerceadora". Segundo Palmyos, "o cooperativismo não pode estar subordinado a não ser à própria gestão". Mas aqui "o Conselho Nacional de Cooperativismo utiliza as cooperativas contra elas próprias, fazendo com que elas pratiquem a política de Governo, que não é a mesma das cooperativas. A quantidade de órgãos do Governo que atua contra a política cooperativista espelha o objetivo desse órgão normativo que é o CNC".

Palmyos pensa que esta situação pode começar a mudar com um profundo trabalho de educação e integração. E, quando a classe trabalhadora e produtora se conscientizar de que o cooperativismo faz retornar o verdadeiro trabalho da produção, "A união do trabalhador se fará através do único meio de que pode dispor: a econômica do trabalho através de uma gestão livre da classe trabalhadora".

Como exemplo prático ele cita o que é possível no cooperativismo médico, através do sistema Unimed (Palmyos é diretor da Unimed de Belo Horizonte). "A futura meta do cooperativismo médico é a livre associação dos consumidores e produtores através da união de médicos cooperados e pacientes usuários. Então as perspectivas sociais do cooperativismo médico se estenderão a todos os órgãos legítimos dos trabalhadores. Esta é a solução imediata para as pequenas vilas ou cidades onde não podem ter senão um ou dois médicos escolhidos pela comunidade. Evita-se assim a centralização das grandes cidades, possibilitando a integração do médico a nível da comunidade".

Pensando assim, Palmyos já propôs que a Unimed do Brasil designe um grupo de trabalho para estudar e apresentar um estudo capaz de incluir o usuário como cooperado e de criar novas perspectivas de integração de pequenas comunidades, em todo o Brasil, em cooperativas de trabalho médico.

CARTAS

Glauber e um não-sei-o-quê Hill

Dois meses atrás, quando o filme *Idade da Terra,* de Glauber Rocha, esteve em cartaz no cinema Bristol (durante uma semana apenas e quase clandestinamente) os críticos de Porto Alegre recomendavam que não se perdesse um outro filme, em cartaz justamente ao lado, no cinema Baltimore. Era um tal de *Joe Hill* ou coisa parecida. Mais de um crítico classificava a fita americana como "obra-prima" (falando sério, é só consultar os jornais).

Bem, *Idade da Terra* saiu de cartaz como entrou — no anonimato — e mais não foi possível fazer do que falar sobre o filme para algumas pessoas que lamentavam não saber sequer que o último filme de Glauber estava na cidade. Quanto ao não-sei-o-quê *Hill* seria picaretagem da grossa não fosse dirigido por um jovem estreante (ao que consta) cheio de boas intenções. Era nada mais que um love story do sindicalismo americano do início do século, resvalando com freqüência incômoda para o ridículo e a pieguice. Salvo por algumas tomadas de trem em movimento bem produzidos (e por isso repetidas várias vezes) e uma fotografia de boa qualidade poderia ir direto para o lixo. Nos Estados Unidos certamente encabula a tradição do gênero que já teve *Sacco e Vanzetti, Norma Ray* e outros menos recentes e populares. Aqui na colônia, porém, virou "obra-prima". Salve-se quem puder dessa crítica! Foi nessa mesma época, aliás, que um de nossos críticos descobria numa pornochanchada com Aldine Miller insuspeitas qualidades artísticas. Vendo dito filme foi possível concluir o seguinte: se aquilo era um bom filme, Bergmann não passa de um amador diante de Walter Hugo Khoury. E assim por diante...

Enquanto isso, *Idade da Terra* era visto por meia dúzia de gatos pingados e retirado de cartaz como algo descartável. Mas, quem viu sabe que a verdade é o inverso: o descartável estava ao lado. Perdão, críticos de cinema de Porto Alegre, mas era preciso essa indiscrição. Mesmo porque os filmes de Glauber, agora que ele morreu, certamente voltarão à cartaz. E então, *Idade da Terra,* espera-se, terá o espaço de crítica merecido.

Só o seguinte, a título de colaboração: não assistam o filme como quem assiste filmes de Hollywood, sua linguagem é outra (cinema novo, lembram?). O empertigado Tarcísio Meira não é necessariamente vilão ou herói. O apocalíptico Geraldo Del Rei pode parecer um mercenário, mas, cuidado, pode representar também um justiceiro. E as tomadas de Brasília, da alvorada (não do Palácio, mas também do Palácio) não são alegorias de cenas hollywoodianas — podem muito bem ser uma proposta de cultura tropical que Glauber sempre defendeu.

Walter Morais
Porto Alegre — RS

Por melhores salários e roupas mais adequadas!

"A propósito da observação do Exmo. Sr. general de divisão Euclides Figueiredo sobre a qualidade dos trajes dos jornalistas que o entrevistaram em Belo Horizonte, gostaria de acrescentar que o general tem razão: a única maneira honesta de melhorar a indumentária dos jornalistas é aumentando-lhes os salários. Aproveito a oportunidade para chamar a atenção dos nossos líderes sindicais de todo o País para o inesperado apoio às reivindicações da categoria. Minha impressão é que com o apoio do Exército poderemos levar a bom termo uma greve por melhores salários e roupas mais adequadas. Atenciosamente."

José Antônio Severo
Rio de Janeiro-RJ

Perdoai-vos o corte...

"Minha carta foi 'cortada' maquiavelicamente. Quer dizer... o que vou dizer? Ficou parecendo que me contradisse. Parece carta enviada pra jornalão. Cadê o final? O importante *afinal,* era o final. Mas como Jesus mandou não perdoar apenas 7 vezes, mas 70 vezes 7..."

Renato Canini
Porto Alegre — RS

Aqui vai a íntegra da carta de Renato Canini:

"Quando vejo pessoas como Darcy Ribeiro e outros intelectuais do 1º time, achar que a religião e Deus é para imbecis, fico com esta história: Na Rússia, antes do regime comunista, certo ateu tinha realizado um comício público abertamente desafiando a Deus. Uma pequena camponesa se levantou: 'Senhor, não posso responder a todos os seus argumentos ocultos; sou apenas uma lavradora de terra. Peço-lhe o favor, com toda a sua inteligência superior, de me responder a uma pergunta, já que há muitos anos sou crente de em Cristo Jesus. Sinto gozo da salvação e tenho enorme alegria na Bíblia. Sua consolação sempre foi uma doce alegria para mim. Se, na hora da minha morte, eu chegar a descobrir que não existe Deus, que Jesus não é filho de Deus, que a Bíblia não é verdadeira e que não há salvação, nem céu para eu ir — diga-me então: O que perdi por ter crido em Deus durante a vida?'

Comovido pela simplicidade da mulher, o ateu respondeu: 'Senhora, não perderás coisa alguma'.

Respondeu a camponsesa: 'Obrigada pela sua bondade em responder a minha pergunta. Permita-me mais uma. Se, quando chegar a hora de o Senhor morrer, descobrir que a Bíblia é verdadeira, que Deus existe, que Jesus é o Seu Filho e que o céu e o inferno são uma realidade, diga-me: Qual é a perda que o senhor sofrerá?'. O ateu não tinha resposta; percebeu a tolice de tomar o risco tão enorme de deixar Deus fora de sua vida".

Renato Canini (um dos "imbecis" que põe em Deus a sua Confiança)
Porto Alegre — RS

O jeito brasileiro de fazer democracia

"Não sei se o general Figueiredo deve levar até às últimas conseqüências seu juramento de fazer deste país uma democracia. Uma democracia plena implica em civil no poder. Se o presidente civil for um homem do PMDB, o que seria quase certo numa eleição livre e direta para presidente, vai desagradar os militares, quase todos do PDS: Aí já se viu, né? Derrubam o presidente e implantam um regime revolucionário. Um regime que há de durar o dobro do atual, porque em porta arrombada tranca de ferro. Lá pelo ano 2020, cumprido o novo ciclo revolucionário, sobe ao poder outro civil...

Mas pra que todo esse radicalismo? Por que mexer com quem está quieto? Eu deixava como está. Essa nossa democracia limitada está muito boa. Poupa-nos de revoluções que podem até custar mortos e feridos. Vai ver que descobrimos afinal o jeito brasileiro de fazer democracia. Será pedir demais esperar que um militar brasileiro nos regale com uma democracia quase perfeita que nem a escandinava. Minha vó sempre dizia: quem tudo quer tudo perde e o ótimo é inimigo do bom. Somos o país mais belo do mundo, temos o melhor futebol, as mais belas e cálidas mulheres e a mais importante música popular deste planeta. O senhor, que é brasileiro, já nos aquinhoou demais. Não nos convém abusar de Sua divina magnanimidade. Não é bom dar sopa pro azar. A coisa mais lógica e melhor que podemos fazer por algo ou alguém que cai o tempo todo, é deixá-lo no chão, donde não pode cair. É melhor um leão na jaula do que um leão no picadeiro onde estamos. Mas também é melhor um leão no picadeiro do que um leão nas ruas. E no Brasil, o leão está mais para a rua do que para a jaula".

Ronaldo Cruz
Porto Alegre-RS

EXPEDIENTE

Diretor-Editor
Osmar Trindade
Editores
Antônio Manoel de Oliveira, José Antônio Vieira da Cunha, Manoel Canabarro, Victor Hugo Sperb, Daniel de Andrade (Fotografia), Edgar Vasques (Arte)
Redação/Fotografia
Rafael Guimarães, Elaine Lerner, Luiz Eduardo Achutti, Delmar Marques, Juarez Fonseca, José Guaraci Fraga, Luiz Carlos Merten, Eduardo Bueno, Licínio Azevedo.
Diagramação/Arte
Luiz Antônio Pinheiro, Eugênio Neves, Luiz Gustavo Machado.
Correspondentes
Geraldo Hasse (São Paulo), Riomar Trindade (Rio), Ariosto Teixeira (Brasília).
Secretária Executiva
Vera Maria Moreira
Endereço: Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Porto Alegre, RS.
Distribuição exclusiva em todo o território nacional: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro — RJ — CEP 20.563
Assinaturas: País: Cr$ 1.100,00 por 12 edições; América Latina: 50 dólares; demais países: 60 dólares.
Números atrasados: À venda somente a partir da edição nº 30, ao preço da última edição na banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor em cheque ou vale postal em nome da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.
(Associado à Ajocoop)
Edição mensal
Impresso na CORAG - Aparício Borges, 2199

coojornal
ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.
A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia.

ASSOCIADOS:
Osmar Trindade (**Presidente**), Antônio Oliveira (**Vice-presidente**), Rafael Guimarães (**Secretário**), Affonso Ritter, Carlos Roberto Dornelles, Danilo Ucha, Luis Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice Aquistapace, Jorge Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel Canabarro e Tomás Irineu Pereira (**Conselheiros de Administração**)
Elaine Lerner, Sérgio Batsow, Vladimir Neto Ungaretti, Eugênio Neves, Francisco Daniel da Silva e Mauro Toralles (**Conselheiros Fiscais**)
Daniel de Andrade, Edgar Vasquez, Fernando Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge Gallina, José Antônio Pinheiro Machado, Juarez Fonseca, Luiz Carlos Merten e Valdir da Silva (**Conselheiros de Edição**)
Acari Amorim, Adalberto Corrêa de Lemos, Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas de Freitas, Ademir Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo Correa, Afonso Licks, Agene Schiffino, Airton M. Rodrigues, Alberto André, Alberto Filgueiras, Alberto Blum, Alda Souza, Alfonso Abrahan Alfredo Fedrizzi, Alice de Lorenzi Urbim, Amauri Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana Maria Riviello, Ana Maria Smidt, Ana Maria Terra Magalhães, André Jockymann, Ângela B. Ricordi, Ângela Santamgelo, Ângelo Teixeira Júnior, Aníbal Bendatti, Anilson Gantes da Costa, Antôno Britto Filho, Antônio Carlos Esteves, Antônio Firmo Gonzalez, Antônio Dreon Peres, Antônio Vargas, Ariosto Teixeira, Ari da Silva Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral Rollemberg, Armindo Antônio Ranzolin, Artur Monteiro, Artur Oliveira Filho, Artur Pereira da Silva, Artur S. Poester, Ataídes Miranda, Augustinho Licks, Avani Maenfeld, Ayrton Centeno, Ayrton Kanitz, Beatriz Micheletto da Rosa, Beatriz Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete Duarte Schimitt, Bruno Ange Ferreira, Cândido Cruz, Carla Irigaray, Carlos Alberto Fruet, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre Gruber de Castro, Carlos Alfredo Simch da Silva, Carlos Alves Müller, Carlos Athanazio, Carlos Fehlberg, Carlos Frederico Mentz, Carlos Gerbase, Carlos Karnas, Carlos Henrique Bastos, Carlos Marino Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos Roberto Silveira, Carlos Salzano V. da Cunha, Carmem Rita Cagno, Carmem Silveira, Carmem Silvia Rial, Celso Rosa, Celso Schroeder, Cid Pinhero Cabral, Cinara Lima, Cintia Leal, Clarice Dornelles, Ciro Dias dos Reis, Cláudia Quinto, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Clayton Selistre, Cléa Marcia Motti, Clóvis Heberle, Clóvis Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro Canabarro, Delmar Marques, Divino Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna Della Nina, Edson Chaves Filho, Edson Kosminski, Eduardo A. Tavares, Eduardo R. Bueno, Eduardo San Martin, Eduardo S. Guimaraens, Eleonora Canto de Lucena, Elio Falcão Vieira, Elisabete Portugal, Elisabeth Copetti, Eloísa Enck, Elmar Bones da Costa, Elser Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torma, Erni Quaresma, Euclides Torres, Eugênio Bortolon, Eva Caparelli, Evaldo Gonçalves, Evelyn Berg Ioshpe, Evilázio Oliveira, Fátima Regina Torri, Fernando Lindote, Fernando Saes, Fernando Guedes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello, Flávio Dutra, Flávio Schubert, Floreal Rodrigues Rosa, Floriano Correa, Francisco C. da Silva Ribeiro, Francisco Dias Lopes, Francisco José Karam, Francisco Juska, Francisco Paulo Santana, Gabriel Matias, Geanoni Peixoto, Gecy Balmonte, Geraldo Hasse, Gerson Schirmer, Gilberto Pauletti, Gilberto Leal, Glauco Cruz Brandão, Gomercindo Coutinho, Guilherme Pereira de Souza, Guisleno Baru Derquin, Gustavo de Freitas Moritz, Haroldo Abrantes da Silva, Hedi Moema Bauer, Heidy Gerhadt, Hélcio Pereira, Hélio Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloísa Cé, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo Macedo, Higino Barros, Hiltor Paulo Mombach, Hiron Cardoso Goidanich, Iara Bendatti, Iara Schilling Pereira, Iaraporan Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda Guterres Bernardi, Ignes Pletsch, Ilgo Wink, Ilza Girardi, Imara Stalbaum, Ivan Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger, Jandira Cesar, Jandira D'Ávila Feijó, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, Jayme Klintowitz, jaime Saltchuk, João Batista Scalco, João C. Ferreira da Silva, João Paulo Lacerda, João dos Reis Muniz, Jorge Baumann, Jorge Freitas, Jorge Meditsch, Jorge Escosteguy, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge Oliveira da Silva, Jorge M. Gomes, Jorge Sá de Miranda Neto, José Antônio Ribeiro, José Antônio Severo, José A. Simch da Silva, José A. Pinto Netto, José A. Vieira Flores, José D. Ripoll, José Emanuel Mattos, José Enedir Francisco, José E. Nascentes, José Félix Valente, José Guaraci Fraga, José H. Mitchll, José Lauro Dickmann, José Luiz Chiarelli, José Luiz D. da Silva Lima, José Luiz Prévidi, José Marcelo Pontes, José Onofre, José Reduzino de Araújo, José R. Fontes, José Roberto de Alencar e Silva, José Roberto Garcez, José Abu-Jamra, José Secundino da Fonseca, Juan Carlos Gomes, Judith Costa, Julieta Nunes, Júlio José Chavenatto, Júlio Sortica, Jurandir Silveira, Jussara Coelho, Laerte de Franceschi, Laerte Martins, Laila Pinheiro, Lauro Quadros, Lea Aragon, Lenora Vargas, Leo Tavejhanski, Leonardo Dourado, Leonid Streliaev, Licínio Azevedo, Lilian Bem David, Linda Cristina Degrazia Sarturi, Lorena da Silva Paim, Lotário Neuberger, Lourival Viana e Silva, Lucila Camargo, Luiz Alberto Arteche, Luiz Alberto Scotto, Luiz Americano Vidal, Luiz Antônio Duarte, Luiz A. Corazza, Luiz A. Kosminski, Luiz A. Pinheiro, Luiz Carlos Felizardo, Luiz Carlos Ferreira, Luiz Carlos Miranda, Luiz Carlos Mello, Luiz Carlos O. de Almeida, Luiz Cláudio Cunha, Luiz Eduardo Achutti, Luiz Fernando Lima, Luiz Fernando Flores, Luiz Fernando L. da Silva, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Fonseca, Luiz Gonzaga, Luiz Humberto Pereira, Luiz Inácio de Castro, Luiz Oscar Matzenbacher, Luiz Paulo Pilla Vares, Luiz P. Ruschel Daudt, Luiz Vitello, Luiz Recena Grassi, Luiz Lanzetta, Lygia Miriam Nunes, Manuel J. Lourenço, Mara Bernardes, Marcelos Vilas-Boas dos Santos, Marcia Silva Câmara, Marcia Beatriz Turcatto, Marco Antônio Schuster, Marcos Antônio Baggio, Marco Tulio de Rose, Maria Angélica de Moraes, Maria Elaine Borges, Maria da Graça Seligman, Maria da Graça Silva, Maria H. Passos, Maria Helena Branchar, Maria Iara Rech, Maria Ines Zanchetta, Maria I. Hummes, Maria L. Fontanive, Maria Luiza Teixeira, Maria Regina Ferreira, Maria Suely Caldas, Margareth da S. Paula, Marina Wodtke, Marinoria Osório, Mário Alberto Nascimento, Mário Aris Perez, Mário Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marise Fetter, Meristela Barrios, Maroni João da Silva, Marques Leonam, Mary Menda, Mary Mezzari, Maureci Santos, Mauro C. Silveira, Milton Galdino da Silva, Milton Wells, Milton R. da Silva, Milton Saldanha Machado, Miriam Costa Correa, Miriam Tereza Chagas de Moura, Miriam T. Timponi, Mirta Coelho Maron, Najar Tubino, Nelson Franco Jobim, Nelson Matzembacher Ferrão, Neltair Rebés Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nilson Figueiredo, Nilson Guimarães, Nirce Levin, Nivaldo T. Manzano, Octacílio Grivot, Odilon Abreu, Olides Canton, Olívio Lamas, Olyr Zavaschi, Omar Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otílio Rieth, Paolo Marconi, Patrício Bentes, Paulo Antôno Fogaça de Medeiros, Paulo Burde, Paulo Cancian, Paulo C. de Almeida Verri, Paulo Denis Pereira, Paulo V. Macedo, Paulo E. Vasconcellos, Paulo Fernando Guerreiro, Paulo Gerson A. de Oliveira, Paulo Marcon, Paulo Mário Garcia, Paulo Martimbianco, Paulo Queirós Bezerra, Paulo e Tarso Riccordi, Paulo Totti, Pedro Macedo, Pedro Sosa, Pedro V. Maciel, Plinio Dotto, Porfírio Borba Netto, Raul Rubenich, Raul Quevedo, Regina Vasques, Rejane Lempeck, Remi Baldasso, Renan A. de Oliveira, Renato Canini, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Ricardo Bolsoni, Ricardo Chaves, Ricardo Schimitt, Riomar Trindade, Roberto Alves D'Azevedo, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto Ethel, Roberto Franco, Roberto L. Antunes Fleck, Roberto Manera, Rogério Fróes Monteiro, Rogério R. Ruschel, Rogério S. de Medeiros, Rômulo Krafka, Ronaldo Westermann, Rosvita Saueressig, Rubens Constantino Volpe, Rui Jorge Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Becker, Sérgio Caparelli, Sérgio Moita, Sérgio Roca Lagranha, Sérgio Toniello, Severino Goes, Sibila Rocha, Silmar Müller, Silvia de Souza Costa, Silvio Ferreira, Silvio S. Corrêa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho, Tânia J. Failace, Tânia Krutscka, Telmo Zanini, Terezinha Figueiredo, Ubirajara Silva Prates, Vera Daisy Barcellos, Vera Bosak, Vera Costa, Vera Kern, Vera Maria Gomes, Vera Monteiro, Victor Hugo Sperb, Virson Holdembaum, Victor Moraes, Waldoar Teixeira, Walter Firmo da Silva, Whalmir Anna von Koening, Wilmar Marques, Zelia D. Leal.

Associado à AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

MANUEL PUIG E O ENIGMA PERÓN

Um capítulo inédito de Pubis Angelical, *romance do escritor argentino lançado no Brasil*

Foi só depois que se mudou para o Rio de Janeiro, há um ano e meio, que o escritor argentino Manuel Puig, de 51 anos, tornou-se mais conhecido no Brasil. Antes, embora tivesse publicado três romances (*) em português, a literatura de Puig ficava confinada ao pequeno círculo da crítica e dos "iniciados".

Ele veio ao Rio procurando uma cidade que unisse o útil ao agradável: uma grande metrópole relativamente próxima de seus principais centros editoriais, Nova York e Barcelona, e que tivesse praia e clima quente, permitindo-lhe fazer seus exercícios diários. Além disso, encontrou o sucesso literário, quando a Editora Codecri lançou, ano passado, O Beijo da Mulher Aranha, *há vários meses na lista dos mais vendidos. Na esteira do sucesso deste livro, a Codecri já relançou* The Buenos Aires Affair *e prepara para este mês a edição de* Pubis Angelical *— do qual publicamos um trecho inédito, a seguir.*

Pubis Angelical *tem como pano de fundo a história política recente da Argentina, da volta do caudilho Juan Domingo Perón até sua morte, com a ascensão de Isabelita Perón à Casa Rosada e a deflagração da violência política que abalou o país durante a década de 70 e resultou no golpe militar de março de 76.*

Há oito anos Manuel Puig não volta à Buenos Aires, de onde saiu pela primeira vez com 23 anos para morar na Europa e nos Estados Unidos. Lá trabalhou como roteirista de cinema, sua grande e confessada paixão. Voltou à Argentina quando começou a publicar seus primeiros livros, no final dos anos 60. Ficou durante cinco anos, mas preferiu sair quando começaram as "dificuldades": censura, política conturbada, terrorismo. Hoje, seus compatriotas não encontram nas livrarias The Buenos Aires Affair *e* O Beijo da Mulher Aranha, *proibidos pelo governo militar. Mas, em compensação, Puig tornou-se um escritor conhecido e respeitado mundialmente — seus livros já foram traduzidos para 21 idiomas.*

Atualmente, ele trabalha em um novo romance, ainda sem título, que terá como protagonista principal um operário brasileiro que o escritor conheceu quando mandou fazer algumas reformas em seu apartamento do Leblon, no ano passado. Puig interessou-se pela história do operário, que voltou muitas vezes ao seu apartamento — recebendo a diária — depois de concluída a reforma, para contar ao escritor sua vida na Baixada Fluminense. Mas este livro não deverá estar pronto antes de 1983, a julgar pelo tempo médio gasto por Manuel Puig para escrever seus romances anteriores: três anos.

A seguir, um trecho de Pubis Angelical, *que a Editora Codecri lança este mês em todo o país. Trata-se de um diálogo travado entre os personagens* Ana *e* Pozzi, *na cidade do México. Ele é um advogado e militante peronista, e ela, sua ex-amante, uma mulher da classe média sem qualquer envolvimento político, que exerceu durante alguns anos a função de relações-públicas do Teatro Cólon, de Buenos Aires. Um diálogo esclarecedor sobre a origem e as entranhas do movimento peronista:*

página 18

— Pedi-lhe três dias para pensar nisso, mas não posso chegar a uma conclusão, há tanta coisa que não sei! Como posso me decidir?

— Esclareçamos agora tudo o que você quiser, para isso estou aqui. Para isso me mandaram.

— Eu acho isso tudo muito confuso: de peronistas de esquerda, de direita, e do outro lado o partido socialista.

— Me pergunte tudo.

— Bem, vejamos... Como você, um homem de esquerda, foi se meter no peronismo?

— Eu me meti no peronismo, mas foi depois que me tornei peronista.

— Não complica, o que quer dizer com isso?

— Eu nunca contei porque entrei na política?

— Só alguma coisa.

— Não, antes eu não queria falar para não enchê-la de informações. Poderia ser incômodo para você, no caso de que a interrogassem por minha causa, o que poderia contecer.

— O que é que eu não sei?

— Foi na escola secundária. Durante o segundo governo de Perón eu era um antiperonista furibundo. Quando o derrubaram eu tinha quinze anos, havia entrado para a Juventude Socialista e para a Federação de Estudantes Secundários.

— E c que era isso?

— Não se lembra? A central de estudantes secundários antiperonistas. Mas quando Perón caiu, lembro que me aconteceram muitas coisas. Eu estava um dia num ônibus, o 229, e ao chegar próximo da Praça Falucho, em frente ao I Regimento, havia um grupo de operários mal vestidos que choravam e gritavam contra os militares e manifestantes que passavam de carro, celebrando o golpe. E, naquela época, ter carro na Argentina era coisa de gente com muito dinheiro. E dentro do ônibus havia uma mulher que era evidentemente uma empregada.

— De que idade?

— Uma morena típica do interior. De uns 40 anos. Começou a gritar com todos nós. Nesse dia eu estava feliz, mas isso me marcou. Me chocou. Me deu a sensação de que havia alguma coisa que não funcionava, que eu ia festejar com os oligarcas e que os pobres defendiam o tirano. No momento eu não analisei, mas ficou marcado. O ano de 55.

— Sim, continue.

— Ah, e outra coisa. Dias depois participei de uma manifestação pela Avenida Santa Fé, em cima de um caminhão. E com a gente vinha um operário do Centro Socialista ao qual eu pertencia. Um operário que havia lutado muito, que se havia arrebentado. E muitos dos manifestantes que passavam o agrediam, "negro, você deve ser um deles", meio de brincadeira, meio a sério. Tivemos que defendê-lo. E era incrível, a cada momento alguém se metia com ele, porque se notava que era um operário. Esse sujeito se cansou e foi embora. Eu, na euforia, nem me lembrei mais.

— E porque pela Avenida Santa Fé?

— Aí se faziam as manifestações. Por quê? Era o bairro do dinheiro, dos que ganharam. Ninguém se atrevia a fazê-las nos bairros operários, tampouco em bairros da classe média. E em seguida veio a agitação nas Juventudes Socialistas, que começaram a colocar-se em posição contrária a Ghioldi.

— Espere, esse era um socialista, não?

— Sim, mas que mantinha as posições mais gorilas, mais antioperárias, contrário a convocação de eleições. E conto mais. Outro momento de choque na minha experiência pessoal, com relação ao peronismo. Havia uma junta consultiva que assessorava o novo governo militar, e era integrada pelos partidos políticos. Um grupo da Juventude Socialista foi

edgar vasques

ELES QUE SÃO BRANCOS...

edgar vasques

ESTOU MUITO PREOCUPADO!

I-IDEM!

NÃO VEJO IDÉIAS EFICIENTES À MINHA VOLTA!

IDEM!

ASSIM, EU TENHO ATÉ MEDO DAS ELEIÇÕES!

IDEM! IDEM!

VOCÊ SÓ SABE DIZER IDEM!? É POR ISSO QUE ESTAMOS DESSE JEITO, SEU IDIOTA! SUMA-SE!

EI, NÃO É AQUELE POLÍTICO GOVERNISTA? QUÉ PASA CON ELE?

ORA, É APENAS UMA PEQUENA CRISE DE **IDEM**TIDADE!

09/81

MEU CANTINHO

edgar vasques

BARBARIDADE! NINGUÉM TEM MORADIA, E QUANDO ACHAM UM CANTO DESOCUPADO, VEM A POLÍCIA E EXPULSA!

POSSEIROS DESALOJADOS

NESSE PONTO NÓS LEVAMOS VANTAGEM, NÉ PAI? AFINAL QUEM É QUE VAI COBIÇAR UM DEPÓSITO DE LI...

ATENÇÃO, POSSEIROS!

TÊM 10 MINUTOS PARA ABANDONAR PACÍFICAMENTE A GLEBA DO DEPARTAMENTO DE LIMPEZA URBANA!

09/81